

**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Ana Catarina Mano da Silva Torres

Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital.  
Contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade  
d o m é s t i c a e m *B r a c a r a A u g u s t a*

Relatório de Estágio  
Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins**  
e da  
**Doutora Raquel Martínez Peñín**

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Ana Catarina Mano da Silva Torres

**Endereço eletrónico:** anacmst@hotmail.com

**Telefone:** 914174061

**Número do Bilhete de Identidade:** 13628941

**Título da Tese de Mestrado:**

Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital. Contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade doméstica em *Bracara Augusta*

**Orientadores:**

Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins  
Doutora Raquel Martínez Peñín

**Ano de conclusão:** 2014

**Ramo do Conhecimento do Mestrado:**

Arqueologia

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE.

Universidade do Minho, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2014

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

As minhas primeiras palavras de agradecimento dirigem-se à minha orientadora a Professora Doutora Manuela Martins, que ao longo deste estágio, me apoiou desde o início. Agradeço a sugestão do tema, a confiança que depositou em mim para a realização deste trabalho e a partilha do saber.

À minha coorientadora Doutora Raquel Martínez Peñin, agradeço o incentivo constante, a disponibilidade e o apoio que me prestou ao longo deste ano de estágio.

À Professora Doutora Maria do Carmo Ribeiro exprimo o meu reconhecimento pelo encorajamento e o estímulo que me transmitiu no momento certo.

À Doutora Fernanda Magalhães uma das pessoas que desempenhou um papel importante na minha formação como arqueóloga, desde os primeiros estágios em arqueologia até à concretização deste trabalho, expresso toda a minha gratidão. Agradeço o apoio constante, a disponibilidade, a paciência e toda a ajuda, que foram fundamentais para levar este trabalho a bom termo. A ela, dirijo um sincero obrigado.

À Juliana Silva dedico um especial agradecimento pela amizade, companheirismo, disponibilidade, prontidão e todo o apoio concedido ao longo desta etapa da minha formação.

Aos investigadores da UAUM, especialmente, à Cristina Braga e ao Jorge Ribeiro, agradeço as palavras de incentivo, o apoio e a partilha de conhecimento.

A todos os funcionários da UAUM, particularmente ao Eurico Machado, um obrigado por todo o apoio e pela amizade, e à Eng<sup>a</sup> Natália Botica pela ajuda na realização das fichas e matrizes das unidades estratigráficas.

Agradeço também a todos os meus amigos pelas palavras de incentivo ao longo deste ano, principalmente à Madalena Rodrigues, por estar sempre presente apesar da distância física, pelo carinho e pelas palavras certas nos momentos “menos bons” e um agradecimento especial ao André Martins, que me acompanhou durante todo este percurso, mostrando o seu amor, companheirismo, paciência e compreensão.

Finalmente agradeço aos meus pais, a minha fonte de energia, por me proporcionarem as condições para concretizar esta etapa da minha formação, e ao meu irmão pelo apoio não só neste momento, mas ao longo de toda a minha vida.



## Resumo

Este trabalho é o resultado de um estágio efetuado no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho, que teve como objetivo analisar a sequência de ocupação da zona arqueológica do Ex Albergue Distrital, com base nos resultados das escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no âmbito do *Projeto de Salvamento de Bracara Augusta*.

A análise dos cadernos de campo das escavações efetuadas nesta zona arqueológica originou um abundante conjunto de informação, permitindo-nos realizar a validação da longa sequência estratigráfica do sítio, auxiliada pelo estudo dos materiais, interpretar as ruínas identificadas e definir o faseamento das estruturas. Como resultado deste trabalho elaborámos uma proposta para a sequência de ocupação da zona arqueológica do Ex Albergue e produzimos plantas interpretadas das estruturas encontradas, correspondentes às diferentes fases de ocupação da *domus* e pórticos anexos, tendo igualmente sido realizada a caracterização espacial e funcional dos espaços públicos e privados da casa.

O nosso estudo permitiu-nos compreender as particularidades de uma casa romana, desde a sua construção até ao seu abandono, tendo contribuído para um melhor conhecimento da arquitetura doméstica de *Bracara Augusta*. Neste sentido, estabelecemos as fases construtivas da habitação e tentamos identificar as remodelações decorrentes de uma utilização contínua.

Assim, julgamos que os objetivos propostos para este estudo foram atingidos, pois conseguimos analisar uma unidade habitacional de *Bracara Augusta*, interpretando a sua orgânica e estabelecendo a sua tipologia, mas, também, inserindo-a na história longa da construção do espaço urbano de Braga. Em síntese, elaboramos uma base documental que esperamos que se transforme num contributo para um melhor conhecimento da arquitetura privada de *Bracara Augusta*, bem como para o estudo evolutivo da cidade.

## Abstract

This work is the result of an internship carried out within the Master in Archaeology at the University of Minho, which aimed to analyze the occupation of the archaeological area of Ex Albergue Distrital, based on the results of the excavations conducted by the Unit of Archaeology of the University of Minho, in the context of *Bracara Augusta* Rescue Project.

The analysis of field records of the excavations carried out originated a rich body of data, allowing us to perform a validation of the site long stratigraphic sequence, aided by the study of materials, to interpret the identified remains and to set the main occupation phases of the structures. As a result of this work we drew up a proposal for the occupation sequence of this archaeological area and we produce interpreted plants of the structures, which correspond to different occupational phases of the *domus* and of the attached porticos. We also performed the spatial and functional characterization of the private and public spaces of the house.

Our study allowed us to understand the particularities of a Roman house, from its construction phase to its abandonment contributing to strengthen the awareness of the domestic architecture of *Bracara Augusta*. In this sense, we established the main construction phases of the *domus* and we have tried to identify the renovations resulting from its continuous use.

Thus, we believe that the proposed objectives for this study were achieved, as we were able to analyze a residential unit of *Bracara Augusta* by interpreting its organizational structure and typology, but also by inserting it in the long history of the construction of the Braga's urban space. In summary, we put together a documentary basis expecting it may contribute to a better knowledge of the private architecture of *Bracara Augusta*, as well as to the evolutionary study of the city.



## Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Índice	vii
Lista de figuras	ix
Lista de apêndices	xiii
Abreviaturas	xv

<b>Introdução</b>	<b>3</b>
-------------------	----------

### **Parte I – Introdução ao estudo da arquitetura doméstica em *Bracara Augusta***

<b>1 A habitação romana como objeto de análise</b>	<b>7</b>
<b>2 Arquitetura privada em <i>Bracara Augusta</i></b>	<b>12</b>
2.1 Origem e evolução de <i>Bracara Augusta</i>	12
2.2 A arquitetura privada em <i>Bracara Augusta</i>	15
<b>3 Fontes para a análise da arquitetura privada</b>	<b>20</b>
<b>4 Objetivos</b>	<b>22</b>
<b>5 Metodologia de análise</b>	<b>23</b>

### **Parte II - Análise da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital**

<b>1 Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital</b>	<b>31</b>
1.1 Identificação da Zona Arqueológica	31
1.2 Dados da Zona Arqueológica	31
1.3 Responsáveis	31
1.4 Tipo de Intervenção	32
1.5 Estado de Conservação	32
1.6 Ruínas identificadas	32
<b>2 Dados cronológicos e fases de ocupação</b>	<b>33</b>
<b>3 Descrição arquitetónica</b>	<b>35</b>
3.1 Materiais e técnicas construtivas	35
3.1.1 Muros	35
3.1.2 Pavimentos	39
3.1.3 Sistemas hidráulicos	40
3.2 Embasamentos de pilares	52
3.3 Elementos arquitetónicos	62

### **Parte III - Análise evolutiva e funcional da unidade doméstica da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital**

<b>1 Fases de ocupação</b>	<b>69</b>
<b>2 Espaços e funcionalidades</b>	<b>70</b>

2.1	Fase I	70
2.2	Fase II	74
2.3	Fase III	78
2.4	Fase IV	80
2.5	Fase V	81
2.6	Fase VI	83
2.7	Fase VII	86
2.8	Fase VIII	87
<b>Considerações finais</b>		91
<b>Referências bibliográficas</b>		99
<b>Apêndices</b>		

## Lista de Figuras

- Figura 1- Mapa da Península Ibérica com a localização de *Bracara Augusta*
- Figura 2- Malha Urbana de *Bracara Augusta* com a localização das ruínas da zona arqueológica do Ex Albergue Distrital
- Figura 3- Restituição 3D da *domus* das Carvalheiras
- Figura 4- Planta interpretada da *domus* da Escola Velha de Sé
- Figura 5- Restituição 3D da *domus* da Frei Caetano Brandão e Santo António das Travessas
- Figura 6- Perspetiva geral do peristilo tardio localizado no Claustro do Seminário de Santiago
- Figura 7- Restituição 3D e planta interpretada da *domus* das Antigas Cavalariças
- Figura 8- Reconstituição 3D da *domus* do Ex Albergue Distrital
- Figura 9- Corte 5
- Figura 10- Corte 2
- Figura 11- Corte Transversal 1J O/E (*AutoCad*)
- Figura 12- Corte Transversal 1J O/E a cores (*AutoCad*)
- Figura 13- Planta final das ruínas da ZA do Ex Albergue Distrital
- Figura 14- Diagrama de Harris do setor J1 através do *ArchEd*
- Figura 15- Ficha de Análise
- Figura 16- Alçado do Muro UE 0637
- Figura 17- Alçado do Muro UE 0637
- Figura 18- Alçado do muro UE 0737
- Figura 19- Alçado do muro UE 0737
- Figura 20- Alçado do muro UE 0654
- Figura 21- Perfil Este com pormenor do muro UE 0505
- Figura 22- Pormenor da pavimentação da calçada UE 0566
- Figura 23- Plano da UE 0583 (CAN 1)
- Figura 24- Pormenor da UE 0583 (CAN 1)
- Figura 25- Croqui da UE 0583 (CAN 1)
- Figura 26- Fotografia UE 0563 (CAN 2)
- Figura 27- Croqui da UE 0563 (CAN 2)
- Figura 28- Plano da UE 0563 (CAN 2)
- Figura 29- Plano da UE 0611 (CAN 3)
- Figura 30- Croqui da UE 0611 (CAN 3)

Figura 31- Fotografia da UE 0610 (CAN 4)  
Figura 32- Croqui da UE 0610 (CAN 4)  
Figura 33- Plano da UE 0610 (CAN 4)  
Figura 34- Fotografia da UE 0590 (CAN 5)  
Figura 35- Croqui da UE 0590 (CAN 5)  
Figura 36- Plano da UE 0590 (CAN 5)  
Figura 37- Fotografia da UE 0838 (CAN 6)  
Figura 38- Croqui da UE 0838 (CAN 6)  
Figura 39- Plano da UE 0838 (CAN 6)  
Figura 40- Fotografia da UE 0598 (CAN 7)  
Figura 41- Croqui da UE 0598 (CAN 7)  
Figura 42 - Plano da UE 0598 (CAN 7)  
Figura 43- Fotografia da UE 0659 (CAN 8)  
Figura 44- Croqui da UE 0659 (CAN 8)  
Figura 45- Plano da UE 0659 (CAN 8)  
Figura 46- Fotografia da UE 0660 (CAN 9)  
Figura 47- Croqui da UE 0660 (CAN 9)  
Figura 48- Plano da UE 0660 (CAN 9)  
Figura 49- Fotografia da UE 0990 (CAN 10)  
Figura 50- Croqui da UE 0990 (CAN 10)  
Figura 51- Plano da UE 0990 (CAN 10)  
Figura 52- Fotografia da canalização UE 1001 (CAN 11)  
Figura 53- Croqui da UE 1001 (CAN 11)  
Figura 54- Plano da UE 1001 (CAN 11)  
Figura 55- Fotografia da UE 0887 (CAN 12)  
Figura 56- Croqui da UE 0887 (CAN 12)  
Figura 57- Plano da UE 0887 (CAN 12)  
Figura 58- Plano da UE 0759 (CAN 13)  
Figura 59- Croqui da UE 0759 (CAN 12)  
Figura 60- Alçado da UE 0502  
Figura 61- UE 0502  
Figura 62- Alçado da UE 0507

Figura 63- UE 0507  
Figura 64- Alçado UE 0539  
Figura 65- UE 0539  
Figura 66- UE 0545  
Figura 67- UE 0545  
Figura 68- Alçado da UE 0571  
Figura 69- Foto UE 0571  
Figura 70- Alçado UE 0574  
Figura 71- Foto UE 0574  
Figura 72- Alçado UE 0836  
Figura 73- Foto UE 0836  
Figura 74- Alçado UE 0837  
Figura 75- Plano final com a UE 0624  
Figura 76- Foto UE 0624  
Figura 77- Foto UE's 0695 e 0696  
Figura 78- Foto UE 0728  
Figura 79- Foto UE 0819  
Figura 80- Alçados da UE 1021  
Figura 81- Foto UE 1021  
Figura 82- Plano com UE 1027  
Figura 83- Plano final com a UE 1030  
Figura 84- Foto UE 1030  
Figura 85- Capitel coríntio  
Figura 86- Capitel coríntio  
Figura 87- Base de coluna (Nº Inv. 1997.0207)  
Figura 88- Base de coluna (Nº Inv. 1997.0202)  
Figura 89- Fuste (Nº Inv. 1997.0208)  
Figura 90- Planta interpretada Fase I  
Figura 91- Planta interpretada Fase II  
Figura 92- Planta interpretada Fase III  
Figura 93- Corte 6. Representação das UE's 0603 e 0638 (Fase IV)  
Figura 94- Corte 5. Representação as UE's 0974, 0918 e 0975 (Fase V)

Figura 95- Corte 12. Representação das UE's 0994, 1039, 1008 e 1007 (Fase VI)

Figura 96- Corte 8. Representação das UE's 0701,0702,0703,0707 e 0770 (Fase VII)

Figura 97- Corte 1. Representação das UE's 0676, 1002 e 0900 (Fase VIII)

## **Lista de apêndices**

Apêndice 1- Malha da cidade de Braga e fotograma 1946/47 com a localização da ZA Ex Albergue Distrital

Apêndice 2- Mapa atual da cidade de Braga com a localização da ZA Ex Albergue Distrital

Apêndice 3- Planta geral das ruínas da ZA Ex Albergue Distrital

Apêndice 4- Planta interpretada da ZA Ex Albergue Distrital Fase I

Apêndice 5- Planta interpretada da ZA Ex Albergue Distrital Fase II

Apêndice 6- Planta interpretada da ZA Ex Albergue Distrital Fase III

Apêndice 7- Modelo de restituição da *domus* do Ex Albergue Distrital Fase II

Apêndice 8- Modelo de restituição do *domus* do Ex Albergue Distrital Fase III

Apêndice 9- Cortes transversais E-O

Apêndice 10- Cortes transversais E-O

Apêndice 11- Cortes transversais E-O

Apêndice 12- Cortes transversais N-S

Apêndice 13- Cortes transversais N-S

Apêndice 14- Fotografias das peças cerâmicas da Fase I

Apêndice 15- Fotografias das peças cerâmicas da Fase II

Apêndice 16- Fotografia das peças de vidro da Fase II

Apêndice 17- Fotografia das peças cerâmicas da Fase IV

Apêndice 18- Fotografias das peças cerâmicas da Fase V

Apêndice 19- Conjunto de peças cerâmicas da Fase VII

Apêndice 20- Desenho das peças cerâmicas das Fases VII e VIII

Apêndice 21- Perspetivas gerais e de pormenor de estruturas referentes à Fase I

Apêndice 22- Perspetivas gerais e de pormenor de estruturas referentes à Fase II

Apêndice 23- Perspetivas gerais e de pormenor de estruturas referentes à Fase II

Apêndice 24- Perspetivas gerais e de pormenor de estruturas referentes às Fases III e IV

Apêndice 25- Perspetivas gerais e de pormenor de estruturas referentes às Fases VI e VII

Apêndice 26- Diagrama de Harris

Apêndice 27- Listagem geral das unidades estratigráficas

Apêndice 28- Matriz Relações Estratigráficas (CD)

Apêndice 29- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase I (CD)

Apêndice 30- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase II (CD)

- Apêndice 31- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase III (CD)
- Apêndice 32- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase IV (CD)
- Apêndice 33- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase V (CD)
- Apêndice 34- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase VI (CD)
- Apêndice 35- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase VII (CD)
- Apêndice 36- Descrição das Unidades Estratigráficas Fase VIII (CD)
- Apêndice 37- Listagem de materiais cerâmicos (CD)



## **Abreviaturas**

CAN	Canalizações
MDDS	Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa
UAUM	Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
Nº Inv	Número de Inventário
UE	Unidade Estratigráfica
ZA	Zona Arqueológica
m	Metro



## **Introdução**

---



## Introdução

Neste estágio elegemos como objeto de estudo a sequência ocupacional da zona arqueológica do Ex Albergue Distrital em Braga, tendo por base os dados fornecidos pelas escavações realizadas, entre 1980 e 1997, pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho no âmbito do “Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*”.

O nosso estudo incidiu sobre as ruínas arqueológicas identificadas nas antigas instalações do Ex Albergue Distrital, onde atualmente se encontra a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva. Contudo, tentamos sempre relacionar a informação produzida com outras zonas arqueológicas da cidade de Braga.

Com esta abordagem procuramos estudar a sequência ocupacional desta zona arqueológica desde o período romano até à atualidade. Assim, analisamos a sequência de ocupação do lugar e identificamos as diferentes fases construtivas que permitiram ensaiar propostas de organização planimétrica das estruturas encontradas, correspondentes a diferentes momentos de ocupação deste setor da cidade.

A nossa investigação iniciou-se com a análise dos cadernos de campo das escavações realizadas. A primeira fase do trabalho permitiu uma primeira valorização da informação arqueológica primária, tendo como objetivo proceder à sequenciação e interpretação das diferentes fases ocupacionais. Uma vez concluída esta fase, foi necessário proceder à introdução da informação na base de dados da Unidade de Arqueologia (SIUA). Na fase seguinte procedemos à elaboração da documentação gráfica, tendo sido trabalhados tanto cortes estratigráficos como plantas correspondentes às diferentes fases de ocupação desta zona arqueológica, desde o primeiro projeto arquitetónico até ao seu definitivo abandono.

Assim, com este trabalho pretendemos dar um contributo para um melhor conhecimento de *Bracara Augusta* e da cidade de Braga, sobretudo no âmbito da evolução da arquitetura e dos espaços domésticos.

O nosso trabalho apresenta-se dividido em três partes. Na primeira procuraremos efetuar um balanço da evolução dos estudos sobre a casa romana (ponto 1). De seguida, centramo-nos no contexto urbano de *Bracara Augusta* (ponto 2), seguindo-se uma abordagem das fontes usadas para o estudo da casa urbana romana (ponto 3). Os últimos dois pontos referem-se aos objetivos deste estudo (ponto 4) e às metodologias de análise usadas para a sua concretização (ponto 5).

Na segunda parte, analisaremos pormenorizadamente a unidade habitacional detetada nas escavações, incluindo os dados fornecidos pelos trabalhos arqueológicos (ponto 1), os dados cronológicos e as fases de construção (ponto 2) e a descrição arquitetónica (ponto 3), sendo analisados os muros, os sistemas hidráulicos, os pilares e os elementos arquitetónicos detetados. Na terceira parte, daremos conta das diversas fases de ocupação (ponto 1) e dos espaços e funcionalidades (ponto 2) desde a 1ª fase (ponto 2.1) até à 8ª fase (ponto 2.8). A última parte do nosso trabalho contém as principais conclusões que obtivemos ao longo da realização deste estágio.

## **Parte I**

---

### **Introdução ao estudo da arquitetura doméstica em *Bracara Augusta***





## 1 A habitação romana como objeto de análise

As investigações sobre a casa romana remetem, naturalmente, para o estudo de Pompeia e Herculano, já que foi nessas duas cidades que se iniciaram os estudos sobre o espaço doméstico romano. Por outro lado, o surgimento da Arqueologia Urbana, após a II Guerra Mundial, é considerado um novo impulso na pesquisa pela maioria das sistematizações sobre o tema.

A importância destas duas cidades é indiscutível, uma vez que funcionaram como referência para diversos estudos sobre esta temática. Apesar dos primeiros trabalhos sobre a habitação romana estarem baseados nas fontes literárias, principalmente em Vitruvius, usam sempre como referente a casa pompeiana. Como exemplo, poderíamos referir William Gell (1832) que analisa a casa pompeiana conjugando as fontes literárias com os aspetos arqueológicos. Já em 1828, este autor tinha realizado a descrição da '*Casa do Poeta Trágico*', descoberta em 1824 (Uribe Agudo, 2008:15).

Posteriormente, começam a surgir trabalhos que valorizam a planimetria ideal da casa pompeiana, tais como o de Nissen (1877), de J. Overbeck e A. Mau (1884). Este último autor publicou, em 1899, a obra '*Pompeii its life and art*', a qual marcará o paradigma de investigação das casas urbanas na primeira metade do século XX.

Apoiado na obra de Vitruvius G. Patroni (1941) analisou a casa romana segundo o modelo teórico antigo. Posteriormente, surgem outros trabalhos como os de V. Spinazzola (1953), W. Graham (1969), R. Étienne (1967) e D.S. Robertson (1969).

No início do século XX começam, finalmente, a ser valorizadas novas temáticas de investigação, designadamente, relativas aos ocupantes das casas, com é o caso do trabalho de Matteo della Corte, com o título de '*Casa ed abitanti di Pompeia*'. Este autor usa a epigrafia para reconstruir a vida e a identidade das casas pompeianas (Uribe Agudo, 2008:17).

Até 1972 mais trabalhos dedicados à problemática da arquitetura privada despontaram. Contudo, nenhuma *domus* tinha sido estudada na íntegra, possivelmente pela falta de fontes documentais, de meios económicos para a realização de escavações arqueológicas, também pelo desaparecimento de certas ruínas, devido à degradação, ou pela falta de interesse dos investigadores pelo estudo da arquitetura privada.

Assim, em 1973. Amadeo Maiuri divulgou os resultados das escavações da '*Casa do Cirurgião*' de Pompeia, onde confirmou a existência de duas fases construtivas, facto que permitirá

desfazer o dominante rígido conceito da casa itálica. Na mesma época, B. Tamn altera o modo de ver a casa romana, ao afirmar que só a partir dos anos 80 a.C. se poderia falar num protótipo da casa romana (Uribe Agudo, 2008 *apud* Magalhães 2010)

Em 1975, Alexander G. Mckay publica '*Houses, Villas and Places in the Roman World*', obra que hoje é considerada um modelo de investigação. Contudo, Mckay mostrou algumas discordâncias relativamente aos pressupostos de B. Tamn (Magalhães, 2010:11).

A partir de finais da década de 70 do século XX, iniciam-se os estudos sobre as diferentes partes da casa romana. Assim, em 1980, Salza publica um artigo '*Cucine e quartieri servili in epoca romana*', onde valoriza as áreas "menos requintadas" como os espaços servis e a cozinha. Já no ano 1977 surge a obra '*URBS ROMA, Vida y costumbres de los Romanos*' de Jose Guillen, onde se aborda a vida quotidiana na cidade romana, com destaque para os espaços domésticos e a sua envolvência.

Ainda nos finais dos anos 70 do século passado cabe destacar os trabalhos de Evans (1978) e de Hoffman (1979) que publica uma monografia sobre Pompeia, onde elabora uma ampla revisão da evolução da arquitetura doméstica nesta cidade.

As escavações em Pompeia continuaram, sendo de salientar os trabalhos arqueológicos efetuados na '*Casa di Ganimede*', dirigidos por Eschebach, que permitiram demonstrar que as primeiras casas pompeianas não tinham *impluvium*, nem *compluvium*, facto que permitiu conhecer melhor as origens da casa romana (Eschebach, 1982).

Desde os anos 80, e devido à influência de outras disciplinas, como a Antropologia, a casa deixa de ser vista como um simples "contentor", para se tornar num documento histórico e social. Trabalhos de autores como de Frier (1980), Boersma (1985) Hoepfner e Schwander (1986) e Thébert (1987) viriam a revolucionar o panorama científico ao criarem novos modelos de estudo para conseguir um maior número de informação sobre os habitantes das residências (Uribe Agudo, 2008:27).

A par destes trabalhos surgem também novos projetos sobre o estudo da casa romana. Entre estes trabalhos destaca-se o de Ling (1983), que iniciou um projeto para a criação de uma base de dados de toda a informação das escavações de Pompeia. Estes novos conceitos relativos à arquitetura doméstica terminaram com os trabalhos de Andrew Wallace-Hadrill (1993) e Paul Zanker (1993). O primeiro autor avalia quer os textos antigos quer os vestígios arqueológicos tendo em vista compreender a identidade dos proprietários das casas, bem como a estruturação dos diferentes espaços, que se relaciona com a relação entre os residentes e os visitantes (Bermejo

Tirado, 2014). Já Paul Zanker acredita que a casa reflete o *status* do proprietário, bem como a imagem que este quer transmitir aos visitantes, salientando, ainda, a estreita relação que existe entre a vida privada e o âmbito público da domus.

A questão da higiene foi abordada por Scobie (1986), na obra '*Slums, sanitation and mortality in the roman world*', que conjugou as fontes escritas com os vestígios arqueológicos, tendo em vista analisar as questões de higiene nas casas das classes altas e baixas.

Nos anos 90 do século XX surgem novos dados, em resultado de novas escavações, que permitiram questionar alguns dos conhecimentos anteriores, nomeadamente em relação à origem e evolução da casa romana. Em 1990 surge a obra de Emilio De Albentis '*La Casa dei romani*', que se tornou na mais completa sobre a evolução da arquitetura privada romana.

Em 1997, A. Wallace-Hadrill e R. Laurence publicaram um importante trabalho onde abordam a casa romana de *atrium* numa perspetiva sociológica, afirmando que a casa é a imagem do *status* que o dono da casa quer passar às visitas. Estava aberta uma nova perspetiva de abordagem do universo da habitação doméstica, que influenciará praticamente todas as investigações posteriores (Magalhães, 2010:13).

Na década de 90 assiste-se a um aumento exponencial da bibliografia sobre o tema da casa, destacando-se o trabalho de P. Zanker (1993) sobre a cidade de Pompeia, o de F. Pesando (1997), sobre a casa pompeiana na época tardo republicana, o de L. Richardson (1998) sobre a evolução arquitetónica, o de J.A Dickman (1999), ou o de F. Pirson (1999) sobre as cidades de Pompeia e Herculano. Nos finais dos anos noventa, surge o importante estudo de K. E. Meyer (1999), que aborda a casa de peristilo, o qual permitiu uma viragem nas investigações sobre este modelo de casa romana (Vicente Cortés, 2009:25).

Mais recentemente é importante salientar os trabalhos que refletem novas contribuições e tendências de investigação. Entre eles podemos referir os estudos de Ugo Paoli (2000), nos quais se analisam os espaços internos da casa romana de Pompeia, de S. P. Ellis (2000), de S. Hales e P. Gros (2001) que se tornam referenciais no estudo da arquitetura privada, ou os de P. Allison (2004), M. P. Guidobaldi e F. Pesando (2006), J. J. Dobbins e P.W. Foss (2007), ou o recente trabalho de Mary Beard (2010), onde a autora retrata todos os pormenores da vida quotidiana dos habitantes dessa cidade.

Com os trabalhos de Allison (2004) surge uma nova tendência de investigação, pois o estudo da vivenda passa a ser efetuado através da análise dos materiais e da sua decoração (Uribe Agudo, 2008:32).

Apesar da grande maioria dos estudos relativos a esta temática se centrarem na Península Itálica e nos resultados das escavações de Pompeia, também se concretizaram estudos fora dela, embora sejam menos numerosos. Entre outros podíamos referir os elaborados por R. Etiénne (1960), sobre Volubis, por R. Rebuffat (1969), relativos ao Norte de África, ou o de C. H. Goudineau (1979), referentes à Gália.

No panorama ibérico os trabalhos sobre esta temática são diminutos, incidindo, na sua grande generalidade, sobre partes da casa romana e não sobre a totalidade dos espaços, razão que levou Balil (1972) a problematizar o estudo da casa romana nesta área ocidental do Império.

Porém, será só a partir da década de 90 do século XX que surgem trabalhos mais sistemáticos sobre a casa romana na Hispânia, de que são exemplo os de M. Beltrán Lloris (1984; 1994; 1998), quer o referente à 'Casa de los Delfines', de Celsa, que representa a primeira monografia hispânica sobre a *domus* romana, quer o que dedicou, em 1990, à compilação de diversos vestígios de arquitetura doméstica de diferentes cidades da Hispânia. É ainda de salientar a obra intitulada '*La casa romana*', de Fernández Vega (1993;1994).

Em 2001 foi publicada a obra de E. Ruiz, uma monografia sobre a '*Casa da Fortuna*' de *Cartago Nova* na qual se analisa a estrutura do conjunto arquitetónico, o seu modelo tipológico e o seu programa decorativo (Uribe Agudo, 2008).

Em relação à Península Ibérica assiste-se a um gradual interesse pelo tema da casa romana, especialmente na última década, o qual se traduz em diversos trabalhos académicos, especialmente de âmbito regional, como é o caso do de P. Uribe Agudo (2008), intitulado '*La edilicia doméstica urbana en el nordeste de la Península Ibérica*' e o de Cortés Vicente (2009) sobre a '*Arquitectura Doméstica urbana de Catalunha, na época tardo republicana e alto imperial*'.

Em 2014, Jesús Bermejo Tirado, publica '*La sintaxis espacial de la arquitectura doméstica romana en la Meseta oriental*' no qual aborda a unidade habitacional romana da época imperial, analisando o impacto dos mecanismos biopolíticos do poder sobre a arquitetura doméstica, contribuindo para uma renovação teórica sobre o tema. O principal resultado do seu estudo é a análise sintático-espacial aplicada a um conjunto de sítios, que serve para ilustrar a relação entre os espaços arquitetónicos e as formas de conduta doméstica.

Em Portugal, são poucos os estudos sobre a casa romana. É de destacar a obra de síntese, publicada em 1985, por Jorge Alarcão, com o título '*Introdução ao estudo da Casa Romana*', onde são analisados diferentes modelos de casa romana. Também devemos referir as monografias das escavações de Conimbriga (Alarcão e Etiénne, 1977) e de Tongobriga (Dias, 1995).

As escavações levadas a cabo em Conimbriga vieram desmistificar algumas ideias características das casas romanas provinciais, permitindo demonstrar os aspetos da adaptabilidade do modelo de casa itálica ao espaço circundante e às características urbanas da cidade. Recentemente V. Correia (2010), realizou uma valorização da arquitetura doméstica em Conimbriga na sua tese de doutoramento, com o título '*A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*'.

Por outro lado, as habitações de Tongobriga também documentam os sistemas de adaptação do modelo itálico às condicionantes regionais. As mais sofisticadas foram construídas a partir do século I, utilizando os espaços vazios entre as casas de tipologia indígena e o novo centro urbano. Algumas foram cortadas no afloramento granítico reaproveitando as zonas habitacionais castrejas.

Em Braga, a primeira autora a dedicar-se a este tema foi Manuela Martins, com a análise da *domus* das Carvalheiras (Martins, 1997-98:23-45). A casa das Carvalheiras terá sido construída na época flávia e é uma casa de átrio e peristilo, que revela uma clara adaptação às condicionantes topográficas do terreno, através da criação de duas plataformas. Além do trabalho desta autora, existe a tese de mestrado de Rui Silva, datada de 2000, sobre a mesma *domus*, mas mais especificamente, sobre a arquitetura das suas duas primeiras fases de ocupação. Já em 2010 surge a tese de mestrado de Fernanda Magalhães intitulada '*Arquitectura doméstica de Bracara Augusta*', onde se analisam várias unidades domésticas da cidade romana, com base nas diferentes escavações realizadas até então. Uma síntese desse trabalho pode ser consultada no artigo da autora '*Arquitectura Doméstica em Bracara Augusta*' onde se analisam as tipologias das *domus* existentes em *Bracara Augusta* (Magalhães, 2013). Num outro trabalho (Magalhães, 2013a), a mesma autora analisa as áreas residenciais de circulação e de representação das *domus* de *Bracara Augusta*.

Uma perspetiva de análise social e económica do espaço doméstico foi desenvolvida por Manuela Martins, tendo por base uma caracterização da *domus* das Carvalheiras, a única integralmente escavada em Braga, até à atualidade (Martins *et al*, 2012).

Em termos académicos, foi desenvolvido, recentemente, um trabalho que aborda a temática da arquitetura doméstica, intitulado '*A Domus da Zona Arqueológica das Antigas Cavalariças de Braga. Contributo para o estudo da arquitetura doméstica de Bracara Augusta*', da autora Juliana Silva (2013).

## 2 Arquitetura privada em *Bracara Augusta*

### 2.1 Origem e evolução de *Bracara Augusta*

*Bracara Augusta* foi fundada *ex novo* por Augusto no fim das guerras cantábricas, constituindo uma das três cidades criadas no noroeste peninsular, no âmbito do programa imperial de reorganização administrativa da Hispânia (Figura 1). A data da sua fundação é controversa, sendo defendido por alguns autores que deverá ter ocorrido entre 16/15 a.C., data que coincide com a reorganização provincial da Hispânia (Martins *et al.*, 2012:31). Esta nova cidade vai motivar a criação de estruturas sociais e políticas novas, que ajudam a consolidar o controlo romano da região e a incentivar a adaptação das populações indígenas (Martins, 2004:150).



Figura 1 Mapa da Península Ibérica com a localização de *Bracara Augusta* (Magalhães, 2010:16)

Tradicionalmente admitiu-se que *Bracara Augusta* teria sido promovida a município no último quartel do século I, permitindo a ascensão das elites indígenas à cidadania romana e a ocupação pelas mesmas dos principais cargos da nova *civitas* (Tranoy, 1981). Porém, a falta de epigrafia capaz de fundamentar essa ascensão, situação igualmente registada nas cidades de *Lucus Augusti* e de *Asturica Augusta*, levou outros autores a considerar que as cidades augustas do NO peninsular teriam sido fundadas com o direito latino (Le Roux, 1994:234), beneficiando as elites indígenas nelas instaladas.

Os achados arqueológicos descobertos na cidade atestam que entre finais do século I a.C. e princípios do século I d.C., a cidade conheceu um processo de povoamento constante (Martins,

2004:152), fundamentado pela presença de materiais cerâmicos importados (Morais, 1997-1998:71) e moedas (Zabaleta Estévez, 2000:396).

O local eleito para a fundação de *Bracara Augusta*, uma colina aplanada, terá sido escolhido criteriosamente. A cidade foi implantada num ponto central da vasta região, entre os rios Douro e Minho, favorecida por uma vasta rede de caminhos naturais, localizando-se no coração de um território densamente povoado e economicamente desenvolvido (Ribeiro, 2008: 214).

*Bracara Augusta*, foi objeto de planificação, possuindo um traçado ortogonal, com orientação N/NO e S/SE, fundamentado pela configuração da colina onde se instalou (Apêndice 1). Assim, a área da cidade foi organizada de acordo com os eixos N/NO-S/SSE e O/OSO-E/ENE, que estruturam a rede viária interna, a malha dos quarteirões e o traçado das vias principais que ligavam a cidade ao exterior (Martins *et al.*, 2012:38).

As primeiras edificações relacionam-se com os espaços públicos, como seria o caso do *forum* e com as primeiras infraestruturas urbanas, relacionadas com o abastecimento de água, o saneamento e os eixos viários, ao mesmo tempo que alguns quarteirões residenciais começam a ser ocupados.

De acordo com estudos realizados pode afirmar-se que as ruas teriam uma largura média de 12 pés (3,66m), sendo que o cardo máximo possuía uma largura de 24 pés (7,32m) (Martins *et al.*, 2012:38).

Os quarteirões são quadrados, com cerca de 144 pés (43,89m), incluindo os pórticos, com cerca de 12 pés (3,66m), configuração detetada na zona das Carvalheiras bem como na *insula* localizada no lado nascente do cardo máximo e noutras intervenções efetuadas na cidade (Figura 2).



Figura 2 Malha Urbana de *Bracara Augusta* com a localização das ruínas da zona arqueológica do Ex Albergue Distrital (Magalhães, 2014:46)

Entre o último quartel do século I e os inícios do século II a cidade conheceu um projeto de monumentalização, comprovado por vestígios de edifícios de carácter público, entre os quais se podem referir as termas (Martins, 2005) e o teatro do Alto da Cividade (Martins *et al.*, 2006; Martins *et al.*, 2012:42), o edifício sob a Sé da Catedral (Fontes *et al.*, 1997-98) e um anfiteatro (Morais, 1998:13). Ainda deste período datam algumas habitações, como é exemplo a *domus* das Carvalheiras. Nesta altura registou-se também um aumento demográfico e um aumento no poder de compra das elites na cidade romana, corroborado pelos materiais importados documentados nas intervenções arqueológicas (Morais, 1998:13).

Nos finais do século III/ inícios do IV deu-se um grande dinamismo construtivo em *Bracara Augusta*. A construção mais significativa dessa época é a poderosa fortificação que irá cercar uma área com cerca de 48 ha. Com esta construção a morfologia urbana irá sofrer algumas alterações significativas, que começam a ter expressão a partir do século V. A cidade tornou-se um espaço mais fechado, com acesso através de algumas portas. Por sua vez, os pórticos foram-se integrando nas habitações, onde se instalam as lojas, anteriormente rasgadas na fachada das casas (Martins, 2012:59).

Os vestígios arqueológicos demonstram uma grande atividade construtiva na cidade, que se caracteriza pela modernização de muitas *domus*, em muitos casos aumentadas e



reorganizadas. Uma das mais importantes mudanças nas habitações está representada pela introdução de banhos privados e de beneficiações sumptuosas em termos de ornamentação, contemplando pavimentos com mosaicos e paredes com pinturas a fresco (Magalhães, 2010:21).

A partir do século IV a cidade é elevada a sede bispado, o que leva ao aparecimento de novos edifícios públicos, bem como à reabilitação dos quarteirões residenciais, onde se instalam *domus* de prestígio, que demonstram a riqueza da população urbana.

## 2.2 A arquitetura privada em *Bracara Augusta*

As primeiras referências à arquitetura doméstica em *Bracara Augusta* aparecem no século XIX com a descoberta de vestígios de habitações luxuosas, com mosaicos e hipocaustos, referenciados no quadrante NE da cidade (Delgado e Martins, 1988:78).

Nos anos 60 surgem as primeiras escavações na cidade, permitindo identificar algumas unidades habitacionais. Porém, apenas com as intervenções realizadas desde 1976 pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no âmbito do projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*, é que foi possível identificar a grande maioria das *domus* conhecidas atualmente.

Os modelos de arquitetura privada estudados até ao momento permitem reconhecer somente um tipo de casa, a *domus*. Os vestígios disponíveis deste tipo de habitação senhorial deram a conhecer algumas características dominantes, como a representação do modelo de casa itálica de *atrium* e peristilo, ou de peristilo, a presença de banhos privados e a abundância de pórticos em torno das habitações, possibilitando o acesso às *tabernae*, que se dispunham na fachada das casas (Martins e Fontes, 2010:116; Magalhães, 2010:21).

Contudo, os infíndos vestígios encontram-se muito fragmentados, dificultando a recuperação da composição construtiva dos edifícios. Apenas uma habitação foi escavada na íntegra, a casa das Carvalheiras, a mais representativa da arquitetura doméstica de *Bracara Augusta* (Martins, 1997-98:25). Esta habitação ocupava a totalidade de um quarteirão, limitada por quatro ruas (Magalhães, 2010:21).

A *domus* das Carvalheiras, construída no último quartel do século I, reproduz um modelo clássico de casa de átrio e peristilo, rodeada de pórticos que permitiam o acesso às lojas (Figura 3). Esta casa desenvolvia-se em duas plataformas, de maneira a resolver os problemas de topografia do terreno. Na plataforma mais elevada encontrava-se o átrio e os compartimentos envolventes, enquanto na plataforma mais baixa se situava o peristilo e vários espaços de

representação situados a sul e nascente, bem como cubicula que se dispunham a poente (Magalhães,2013:22).

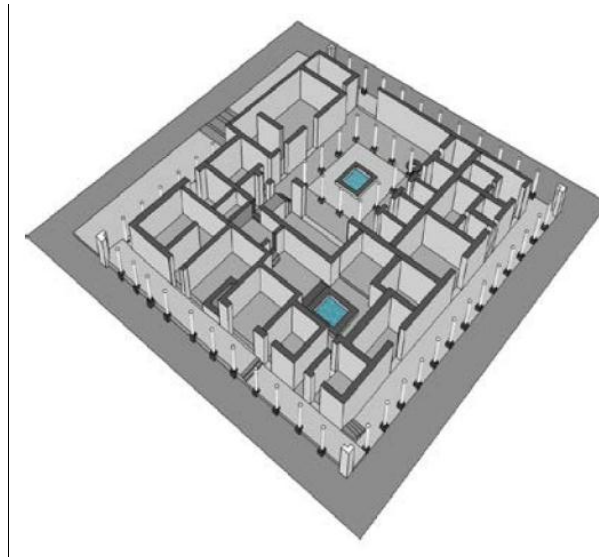


Figura 3 Restituição 3D da *domus* das Carvalheiras (Magalhães,2010:apêndice 7)

Outro exemplo da arquitetura doméstica é a *domus* da Escola Velha da Sé (Figura 4). Esta habitação foi construída no século I e estruturava-se em torno de um espaço aberto, o peristilo. Numa primeira fase, o peristilo funcionaria como elemento ordenador e distribuidor dos outros espaços da casa, sendo constituído por uma área aberta com um pequeno tanque central, possivelmente para recolher as águas da chuva e com uma funcionalidade ornamental. À volta deste espaço existiria um pórtico, com uma colunata de cinco colunas em cada um dos lados, que dava acesso a diversos compartimentos como *cubicula*, *triclinium* e uma *exedra*. A segunda fase caracteriza-se pela construção de um balneário que sacrifica a ala oeste da habitação, tal como toda a zona do peristilo (Magalhães, 2013:23/24).

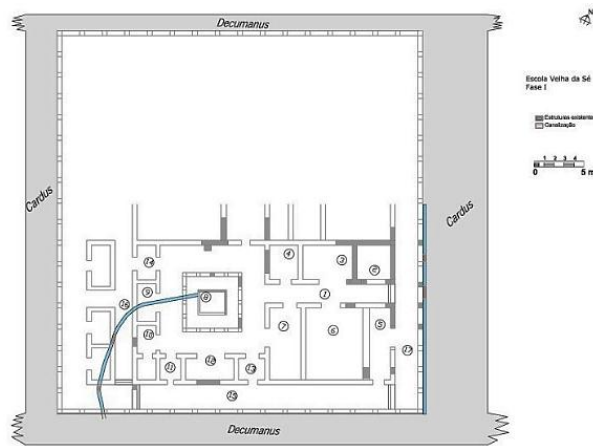


Figura 4 Planta interpretada da *domus* da Escola Velha de Sé (Magalhães, 2013:24)

Ainda no grupo das casas de peristilo, temos a *domus* da Frei Caetano Brandão e Santo António das Travessas (Figura 5). Toda a zona sul da casa encontra-se organizada em volta de um espaço aberto, rodeado por pórticos. Em redor desse espaço estariam localizadas as áreas de representação da casa, como uma *exedra* e um *triclinium*, as áreas reservadas a *cubicula* e ainda o acesso a uma zona pública da habitação (Magalhães, 2013:25).

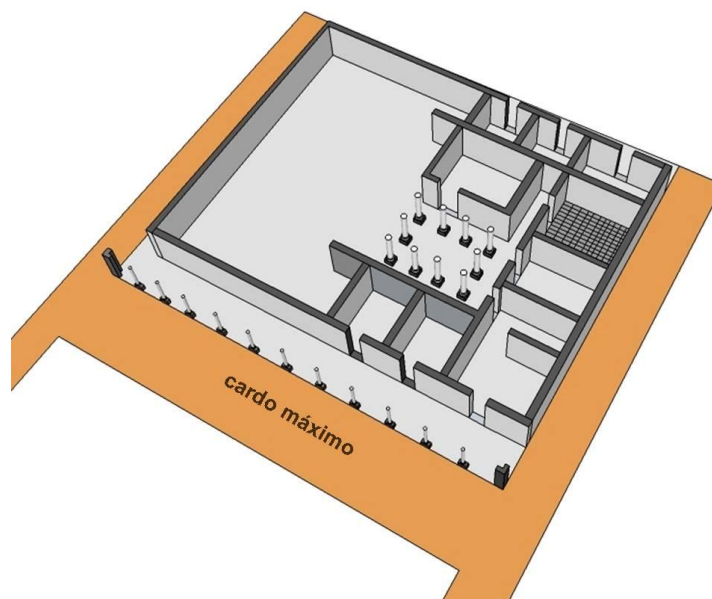


Figura 5 Restituição 3D da *domus* da Frei Caetano Brandão e Santo António das Travessas (Magalhães, 2014:50)

Outra das casas conhecidas é a *domus* do Seminário de Santiago (Figura 6). Esta é uma habitação com espaço aberto rodeado por um pórtico apenas em três lados, sendo que um deles corresponde a uma parede fechada. Esta *domus* corresponde a um modelo de casa de pátio

porticado, espaço aberto que, tal como acontecia nas casas de peristilo e átrio, servia como fonte de luz, ar e água, demonstrando o caráter sumptuoso e luxuoso das casas (Magalhães, 2010:118).



Figura 6 Perspetiva geral do peristilo tardio localizado no Claustro do Seminário de Santiago (Magalhães, 2010:apêndice 34)

Cabe ainda referir o conjunto das *domus* da Zona Arqueológica das Cavalariças. Uma delas foi parcialmente escavada aquando da abertura das valas de fundação do bloco de serviços do Museu D. Diogo de Sousa, exibindo um pavimento de *opus tessellatum* bicromático, de composição geométrica, de cronologia augustal ou tiberiana (Martins *et al.*, 2012:42). Uma outra *domus* foi identificada a leste da anterior, tendo revelado elementos associados a um peristilo (Figura 7), em torno do qual se desenvolvem vários espaços de representação e *cubicula* (Silva 2013).

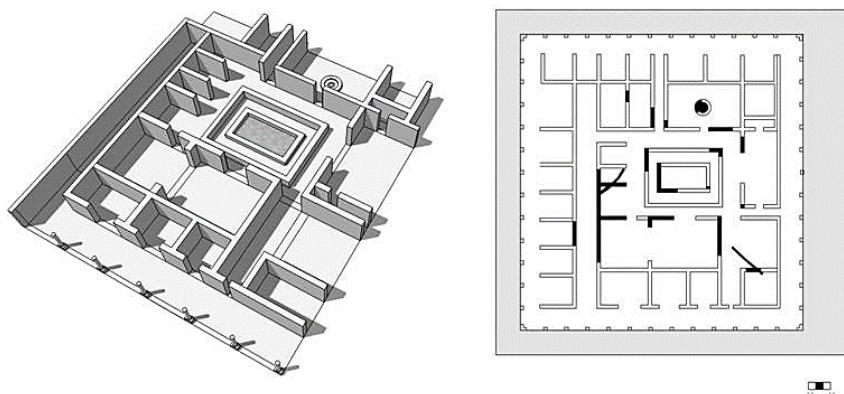


Figura 7 Restituição 3D e planta interpretada da *domus* das Antigas Cavalariças (Silva, 2013:45 e apêndice 7)

Por último cabe referir a *domus* do Ex Albergue Distrital que será o nosso objeto de estudo (Figura 8). Esta habitação corresponde a um modelo de casa de peristilo, espaço central aberto, que estaria circundado por um pórtico. A *domus* ocupava um quarteirão, localizando-se perto do *forum* e era ladeada por pórticos (Magalhães,2013:22).

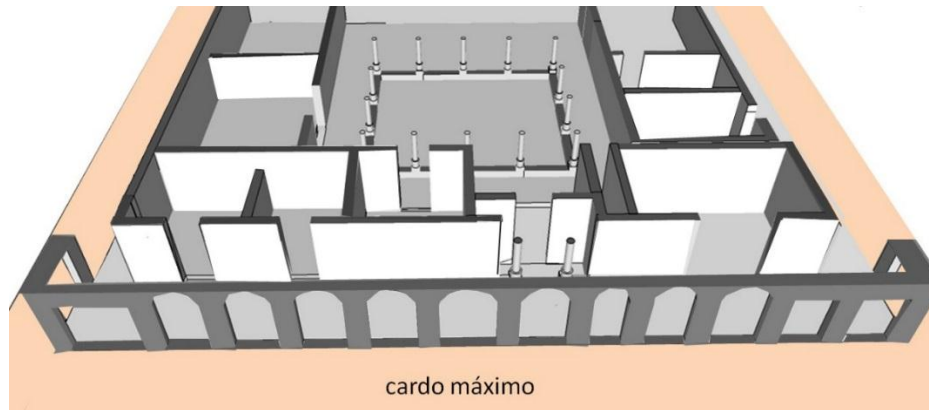


Figura 8 Reconstituição 3D da *domus* do Ex Albergue Distrital (Magalhães, 2014:48)

Nos finais do século III e no decorrer do século IV *Bracara Augusta* conheceu uma grande renovação urbana, relacionada com a sua elevação a capital da província da Galécia, criada por Diocleciano (Martins, 2009:186). De facto, os vestígios arqueológicos comprovam que a cidade viveu nesta época um grande apogeu construtivo (Martins e Fontes, 2010:116), que reflete a sua importância política, económica e cultural durante todo o século IV, testemunhada pela presença de grandes quantidades de cerâmica importada, mas também pela forte atividade artesanal associada à produção cerâmica e de vidro, certamente com impacto regional.

As novas funções da cidade, a partir do século IV, particularmente relacionadas com a sua elevação a sede de bispado, exigiram o aparecimento de novos edifícios públicos, nomeadamente uma basílica paleocristã que, pensa-se, estaria localizada sob a atual Sé Catedral (Fontes *et al.*,1997-98:145).

A dinâmica construtiva está assinalada pela construção da poderosa muralha com torreões, construída entre finais do século III/inícios do IV. Com a sua construção a cidade sofre algumas alterações, nomeadamente quando se perdeu a funcionalidade de alguns eixos viários, que vão sendo ocupados por construções. As reestruturações das casas testemunham um aumento do espaço interno, necessário para a instalação de banhos privados, sacrificando-se os pórticos, que são absorvidos pelas casas (Martins e Fontes, 2010:116). Durante os séculos V/VI/VII destaca-se a tendência para a ocupação dos próprios eixos viários que são invadidos por

construções de carácter residencial cujas características não são ainda bem conhecidas (Martins e Ribeiro, 2013:30).

### **3 Fontes para a análise da arquitetura privada**

As fontes para o estudo da habitação urbana na época romana podem ser arqueológicas, literárias e icnográficas. Contudo, iremos cingir-nos apenas às duas primeiras, com destaque para as fontes arqueológicas, por serem aquelas que disponibilizam mais informações para o nosso trabalho. No caso específico da *domus* do Ex Albergue Distrital, objeto de estudo deste estágio, ainda é possível analisar *in situ* partes das ruínas que ainda se conservam, como a cloaca e os pilares do pórtico que rodeava a habitação.

A descoberta das ruínas das cidades de Pompeia e Herculano e a sua progressiva escavação teve grande relevância para o estudo da habitação romana urbana. As escavações, iniciadas no século XVII, por Giuseppe Fiorelli, transformou estas duas cidades, num autêntico “manual” no que diz respeito à arquitetura.

É em Pompeia que se encontra uma preciosíssima antologia de casas unifamiliares, construídas entre os séculos IV a.C. e I (Carpiceci, 2004:8), permitindo estudar a evolução das habitações do período republicano e do primeiro século d.C., o que fornece uma base para caracterizar a expansão do modelo de casa itálica, sobretudo nas províncias ocidentais. De facto, neste arqueossítio único, pode observar-se a estrutura de uma *urbs*, o esquema da *domus* pompeiana, as técnicas construtivas, bem como os programas decorativos, demonstrados pelas paredes pintadas, ou pelos pavimentos de mosaicos requintados, em excelente estado de preservação (Magalhães, 2010:26).

A *domus* pompeiana é tida como objeto principal para o estudo da arquitetura privada romana, não só pelo seu estado de conservação, mas também pelo seu valor representativo, uma vez que constitui a casa tipicamente urbana.

Quando usamos os paralelos de Pompeia ou Herculano, é necessário ter em consideração que os modelos de casas representadas eram propriedades de grandes senhores, constituindo, por isso, exemplares de arquitetura privada com uma grande exuberância. No caso da habitação mais modesta, esta é pouco conhecida, possivelmente devido à má qualidade dos materiais utilizados, ou mesmo a uma falta de atenção dos investigadores que têm privilegiado as casas senhoriais.

Os dados obtidos nas escavações de Pompeia e Herculano, sobretudo nas mais recentes, têm sido objeto de um tratamento detalhado por parte de vários investigadores que ao longo das últimas duas décadas renovaram as problemáticas de investigação relativas à casa urbana, abrindo perspetivas inovadoras quanto ao modo de abordar os espaços domésticos, não só em termos tecnológicos, como sociais e económicos.

No caso das fontes literárias iremos apenas referir a obra de Vitruvius ' *De Architectura* ', a maior coletânea de informação escrita referente à arquitetura privada romana.

Através das fontes literárias temos acesso a dados diretos e indiretos para o estudo do povoamento, da organização das cidades e da construção romana. Habitualmente, os textos que falam sobre a construção romana são escassos e referem-se essencialmente a tratados teóricos, como o de Vitruvius, que se tornou numa referência clássica para a arquitetura romana (Magalhães, 2010:27).

Com a sua obra, Vitruvius tencionava criar um manual de orientações na área da urbanística, da arquitetura e da arte de bem construir, com base nos princípios da *utilitas*, *venustas* e *firmitas*. Estes três princípios, que Vitruvius considerava serem importantes para a construção romana, têm como base a utilidade ou uso (*utilitas*), a beleza (*venustas*) que além da beleza incluem a elegância e a estética e, por último, a solidez (*firmitas*), que representa a firmeza, consistência e robustez que as obras de arquitetura deviam conter.

Vitruvius, no *Livro VI*, fala da casa romana, referindo as regras gerais que considera próprias para a construção.

O Tratado da Arquitetura foi desenvolvido com a intenção de funcionar como um manual orientador para que o arquiteto pudesse agir em conformidade com a unidade de obra, com aquilo a que ele chama de *symmetria*, ou seja, as dimensões que estabelecem uma harmonia entre as partes e o todo. Contudo, a natureza do local, a dimensão da obra ou os meios financeiros, são restrições que exigiam dos arquitetos romanos um conjunto de soluções que tinham de funcionar, sem seguirem o manual vitruviano (Martins *et al*,2013:62).

Apesar de os cânones vitruvianos não serem utilizados, os edifícios deveriam seguir regras de construção, combinando a subtileza construtiva, a magnificência e a disposição. Porém, certamente não existirá nenhuma casa romana que possa ser interpretada à luz dos ensinamentos de Vitruvius.

## 4 Objetivos

Os objetivos deste estágio consistem na análise e na interpretação dos dados fornecidos pelas escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho na zona arqueológica do Ex Albergue Distrital, nas décadas de 80 e 90 do século XX.

Ao longo deste trabalho tentamos centrar-nos na evolução do conceito da casa romana, devido ao facto dela evoluir ao longo do tempo, quer nas características, quer na funcionalidade dos distintos espaços que a integravam, pretendendo-se, deste modo, sustentar uma proposta de caracterização tipológica de um modelo da arquitetura privada da cidade bem como estabelecer a sequência evolutiva deste espaço.

Assim, num primeiro momento, procedemos à análise da informação proveniente das escavações, designadamente os cadernos de campo, procedendo-se, posteriormente, à interpretação da sequência estratigráfica do local. Por fim tratamos a informação quer do ponto de vista gráfico, quer informático. Pretendeu-se, por essa via, identificar as diferentes fases de ocupação do quarteirão, desde inícios do século I até ao seu abandono na Antiguidade Tardia. Por fim, espera-se ser possível individualizar todas as estruturas existentes de modo a criar plantas interpretativas do sítio por cada fase de ocupação.

É irrefutável que o estudo da arquitetura doméstica romana é importante, no que diz respeito aos conhecimentos dos diversos aspetos da vida quotidiana de uma cidade, sendo igualmente relevante para avaliar o grau de adoção dos padrões e modas difundidos a partir de Itália ou de outras regiões romanizadas por parte das comunidades das diferentes regiões do Império,. Para tal importa perceber os diferentes espaços das casas, pois, assim, poderemos caracterizar o grau de integração dos seus proprietários, o modo como os mesmos adotaram os modelos difundidos, mas também o seu grau de riqueza e nível de aculturação (Magalhães, 2010:24). Para tal, utilizamos toda a informação disponível sobre a zona arqueológica, desde desenhos, fotografias, bem como trabalhos interpretativos de outros autores (Magalhães 2010, 2013; Lemos e Leite,2000). Com o propósito de tentar perceber a evolução do local elaboramos diagramas de Harris como forma de validar a sequência estratigráfica.

Para além de tentarmos compreender a habitação romana e a sua evolução ao longo dos séculos, tentaremos também perceber o seu abandono e a reutilização deste espaço durante a Idade Média e identificar as novas funcionalidades deste lugar desde o século XVI até ao século



XX (Lemos e Leite,2000:16), que termina com a atual ocupação do local pela Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva.

Após a fase de criação de um suporte documental foi necessário caracterizar a distribuição espacial e funcional dos espaços da *domus* que foi construída no quarteirão abrangido por esta zona arqueológica, com o intuito de tentar compreender a orgânica e a evolução dos espaços.

Depois de terminada a criação do suporte documental procurámos correlacionar os dados disponíveis com os obtidos noutras zonas arqueológicas de Braga, bem como com informações reportáveis a outras cidades do Noroeste Peninsular.

## **5 Metodologia de análise**

A finalidade do nosso trabalho é analisar a zona arqueológica do Ex Albergue Distrital, atual instalação da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, onde foram encontrados vestígios de uma *domus* romana, a qual pretendemos valorizar no contexto da arquitetura doméstica de *Bracara Augusta*.

Para a primeira fase do nosso trabalho, utilizamos os registos de campo, designadamente, os desenhos, os relatórios das escavações, bem como os dados existentes na Base de Dados de *Bracara Augusta* (2ArchIS).

É de destacar que foi impossível ver a totalidade das ruínas por estas estarem soterradas sob o atual edifício da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, estando apenas visível a cloaca e os pilares do pórtico. Como tal, a atividade deste estágio foi realizada através da análise dos dados provenientes das escavações arqueológicas realizadas nos anos 80 e 90 do século XX nesta zona arqueológica.

Assim, a primeira tarefa consistiu num enquadramento do local e uma revisão bibliográfica sobre o tema a tratar, através da análise pormenorizada de toda a documentação da escavação e de todas as obras existentes sobre o tema. Entre a documentação disponível tínhamos planos, plantas, alçados, cortes e fotografias, correlacionada com os dados arqueológicos existentes sobre os materiais recolhidos, nomeadamente, cerâmica, vidro e moedas.

De seguida, procedemos à sistematização de toda a informação estratigráfica em UE's, uma vez que o registo usado nas escavações recorria ao sistema de complexos e camadas. A sua conversão em UE's simplificou a avaliação e sequenciação do conjunto da informação, o que permitiu uma melhor perceção das fases distintas de ocupação do local. Para fazer a conversão

começamos por colar os perfis, de modo a permitir uma leitura horizontal da estratigrafia, tendo em vista perceber a potência estratigráfica de cada setor.

À medida que fomos realizando a conversão dos complexos foi necessário ir preenchendo a Listagem de UE's. Esta consiste numa ficha, desenvolvida pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, onde consta o acrónimo, a UE, a sondagem, o plano e a interpretação. A ficha teve por objetivo reunir a informação de todas as unidades estratigráficas, para permitir um acesso mais fácil à interpretação e localização das UE's.

De seguida, usamos a Ficha de Análise e Descrição da Unidade Estratigráfica, cedida pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, onde foram registadas todas as características das UE's.

Depois de terminada a conversão dos complexos em UE's procedemos à sua inserção numa base de dados. Neste estágio utilizamos a Base de Dados de *Bracara Augusta* (2ArchIS), criada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A inserção da informação na base de dados permitiu tornar mais rápido o acesso à informação, o que possibilitou o cruzamento de dados.

Durante a análise dos cadernos de campo procedemos à restituição de cortes N/S e E/O, ligando os perfis das sondagens, para obter a leitura estratigráfica da totalidade da área escavada. Estes cortes foram obtidos através da colagem dos perfis Este/Oeste, para a obtenção de uma leitura Norte/Sul, e dos perfis Norte/Sul para uma interpretação no sentido Oeste/Este (Figura 9).

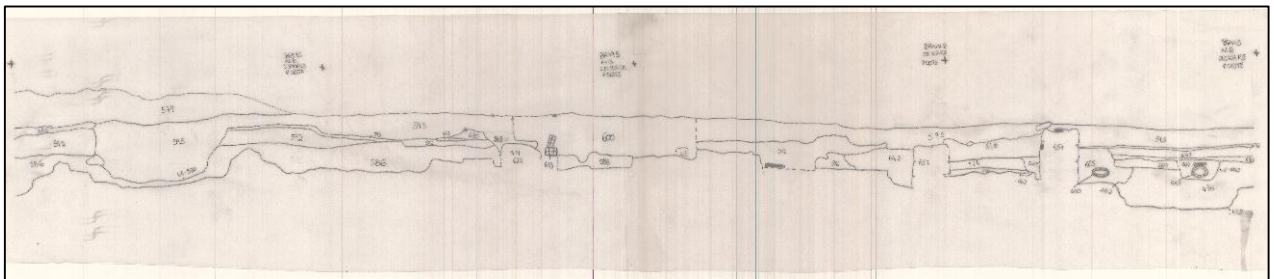


Figura 9 Corte 5

Esta tarefa possibilitou o cruzamento de informações e a definição da sequência de ocupação. No caso desta zona arqueológica conseguimos restituir cortes que fornecem a sequência de ocupação ao longo de 48 m de extensão. Alguns cortes são, contudo, mais

pequenos, como acontece com o corte 2 N/S, que possibilita a leitura total do p<sup>o</sup>rtico da *domus*, desde o extremo sul até ao canto norte da casa (Figura 10).

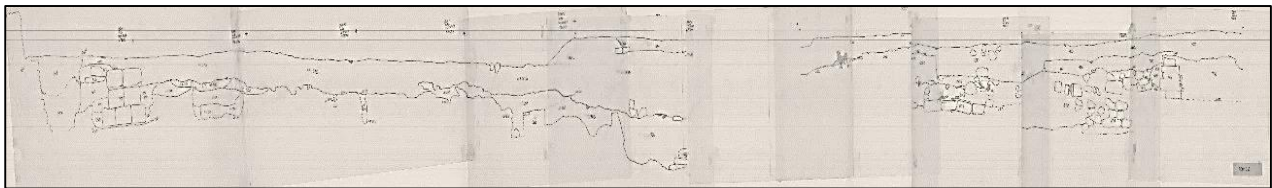


Figura 10 Corte 2

Terminado este processo, foi necessário efetuar a digitalização de todos os cortes restituídos em papel vegetal, para posteriormente iniciarmos a vectorização, tanto dos cortes como dos planos finais, através do programa *AutoCad* (Figura 11 e 12) (Apêndice 9;10;11;12;13).

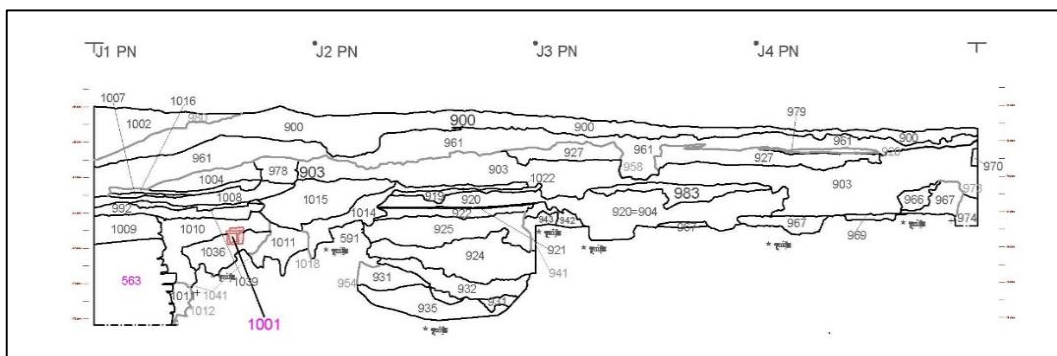


Figura 11 Corte Transversal 1J O/E (*AutoCad*)

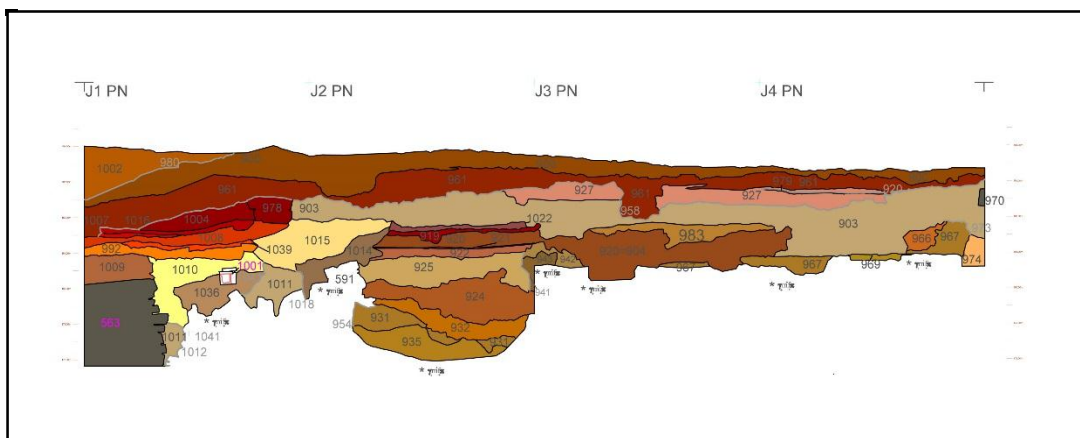


Figura 12 Corte Transversal 1J O/E a cores (*AutoCad*)

Posteriormente, procedemos à restituição da planta geral da área escavada, através da junção de todos os planos finais, a qual nos permitiu, posteriormente, criar plantas interpretadas da zona arqueológica, com destaque para a planimetria da *domus* e dos seus distintos espaços distintos, através dos programas informáticos *AutoCad* e *Sketchup*. (Figura 13) (Apêndice 3;4;5;6;7;8).



Figura 13 Planta final das ruínas da ZA do Ex Albergue Distrital

Ao mesmo tempo que procedíamos à análise da informação foi sendo desenhado o diagrama de Harris, por sondagens, para facilitar a compreensão da sequência estratigráfica das diferentes áreas escavadas (Apêndice 26;28). Posteriormente procedemos à restituição da matriz final da zona arqueológica, tendo-se recorrido ao programa *ArchEd* (Figura 14). Uma vez obtida a matriz foi realizada a sequenciação das fases evolutivas deste sítio arqueológico.

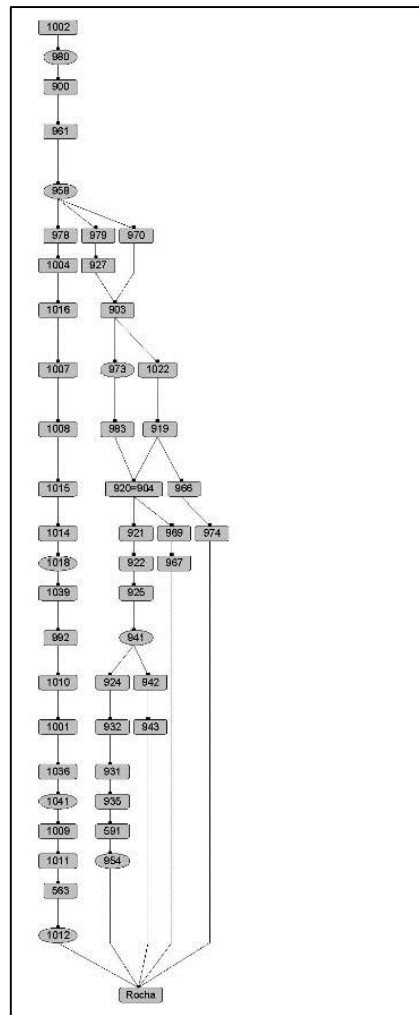


Figura 14 Diagrama de Harris do setor J1 através do ArchEd

Para uma melhor compreensão da evolução da *domus* e das suas diferentes fases criamos um ficha de análise, cujos campos definidos tiveram por base os que já foram usados por A. Balil (1973), P. Uribe Agudo (2008), A. Cortés Vicente (2009) e F. Magalhães (2010).

A ficha de análise contemplou vários campos de pesquisa. O primeiro relaciona-se com a identificação da zona arqueológica, que inclui o nome, a localização e o acrónimo da escavação. De seguida, descrevemos os dados de escavação, contemplando as datas das diferentes campanhas arqueológicas, os responsáveis pelas mesmas, o tipo de intervenção, o estado geral da conservação dos vestígios e o tipo de ruínas identificadas. Outro campo refere-se aos dados cronológicos, tendo por base a análise da sequência estratigráfica, bem como dos materiais arqueológicos que permitem estabelecer uma sequência das fases e ocupação, desde as primeiras ações construtivas até ao abandono do quarteirão. Um outro campo contempla a descrição arquitetónica e funcional dos espaços construídos, relacionados com a parte da *domus* que foi

escavada, que inclui a caracterização dos materiais e técnicas construtivas dos muros, dos pavimentos e das coberturas. Procedeu-se igualmente à identificação dos espaços funcionais da casa e dos elementos construtivos com eles relacionados, tendo igualmente sido descritas as estruturas de abastecimento e drenagem de água. Por fim, analisámos os elementos decorativos da casa que se conservaram no registo arqueológico, bem como as diferentes partes da casa. O último campo reporta-se à bibliografia e às observações.

A última fase do trabalho consistiu na redação do presente relatório, através do qual procurámos dar conta da investigação desenvolvida ao longo do estágio, bem como das principais conclusões que se conseguimos extrair à luz dos dados analisados.


<b>Ficha de Análise</b>	
<b>Identificação da Zona Arqueológica:</b>	
Nome:	
Localização:	
Acrónimo:	
<b>Dados da Escavação:</b>	
Datas da Campanha:	
Responsáveis:	
Tipo de Intervenção:	
Estado de conservação:	
Tipo de ruínas:	
<b>Descrição Arquitetónica e Funcional do Espaço:</b>	
Caracterização dos materiais:	
Técnicas construtivas:	
Muros:	
Pavimentos:	
Coberturas:	
Identificação dos espaços funcionais:	
Estruturas de abastecimento de águas:	
<b>Elementos Decorativos:</b>	
Pinturas muais:	
Pavimentos:	
Elementos Arquitetónicos:	
<b>Bibliografia:</b>	
<b>Observações:</b>	

Figura 15 Ficha de análise

## **Parte II**

---

### **Análise da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital**





## **1 A Zona arqueológica do Ex Albergue Distrital**

### *1.1 Identificação da zona arqueológica*

A zona arqueológica é conhecida como casa Grande da Rua de Santo António das Travessas, ou antigo Albergue Distrital (Lemos e Leite, 2000:17) e cobre uma área de 700m<sup>2</sup>. Era circundada por um muro limitrofe, paralelo à rua Frei Caetano Brandão, estando limitada a sul pela rua de São Paulo, a Sul (Apêndice 2). O posicionamento da zona arqueológica relativamente à malha urbana romana permite situá-lo a nordeste do *fórum*.

### *1.2 Dados da zona arqueológica*

Os trabalhos na área arqueológica do Ex Albergue Distrital decorreram ao longo de cinco campanhas diferentes.

A primeira campanha foi realizada na década de 80, entre 01/07/1982 e 15/09/1982, quando se pensou instalar no local o Museu D. Diogo de Sousa (Lemos e Leite, 2000:17). A segunda campanha teve lugar na década de 90, entre 03/02/1992 e 03/12/1992 inserindo-se já no contexto da adaptação do local ao edifício da Bibliopólis (Magalhães, 2010:67). Nesta segunda campanha verificou-se que o solo do logradouro tinha sido profundamente remexido ao longo dos tempos, tendo então sido descoberta uma imponente cloaca, que viria a ser conservada *in situ*. (Lemos e Leite, 2000:17). A terceira campanha de escavações decorreu ao longo de dois momentos distintos (01/03/1995 a 30/06/1995 e 01/10/1995 a 31/12/1995) (Magalhães, 2010:67). Ao longo dos trabalhos verificou-se que no canto sudoeste existia um conjunto de embasamentos de pilares que correspondia à estrutura do pórtico da *domus* (Lemos e Leite, 2000:17-18). A quarta campanha ocorre durante todo o ano de 1996 e a quinta no ano de 1997 (entre 01/01/1997 a 18/06/1997). Nesta última campanha foram realizadas escavações na zona sul do logradouro e num terreno situado a leste, tendo-se igualmente acompanhado a demolição do muro que cercava o logradouro e a desmontagem de seis metros de cloaca (Lemos e Leite, 2000:18).

### *1.3 Responsáveis*

As diversas campanhas de escavação tiveram diferentes responsáveis todos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A primeira campanha, realizada na década de 80 do século XX, foi dirigida pela Dra. Alexandra Gaspar. As campanhas seguintes tiveram como responsáveis o Dr. Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite. Finalmente, a campanha de 1997 foi dirigida pela Dra. Rute Palmeirão Silva.

### *1.4 Tipo de Intervenção*

As escavações realizadas neste sítio arqueológico tiveram diferentes objetivos. A campanha da década de 80 do século passado realizou-se com o objetivo de instalar no ex Albergue Distrital e no logradouro anexo o Museu D. Diogo de Sousa. Contudo, este projeto foi abandonado e surgiu um outro projeto de adequação desta zona da cidade. Este segundo projeto visava a instalação no local da futura Bibliopolis, hoje Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva. Para a construção deste novo edifício foi necessário realizar a escavação integral de todo o logradouro anexo ao edifício do ex Albergue Distrital. A escavação decorreu durante quatro campanhas, durante as quais se procedeu também ao acompanhamento das obras realizadas no interior do edifício (Magalhães, 2010:68).

### *1.5 Estado de Conservação*

As ruínas detetadas nesta zona arqueológica encontravam-se num estado de conservação razoável, muito embora se tenham observado abundantes saques das estruturas, bem como grandes remeximentos superficiais. Entre as estruturas detetadas, destacamos, pela sua importância urbanística, os vestígios de uma rua romana, uma cloaca romana, que corria sobre o eixo da rua, dois conjuntos de embasamentos de pórticos e diversos alicerces de muros de uma *domus*, que ocupava o quarteirão romano situado a nascente da via (Lemos e Leite, 2000:19). Todas estas ruínas exibiam dimensões consideráveis. Apesar de algumas estruturas possuírem um estado de conservação razoável, outras encontravam-se muito desmanteladas devido a sucessivos saques.

### 1.6 Ruínas identificadas

As diferentes campanhas permitiram identificar diferentes ruínas associadas ao urbanismo romano mas também a outros momentos de ocupação, como o período tardo-antigo, medieval e moderno (Apêndice 21;22;23;24;25).

Dos vestígios mais significativos destaca-se uma cloaca romana que corria sob o cardo máximo, que na Idade Média transformar-se-ia numa artéria periférica da cidade, referida nas fontes escritas e iconográficas como rua do Couto do Arvoredo, da qual foi identificada a calçada que foi ainda utilizada na época moderna.

Da época medieval destacam-se algumas estruturas de carácter fruste que não formalizam nenhuma construção evidente. Sob as construções medievais identificaram-se elementos pertencentes a uma *domus* romana, delimitada por pórticos a oeste e a norte. A casa dispunha-se a nascente do cardo romano, com a orientação NO/SE, localizado a poente da habitação (Magalhães, 2010:69).

## 2 Dados cronológicos e as fases de construção

Nesta zona arqueológica foram identificados quatro grandes momentos de ocupação, correspondentes, respetivamente à época romana, Antiguidade Tardia, período medieval e época contemporânea.

Os vestígios atribuíveis à época romana podem ser atribuídos a três períodos, distintos. O primeiro corresponde ao período de Augusto/Tibério, o segundo data da época flávia e o terceiro pode ser genericamente atribuído ao Baixo-Império.

Ao período de Augusto/Tibério estão associadas algumas das infraestruturas detetadas no local, tais como os embasamentos de silhares do pórtico, que demarca o cardo máximo norte, bem como alguns dos alinhamentos da casa. A cloaca foi datada da primeira metade do século I, através dos materiais identificados sob as lajes do fundo, aquando o desmonte de uma parte da estrutura, tendo a cerâmica encontrada fornecida uma cronologia júlio-claudiana (Magalhães, 2010:69).

Da fase correspondente ao período flávio datam-se apenas alguns muros com aparelhos e fundações idênticas aos individualizados na *insula* das Carvalheira, em cujas fundações foram exumados materiais que apontam para o último quartel do século I. Como exemplo, poderemos referir um fragmento de *terra sigillata* com a forma Drag. 37, 2º série, datável de 70-100,

encontrado no enchimento da vala de fundação de um muro divisório de uma das *taberna* identificadas, que corresponde à UE 0714 (Magalhães, 2010:70).

A última fase de ocupação romana, corresponde a uma reorganização da *domus*, que podemos situar no Baixo-Império, sendo datável entre os finais do século III e os inícios do século IV. Os muros pertencentes a este período oferecem um tipo de aparelho que aponta para uma cronologia mais tardia, evidenciando inúmeros fragmentos cerâmicos presentes nos interstícios das pedras. Outro elemento indicativo a ter em conta para esta datação reposta-se aos materiais presentes, tanto nos enchimentos das valas de fundação dos muros, quer nos níveis de ocupação. Destacamos uma ânfora inteira, do tipo Beltrán 72, variante B, datável entre o século III e os meados do século IV, bem como vários fragmentos de peças em vidro. Entre eles refira-se uma taça ampla de bordo em aba oblíqua, datável de finais século I d.C. a meados do século III, ou possivelmente ainda século IV, o jarro de bocal afunilado, datado entre finais do século III e o século IV e ainda taça arqueada funda, com decoração por gravação, com uma cronologia entre as décadas de 40 a 80 do séc. IV (Magalhães, 2010:70).

A fase seguinte corresponde à Antiguidade Tardia/Alta Idade Média, que assinala o abandono da ocupação do quarteirão. Os níveis de abandono estão sobrepostos pelas estruturas medievais, como acontece com a rua do Couto do Arvoredo.

O terceiro grande momento engloba os finais da Idade Média (sécs. XIV-XV) e está relacionado com a construção do muro limítrofe do logradouro. Deste muro, datado da Baixa Idade Média, conservam-se os alicerces e algumas fiadas, correspondentes ao grande eixo sul/noroeste. Este muro assenta sobre as ruínas do antigo pórtico romano cujo traçado se manteve (Lemos e Leite, 2000:21).

A última fase de ocupação do local corresponde à Idade Contemporânea e associa-se à abertura da rua Frei Caetano Brandão, datada do ano de 1880. Nesta fase, o muro do logradouro também sofreu alterações, tendo sido alargado a poente. Estas modificações, que destruíram a última evidência do urbanismo romano, representado pelo eixo viário correspondente ao cardo máximo, que persistiu na medieval rua do Couto do Arvoredo, tiveram lugar num contexto da grande renovação urbanística de Braga, que caracteriza os finais do século XIX. Aquando do desmonte do muro do logradouro foi possível detetar elementos arquitetónicos da época romana e silhares da muralha fernandina que passava nas proximidades e que foi igualmente desmontada na mesma época. Sabe-se que o referido muro

sofreu uma pequena modificação ao ser arredondado nos inícios do século XX (Lemos e Leite, 2000:20).

### **3 Descrição arquitetónica**

#### *3.1 Materiais e técnicas construtivas*

##### *3.1.1 Muros*

A maioria dos muros romanos que foram identificados encontram-se ao nível do alicerce ou conservam apenas as primeiras fiadas, tornando difícil descrever as suas características. Neste contexto, apenas podemos analisar as suas fundações (Apêndice 27). Estas são normalmente largas, com uma sapata composta por pedras miúdas, sobre as quais assentavam os muros. Alguns apresentavam pedras de travamento lateral que se evidenciam relativamente às outras. A maioria dos muros edificada possui um aparelho em *opus incertum* (Magalhães, 2010:71).

Como exemplo temos o muro UE 0637, muro que compartimenta a *tabernae*, compartimento 8, do pórtico oeste. Está orientado O/E, é constituído por fiadas de pedra de talhe regular. Os interstícios são constituídos por argamassa e pedra miúda. Apresenta uma extensão conservada de 5,50m, uma largura de 0,45m e uma altura de 0,60m (Figuras 16 e 17). Para este compartimento, conseguimos identificar o muro UE 1016, orientado S/N, o muro UE 0619 canto sudeste da loja e o muro UE 0605, orientado O/E. Este apresenta um comprimento preservado de 0,70m e uma largura de 0,58m.

Ainda do compartimento 8, conseguimos individualizar os muros pertencentes ao balcão desta taberna. Primeiro, temos o muro UE 0601, orientado S/N, que conservou apenas o limite norte. Possui uma extensão preservada de 0,50m e uma largura de 0,30m. De seguida, identificamos o muro UE 0608, que definia o limite norte do balcão, O/E, do qual apenas se conservou uma face no alçado sul. Apresenta um comprimento preservado de 0,56m e uma largura de 0,20m. Identificamos ainda o muro UE 0606, orientado S/N, com uma extensão preservada de 0,48m e uma largura de 0,26m. Por fim, identificamos o muro UE 0604, que definia o limite Sul do balcão da taberna, orientado O/E, conservou-se apenas o limite Este.

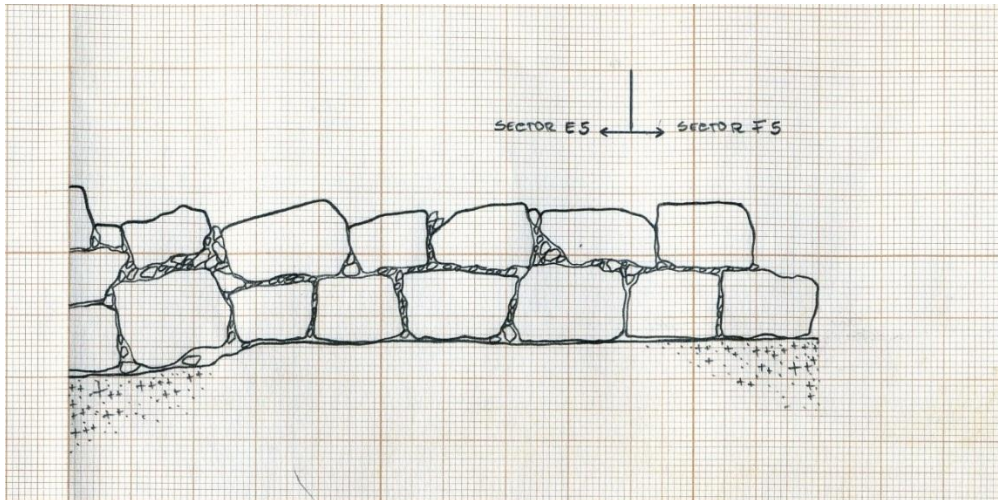


Figura 16 Alçado do Muro UE0637 (UAUM)



Figura 17 Alçado do Muro UE0637 (UAUM)

Outro exemplo é o muro UE 0737, muro Sul da *tabernae*, compartimento 6. Este está orientado O/E. Este é constituído por duas fiadas de pedra de forma regular. Os interstícios são compostos por argamassa, pedra miúda e material de construção. Exibe uma extensão preservada de 0,60m de comprimento e 0,58m de largura (Figuras 18 e 19).

Identificamos também o muro divisório dos compartimentos 6 e 8, o muro UE 0754, orientado S/N.

Conseguimos identificar ainda o muro UE 0636, muro que compartimenta a norte esta loja, orientado O/E. Possui um comprimento conservado de 0,66m e uma largura de 0,46m.

Caracterizamos também os muros que compõem o balcão. O muro UE 0815, orientado S/N, com um comprimento preservado de 1,46m e uma largura de 0,40m, e o muro UE 0712, orientado O/E, com uma extensão preservada de 1,52m e com uma largura de 0,94m.

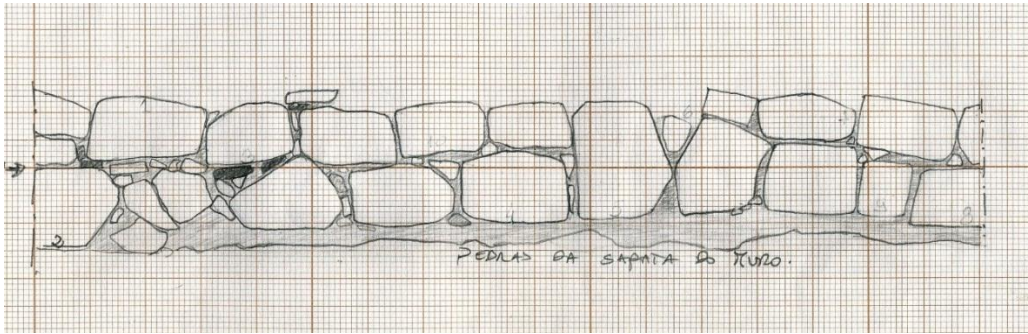


Figura 18 Alçado do muro UE 0737 (UAUM)



Figura 19 Alçado do muro UE 0737 (UAUM)

Conseguimos caracterizar o muro divisório, UE 0714, dos compartimentos 6, uma loja, e 7, *cubicula*. Este possui uma extensão preservada de 0,63m e uma largura de 3,18m.

Do compartimento 7, individualizamos o muro UE 0774, muro que limita a área a Norte. Este está orientado O/E, possuindo um comprimento de 1,58m e uma largura de 0,42m. Por último, individualizamos o muro UE 0794, que limita a área Este do compartimento. Este está orientado S/N e possui uma extensão preservada de 4m e uma largura de 0,74m.

Com as remodelações ocorridas ao longo dos tempos, foi possível identificar novos muros que compartimentaram as divisões anteriores, mas também novos muros que vão permitir criar novas áreas da casa.

Como exemplo identificamos os muros UEs 0635 e 0752 que limitam a Norte o compartimento 6. O primeiro (UE 0635) com uma orientação O/E, possui um comprimento



preservado de 0,94m e uma largura de 0,60m. O segundo muro (UE 0752), orientado O/E, tem uma extensão conservada de 1,76m e uma largura de 0,52m.

No que se refere, a novas compartimentações, temos o muro UE 0902, orientado O/E que compartimentou o pórtico Este. Individualizamos também dois muros pertencentes a uma loja, compartimento 10, localizada no pórtico Este, os muros UE's 0942 e 0820. O muro UE 0942 limitava a área Norte da loja, encontra-se orientado O/E e possui um comprimento preservado de 1,30m e uma largura de 1,27m. O muro UE 0820, com uma orientação S/N, tem uma extensão preservada de 0,60m e uma largura de 0,70m. Foi ainda possível identificar um muro pertencente a um balcão desta loja, muro UE 0829, com uma orientação O/E.

Individualizamos, também, o muro UE 1046 que compartimentou o pórtico Norte. Com uma orientação S/N, este muro possui um comprimento preservado de 0,70m e uma largura de 1,10m. Identificamos também a UE 0591, orientado S/N, que compartimentou o pórtico Oeste da insula. Este possui um comprimento conservado de 13m e uma largura e 0,84m.

Foi ainda possível identificar o muro UE 0870 que compartimentou o peristilo, com uma orientação O/E. Este conservasse numa extensão e 0,50m e uma largura de 0,40m.

Na Idade Média e moderna não parece existir grande atividade construtiva neste local da cidade, pois apenas registamos o muro da cerca dos do logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, datado dos séculos XIII/XIV. Este muro assentou sobre as ruínas do pórtico romano, respeitando o seu alinhamento original, dele de conservando apenas os alicerces e algumas fiadas (Lemos e Leite, 2000:20-21).

Identificado com a UE 0654, corresponde a um muro de cantaria, de aparelho grosseiro, com juntas de terra, possivelmente assente no solo. Os interstícios são formados por pedra miúda, material de construção e argamassa. Apresenta uma extensão preservada de 3 metros de comprimento, 0,74m de largura e 1,30m de altura (Figura 20).

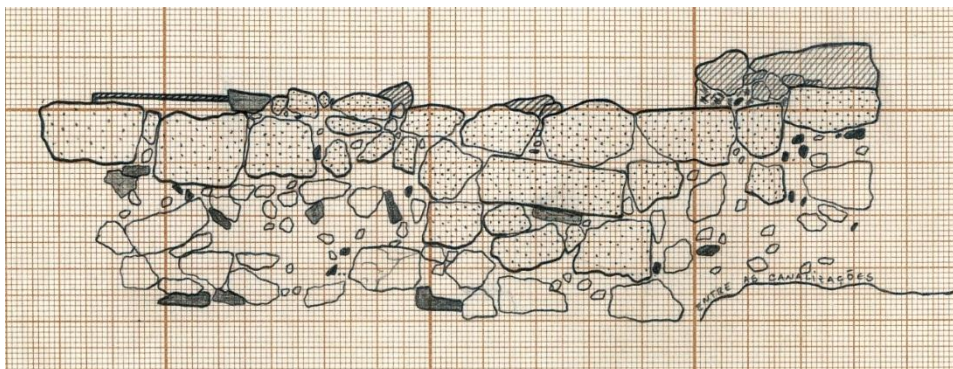


Figura 20 Alçado do muro UE 0654 (UAUM)



Da época contemporânea subsistiu um muro que delimitava o logradouro e foi construído aquando o alargamento saquele espaço para poente. Este muro (UE 0505) incorporava pedra e elementos da época romana e silhares da muralha fernandina. Ostenta uma extensão conservada de 2,94m de comprimento, 2,88m de largura e 0,12m de altura (Figura 21).

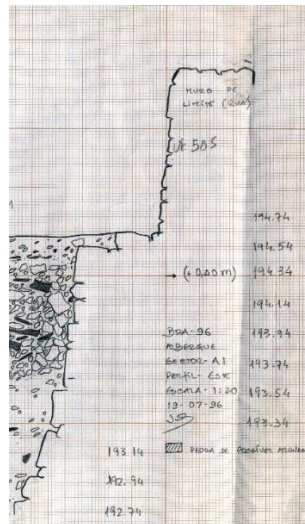


Figura 21 Perfil Este com pormenor do muro UE 0505

### 3.1.2 Pavimentos

Não se encontraram pavimentos em mosaico nem em *opus signinum*, tendo apenas sido identificado um pavimento em material laterício (UE0905), que corresponde a uma *taberna*, do qual se preservaram somente vestígios de alguns tijoleiras. Foi ainda possível individualizar o lajeado da rua romana, que terá sido desmontado em data incerta. Foram ainda identificadas, *in situ*, diversas pedras polidas, correspondentes à calçada medieval (UE 0566) (Figura 22).



Figura 22 Pormenor da pavimentação da calçada UE 0566

### 3.1.3 Sistema hidráulico

Ao longo dos diferentes períodos de ocupação estiveram em funcionamento diversas canalizações que tinham como função o abastecimento e a drenagem da água. Na área escavada foram encontrados treze exemplares deste tipo de estruturas.

A canalização 1 (UE 0583) estava situada na área oeste da casa, estando orientada N/S. Apresenta-se muito destruída, sendo formada por tijolos em forma de U. Tem uma extensão máxima conservada de 0,78m e uma altura de 0,16m. Dos elementos que compunham a estrutura, conservou-se apenas um módulo inteiro, com cerca de 0,60m de comprimento, 0,16m de largura e 0,10m de altura. Existe ainda um pequeno fragmento de outro elemento, com cerca de 0,18m de comprimento, 0,16m de largura e 0,10m e altura. Esta estrutura assenta diretamente na UE 0568, que corresponde, muito possivelmente à vala de fundação da cloaca (UE 0563) (Teixeira, 2012: ficha nº3). Pensa-se que a sua utilização ocorreu entre os finais do século I e finais do século II (Figuras 23-25).

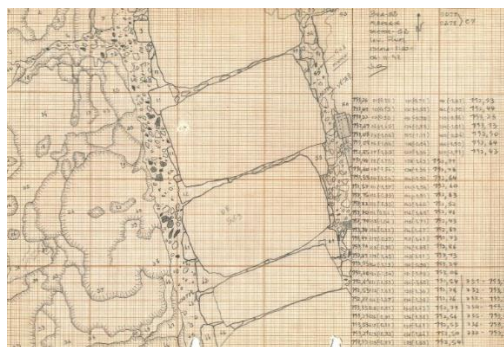


Figura 23 Plano da UE 0583

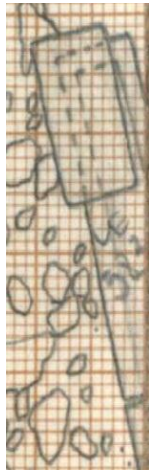


Figura 24 Pormenor da UE 0583

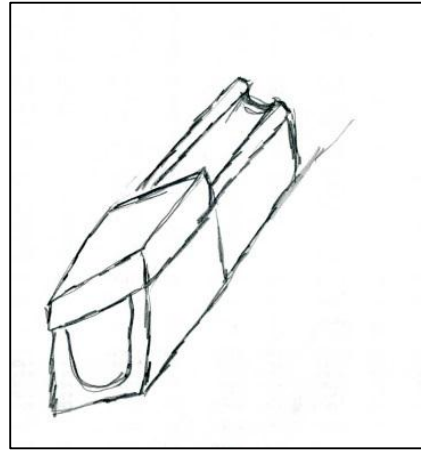


Figura 25 Croqui da UE 0583

A canalização 2 (UE 0563) corresponde à grande cloaca identificada no eixo do cardo máximo, construída em meados do século I. Possui uma orientação SE/NO e revela um pendor acentuado no sentido S/N. Trata-se de uma canalização em caixa, identificada ao longo de cerca de 35m de comprimento, tendo revelado 0,90m de largura e 1,50m de altura.

A estrutura foi identificada em várias sondagens da área arqueológica (B2;C2;D2;E2;F1;F2;G1,G2;H1;H2;I1;J1;L1 e M1), tendo sido cortada na parte norte pela abertura da Rua Frei Caetano Brandão nos finais do século XIX.

O lastro da cloaca é feito com pequenas lajes graníticas, de forma sub-retangular com um talhe irregular, com diferentes dimensões. As maiores podem ter 0,60m de comprimento por 0,50m de largura.

As paredes são constituídas por pedras retangulares com cerca de 0.60m de comprimento, 0,40m de largura e 0,20m de altura, sendo faceadas do lado interno. Nas zonas escavadas a altura das paredes atingiu 1,40m. Alguns blocos possuem inscrições gravadas, sendo possível ler QVA.

A cobertura da cloaca é constituída por grandes lajes de granito que medem entre 1,70m de comprimento, 1,00m de largura e 0,45m de altura.

A cloaca tinha como função a drenagem de todo o tipo de resíduos provenientes das habitações e das chuvas (Teixeira, 2012:ficha nº4). (Figuras 26-28).



Figura 26 Fotografia UE 0563 (UAUM)

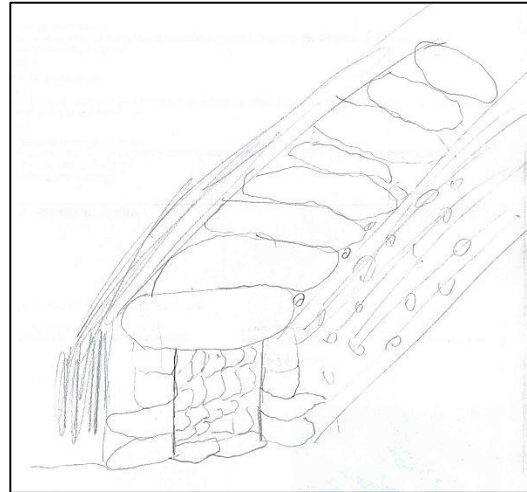


Figura 27 Croqui da UE 0563

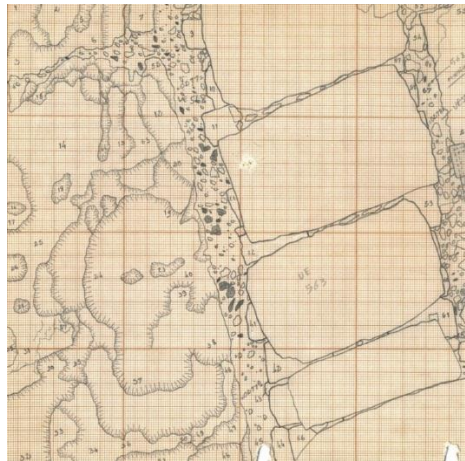


Figura 28 Plano da UE 0563 (UAUM)

A canalização 3 (UE 0611) foi localizada no cardo máximo, junto ao pórtico oeste da habitação, estando orientada a SE/NO.   uma canalização em forma de U, muito fragmentada e constituída por 3 segmentos. O primeiro mede cerca de 0,60m, o segundo 0,70m e o terceiro 0,60m. A cobertura da canalização   composta por elementos retangulares de material laterı́cio, com 0,60m de comprimento, 0,18m de largura e 0,04m de espessura. Da canalização preservaram-se três módulos em forma de U, sendo que o melhor conservado tem um comprimento de 0,60m, uma largura de 0,20m e uma altura de 0,12m. O seu pendor parece ser sudeste/noroeste, muito embora seja difıcil afirm -lo com rigor, uma vez que as três partes conservadas não mostram cotas elucidativas. A canalização teria como função o abastecimento de água   habitação, sendo a sua utilização datável entre o século I e o século II (Teixeira, 2012:ficha n 5) (Figuras 29 e 30).

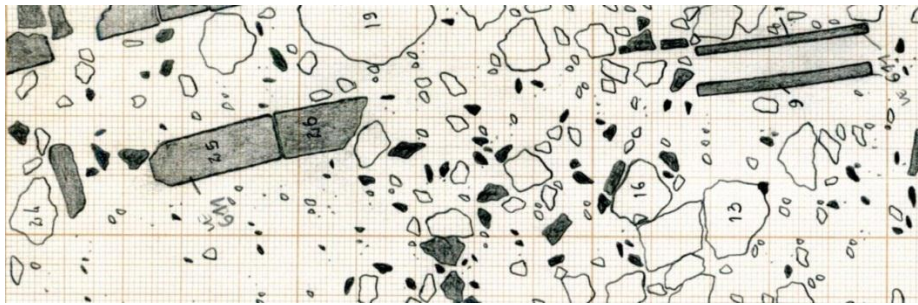


Figura 29 Plano da UE 0611 (UAUM)

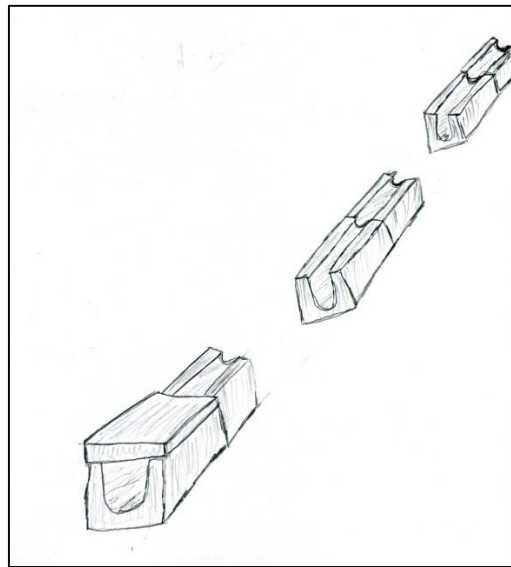


Figura 30 Croqui da UE 0611

A canalização 4 (UE 0610) relaciona-se com a primeira fase da construção da *domus*, sendo datável do século I. Possui uma orientação SE/NO.

Trata-se de uma canalização em caixa, da qual apenas se conservou o lastro e alguns elementos da parede. Esta tem um comprimento conservado de 3,30m, 0,80m de largura e uma altura de 0,06m. O lastro tem cerca de 3m de comprimento e é constituído por elementos de material laterícios de tipo *lydion*, com 0,30m de largura, 0,45m de comprimento e 0,06m de espessura. As paredes são constituídas por pedras graníticas retangulares, ligadas ao próprio lastro e são faceadas no lado interno, exibindo comprimento e largura variáveis entre os 0,40m x 0,30m e os 0,30m x 0,20m. Apesar da cobertura não se ter conservado, pensa-se que fosse de pedra. As paredes possuem bons alicerces e distanciam-se cerca de 0,30m. Admitimos que possuiria uma cobertura com pedras de dimensão superior a 0,50m, muito embora aquela pudesse ser igualmente em tijolos *bipedales* com medidas de 0,60m x 0,60m. A canalização



corre paralela à cloaca sendo difícil precisar a sua funcionalidade (Teixeira, 2012:ficha nº6) (Figuras 31-33).



Figura 31 Fotografia da UE 0610 (MDDS)

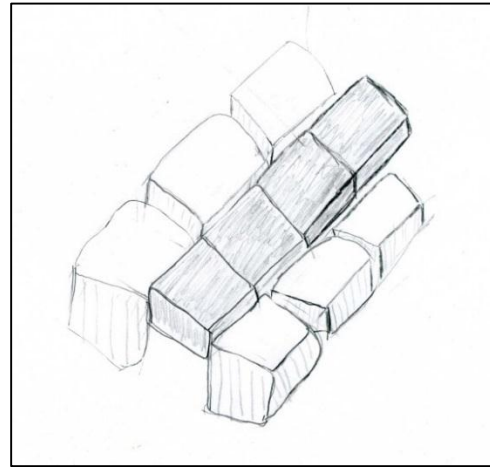


Figura 32 Croqui da UE 0610

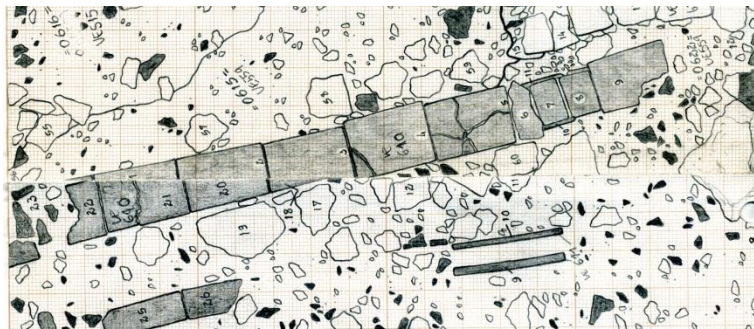


Figura 33 Plano da UE 0610 (UAUM)

A canalização 5 (UE 0590) parece estar relacionada com a primeira ou segunda fase da habitação. É uma canalização em caixa, tendo um comprimento conservado de 3,60m e uma altura desconhecida. O lastro tem o mesmo comprimento, uma largura de 0,40m, estando adossado ao pórtico (UE 0591) e ao muro que corresponde à UE 0612. O tijolo tipo *lydion* foi o material usado na sua construção, cujas dimensões rondam os 0,45m de comprimento, 0,30m de largura e 0,06m de espessura. As paredes foram construídas em alvenaria regular, alinhadas por fiadas de elementos graníticos mais ou menos regulares. A este, o muro conservado, além de fazer parte do pórtico da *domus*, serviu também de parede da canalização. A parede oeste da canalização funcionava como muro de suporte da estrutura de drenagem da água que jorrava dos telhados. Os elementos do muro oeste têm um comprimento de 0,50m e uma largura de

0,30m. É possível que a cobertura fosse de pedra. Com uma função de drenagem, esta canalização possui um pendor S/N (Teixeira, 2012:ficha nº7) (Figuras 34-36).



Figura 34 Fotografia da UE 0590 (MDDS)

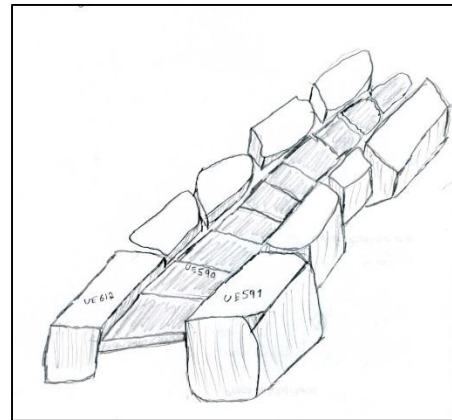


Figura 35 Croqui da UE 0590

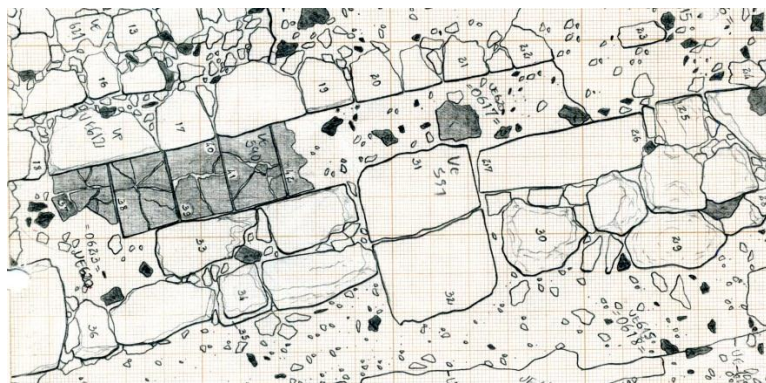


Figura 36 Plano da UE 0590 (UAUM)

Foi identificada uma sexta canalização (UE 0838), que, provavelmente, estaria ligada com a cloaca. É uma canalização em U, com um comprimento preservado de 1m de comprimento e uma altura 0,09m, sendo composta por três elementos em tijoleira fragmentados. Não conseguimos saber o real comprimento dos módulos porque nenhum chegou até nós intacto, muito embora se saiba que o maior tem um comprimento de 0,30m e uma largura de 0,10m. Sabe-se igualmente que a espessura das paredes é de 0,06m e a altura de 0,09m. Esta canalização pode ser datada entre os séculos I e o IV (Teixeira, 2012:ficha nº8) (Figuras 37-39).





Figura 37 Fotografia da UE 0838 (UAUM)

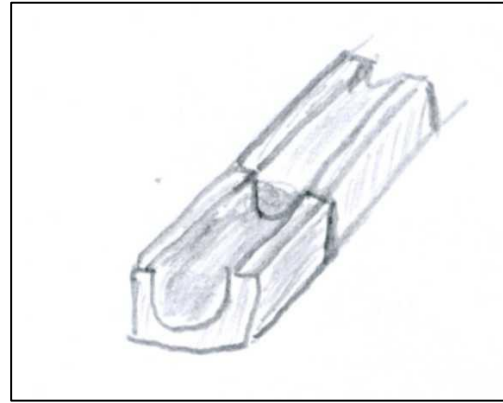


Figura 38 Croqui da UE 0838

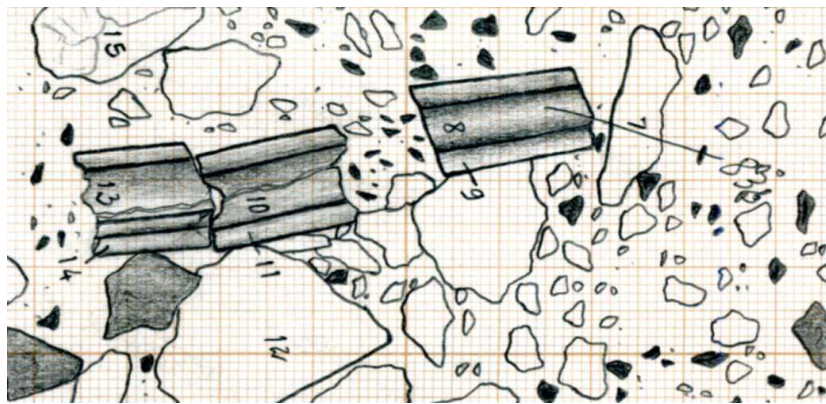


Figura 39 Plano da UE 0838 (UAUM)

A canalização 7 (UE 0598) tem a forma de tubo, tendo sido executada com sucessões de tubos/canos cerâmicos encaixados uns nos outros, com cerca de 0,08m. Apresenta-se bem conservada numa extensão de cerca de 11,60m, revelando uma orientação SE/NO e um pendor S/N. Cada módulo tem aproximadamente 0,70m de comprimento por 0,18m de diâmetro. A canalização teria como função o abastecimento de água à habitação e é datável dos séculos I/II (Teixeira, 2012:ficha nº9) (Figuras 40-42).



Figura 40 Fotografia da UE 0598 (MDDS)

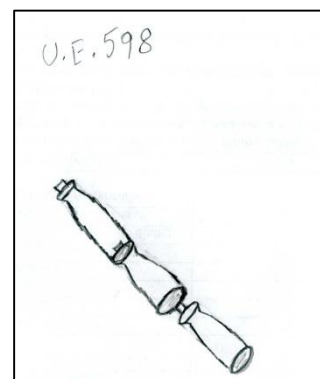


Figura 41 Croqui da UE 0598



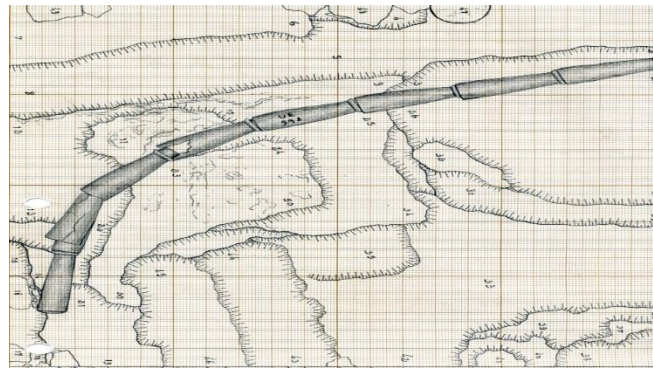


Figura 42 Plano da UE 0598 (UAUM)

A canalização 8 (UE 0659) tem forma de U e revela-se muito fragmentada, dela se conhecendo apenas o lastro e as paredes. Tem uma orientação SE/NO, tendo sido exumada numa extensão máxima de 1,40m. A sua altura é desconhecida, o mesmo acontecendo com o seu pendor e a sua funcionalidade. No entanto, sabemos que está relacionada com a última remodelação da área, sendo datável dos finais do Baixo-Império ou da Antiguidade Tardia (Teixeira, 2012:ficha nº10) (Figuras 43-45).



Figura 43 Fotografia da UE 0659 (MDDS)

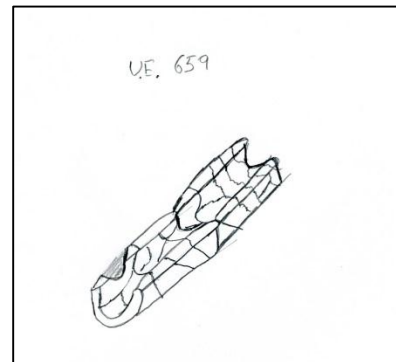


Figura 44 Croqui da UE 0659

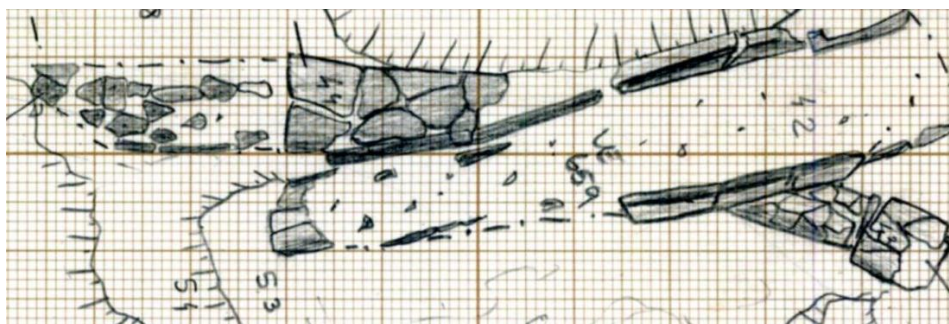


Figura 45 Plano da UE 0659 (UAUM)

A canalização 9 (UE 0660) possui forma de canal, sendo constituída por vários ímbrices dispostos com orientação S/N. Conserva-se numa extensão considerável e apresenta elementos do lastro, bem como paredes e elementos da cobertura, feitos com ímbrices com 0,50m de comprimento, 0,06m de espessura e 0,20m de largura. Conservaram-se também dois troços alinhados, um com 2m e outro com 0,80m.

Não é possível determinar o seu pendor mas podemos atribuí-la à 2ª fase, provavelmente aquando a construção do *peristylum*, sendo a sua função de drenagem das águas daquela área aberta, possivelmente de um tanque que recolhia as águas das chuvas.

A canalização pode ser datada dos finais do século I/ século II (Teixeira, 2012:ficha nº11) (Figuras 46-48).



Figura 46 Fotografia da UE 0660 (UAUM)

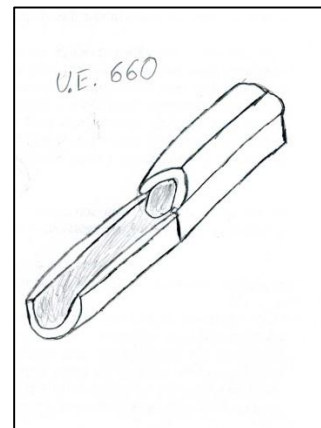


Figura 47 Croqui da UE 0660

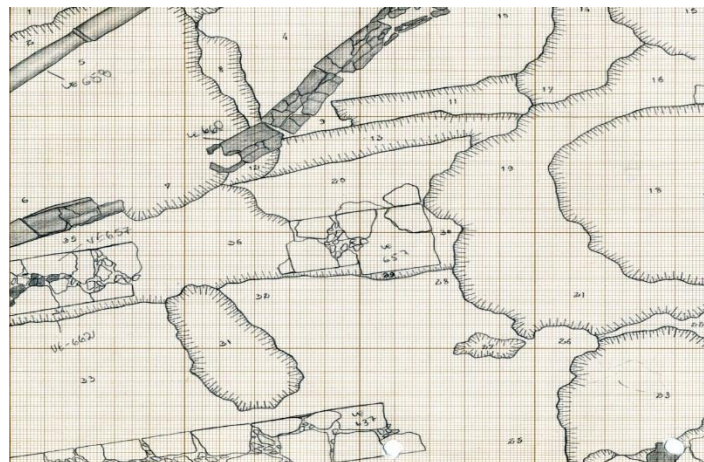


Figura 48 Plano da UE 0660 (UAUM)



A canalização 10 (UE 0990), em forma de U, é constituída por elementos em material laterício, possuindo uma orientação E/O e um pendor de 0,33m. Preservaram-se apenas cinco elementos do lastro, numa extensão máxíma de 3,30m, possuindo uma largura de 0,18m. Conservaram-se 6 módulos com um comprimento de 0,60m, largura de 0,18m e uma espessura de 0,04m, aproximadamente. As paredes dos módulos têm cerca de 0,14m de altura e 0,04m de espessura.

Seria uma canalização de drenagem do interior da habitação e pode ser datada dos finais do século I/século II. Provavelmente está relacionada com a segunda fase da *domus* (Teixeira, 2012:ficha nº12) (Figuras 49-51).

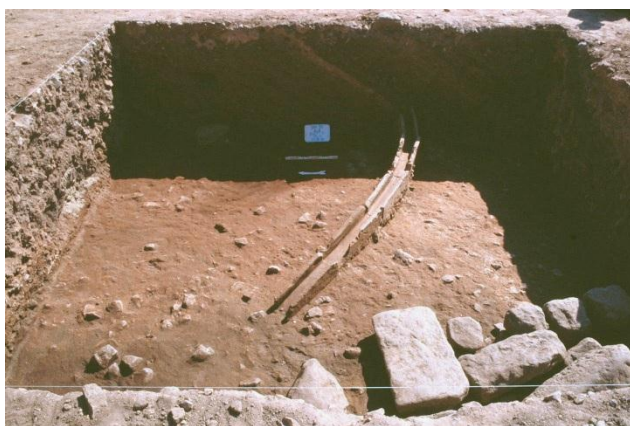


Figura 49 Fotografia da UE 0990 (MDDS)

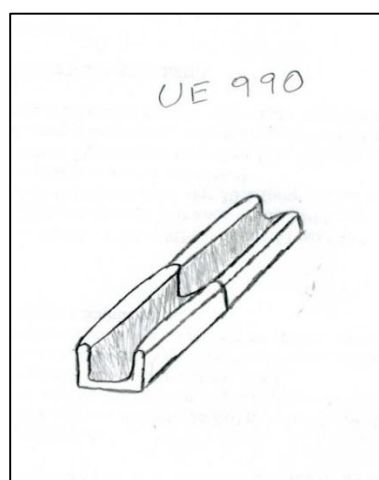


Figura 50 Croqui da UE 0990

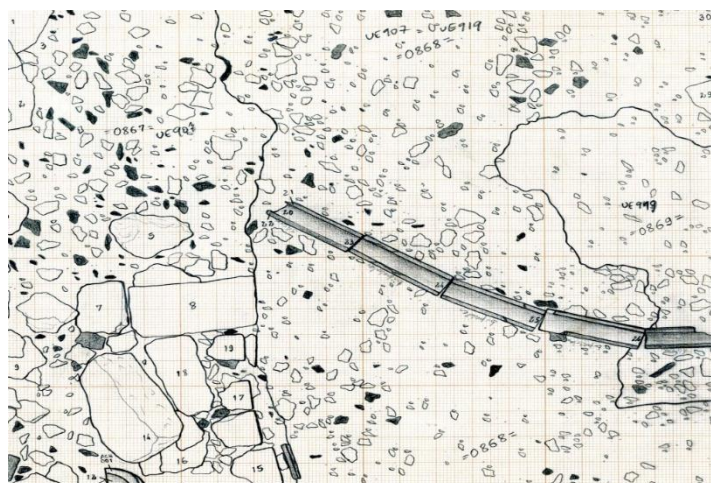


Figura 51 Plano da UE 0990 (UAUM)

A canalização 11 (UE 1001) tem forma de U, estando orientada SE/NO. Foi construída em material laterício e apresenta-se conservada numa extensão de cerca de 4,20m, tendo revelado sete elementos do lastro e alguns da cobertura, apesar de estarem muito fragmentados. Tem um pendor de 0,34m numa extensão de 4,20m.

A cobertura encontra-se em mau estado de conservação, revelando apenas três elementos muito fragmentados que teriam um comprimento de 0,60m, 0,20m de largura e 0,06 m de espessura.

A canalização parece ser posterior à cloaca, drenando água para aquela estrutura. Pode ser datada entre os finais do século I/ século II (Teixeira, 2012:ficha nº13) (Figuras 52-54).



Figura 52 Fotografia da canalização UE 1001 (MDDS)

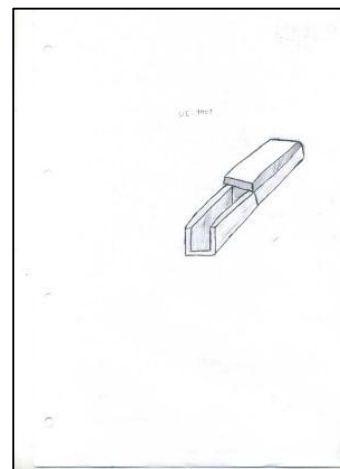


Figura 53 Croqui da UE 1001

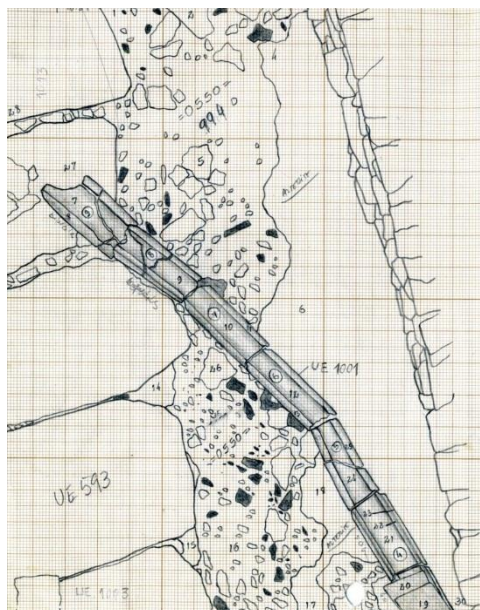


Figura 54 Plano da UE 1001 (UAUM)

A canalização 12 (UE 0877) possui forma de U e revela orientação SE/NO. Foi feita em material laterício e encontra-se em razoável estado de conservação, preservando-se alguns elementos do lastro e das paredes e um único elemento da cobertura. Tem uma extensão máxima preservada de 2,60m e uma altura de 0,24m. A cobertura está mal conservada, tendo persistido apenas um elemento muito fragmentado que teria um comprimento de 0,60m, uma espessura de 0,04m e uma largura de 0,20m. Conservaram-se quatro módulos, com cerca de 0,60m de comprimento, 0,20m de largura e 0,24m de altura. A parede tem uma espessura de 0,06m.

Cumpria uma função de drenagem e relaciona-se com a primeira fase de construção da casa e da cloaca, podendo ser datada do século I (Teixeira, 2012:ficha nº14) (Figuras 55-57).

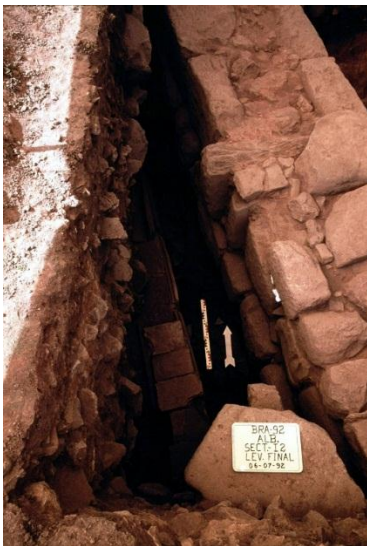


Figura 55 Fotografia da UE 0887 (MDDS)

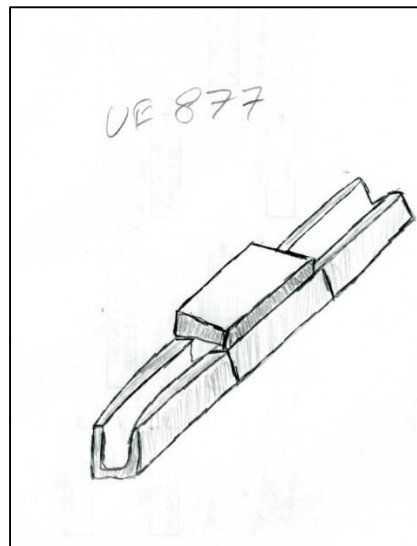


Figura 56 Croqui da UE 0887

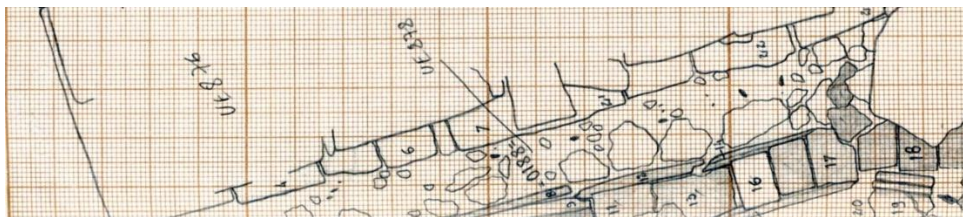


Figura 57 Plano da UE 0887 (UAUM)

A canalização 13 (UE 0759) é em caixa e revela uma orientação S/N. Encontra-se num estado de conservação razoável, possuindo alguns elementos do lastro e das paredes com uma extensão máxima preservada de 1m e 0,20m de altura. O lastro (UE 0828) é feito com tijolos, com 0,40m de comprimento por 0,30m de largura e 0,06m de espessura. Um elemento do



lastro tem uma marca que se assemelha à marca 46a da tabela sinóptica ilustrada por R. Morais (2005, Est. XL). A parede é em pedra, tendencialmente quadrada, com dimensões de 0,20m\*0,20m\*0,20m\* de comprimento, largura e altura, ou seja, com um aparelho de tipo *opus vittatum*. A cobertura não se preservou e é impossível perceber o seu pendor.

Teria como função de drenagem está associada à 2ª fase de ocupação da domus, associando-se ao *peristilyum*, drenando a água de um tanque que aí poderia estar instalado. Pode ser datada dos finais do século I/ século II (Teixeira, 2012:ficha nº15) (Figuras 58 e 59).



Figura 58 Plano da UE 0759 (UAUM)

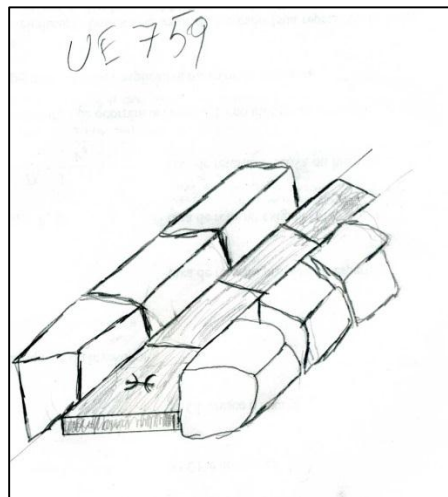


Figura 59 Croqui da UE 0759

### 3.2 Embasamentos de pilares

As escavações permitiram identificar vários embasamentos de pilares do pórtico da casa que ocuparia a *insula* situada a oeste da rua. No total são oito pilares, localizados no canto sudeste da zona intervencionada:

- UE 0478: pilar do pórtico este da casa, associado à fase I do edificado, sendo parte do embasamento que suportava a silharia do mesmo. Elemento de pedra de talhe retangular, faceado em todas as faces e aplanado no leito de espera. Este é sobreposto por dois blocos associados ao muro UE 0591 (Ribeiro, 2010:297). Tem uma extensão preservada de 0,98m de comprimento, 0,44m de largura e 0,46m de altura.
- UE 0502: Conjunto de dois blocos, graníticos, de talhe retangular, sobrepostos, associados ao pórtico sul da *insula* situada a oeste da *domus* do Ex Albergue. Estes elementos definiam o embasamento que sustentaria a silharia associado ao pórtico (Ribeiro, 2010:297). Tem uma extensão preservada de 0,70m de comprimento, 2,5m de largura e 2,6m de altura (Figuras 60 e 61).

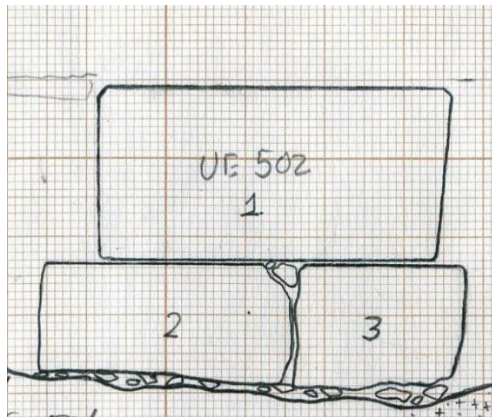


Figura 60 Alçado da UE 0502 (UAUM)



Figura 61 UE 0502 (UAUM)

- UE 0507: pilares do canto do pórtico este da rua. Conjunto de três blocos graníticos e forma retangular, sobrepostos com um comprimento preservado de 1,26m, 2,34m de largura e 0,45m de altura. (Fig.42) Estes elementos formavam um angulo que define o canto entre o pórtico sul e este da *domus* localizada a oeste da habitação (Figuras 62 e 63).

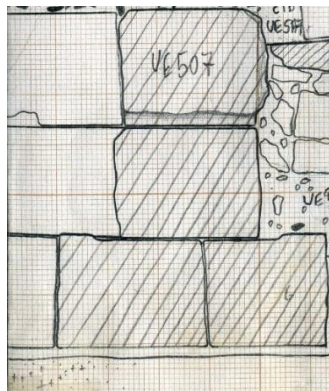


Figura 62 Alçado da UE 0507 (UAUM)



Figura 63 UE 0507 (UAUM)

- UE 0539: cunhal que constitui o canto sudeste da casa. Conjunto de três blocos graníticos sobrepostos assente numa sapata. Apresenta uma extensão preservada de 2,30m de comprimento, 2,20m de largura e 0,70m de altura (Figuras 64 e 65).

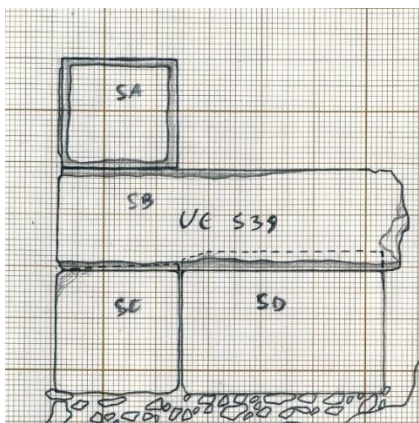


Figura 64 Alçado da UE 0539 (UAUM)



Figura 65 UE 0539 (*apud* Ribeiro, 2010:apêndice 27)

- UE 0545: pilar do pórtico este. Conjunto de dois blocos de pedra granítica, de forma retangular sobrepostos, igualmente assente numa sapata. Têm uma orientação geral S/N. Exibe uma extensão conservada de 0,54m, uma largura de 0,32m e uma altura de 0,40m (Figuras 66 e 67).

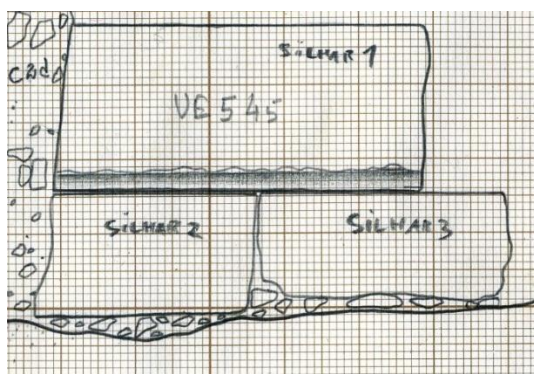


Figura 66 UE 0545 (UAUM)



Figura 67 Foto UE 0545 (UAUM)

- UE 0571: pilar do pórtico este. Serviria de base estrutural a uma das colunas do pórtico e estavam associados à I fase da construção. Conjunto de dois blocos de pedra granítica, sobrepostos. Apresenta uma extensão conservada de 1,08m, uma largura de 0,50m e uma espessura de 0,16m (Figuras 68 e 69).



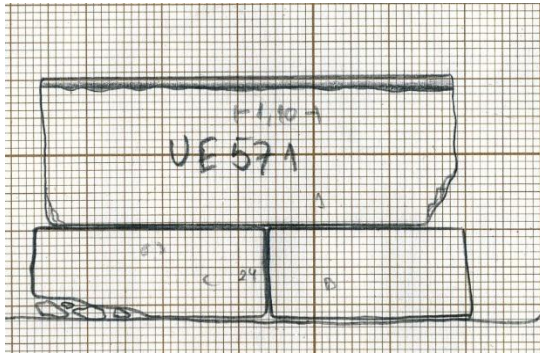


Figura 68 Alçado da UE 0571 (UAUM)



Figura 69 Foto UE 0571 (UAUM)

- UE 0574: pilar do pórtico este. Conjunto de dois blocos de pedra granítica, sobrepostos, com um comprimento máximo preservado de 1,26m, largura de 0,66m e uma altura de 0,92m (Figuras 70 e 71).

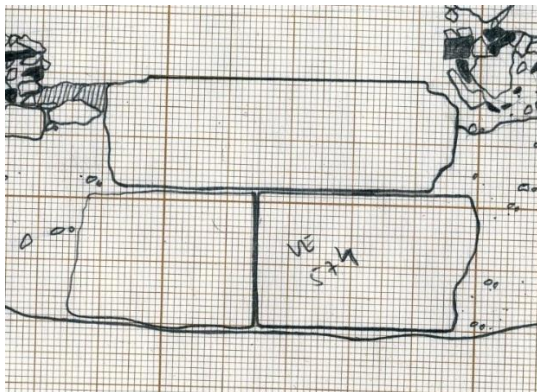


Figura 70 Alçado da UE 0574 (UAUM)



Figura 71 Foto UE 0574 (UAUM)

- UE 0836: pilar do pórtico da casa, composto por três blocos de pedras graníticas, o bloco inferior colocado na horizontal, o intermédio na horizontal e o superior colocado igualmente na horizontal, com uma extensão preservada de 2,64m de comprimento, 0,66m de largura e 1,20m de altura (Figuras 72 e 73).

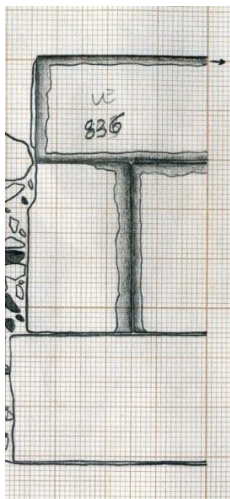


Figura 72 Alçado UE 0836 (UAUM)



Figura 73 Foto UE 0836 (*apud* Ribeiro, 2010:apêndice 51)

- UE 0837: pilar do mesmo pórtico, composto apenas por um bloco de pedra granítica, e forma retangular, orientado N/S, com uma extensão de 0,30m de comprimento, 0,98m de largura e 0,29m de altura. Este elemento tinha como função a sustentação da silharia do pórtico este da *insula*, pertencendo à primeira fase construtiva deste espaço (Ribeiro, 2010:302) (Figura 74).

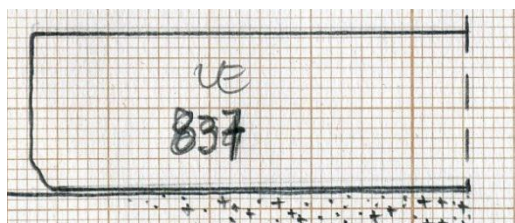


Figura 74 Alçado UE 0837 (UAUM)

Estes pilares estavam implantados a uma distância regular de  $8\frac{1}{2}$  pés, ou seja, cerca de 2,5 m entre si, medindo cada elemento entre 1m e 0,80m de comprimento e 0,55m a 0,42m de largura. As medidas dos pilares *in situ* permitem considerar que se destinariam, não a suportar uma colunata, como acontece noutros locais da cidade, mas uma solução em silhares sobrepostos, encimados por arcos, eventualmente formados por material laterício. Tendo em linha de conta o espaço entre pilares e a largura do pórtico, os arcos deveriam ter uma altura provável de  $10\frac{1}{2}$  pés (3,10m). Esta hipótese pode ser reforçada pela presença de uma enorme quantidade de blocos graníticos, de talhe retangular, presentes tanto em níveis de derrube como

no muro que delimitava o logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (Magalhães, 2010:74).

Do pórtico correspondente à *domus* que se situava no lado nascente da rua preservam-se apenas quatro embasamentos de pilares *in situ*. No entanto, existem outros silhares que foram reaproveitados e que devem ter feito parte da estrutura do pórtico oeste. Na parte norte foram igualmente identificados alguns silhares que definiam a estrutura do porticado situada no lado norte da *domus*. Para além dos silhares dos pórticos da *domus* foram ainda encontrados outros silhares, que desempenharam diferentes funcionalidades, muitos dos quais localizados na linha da fachada da casa.

Passamos a descrever os elementos detetados:

- UE 0624: pilar do pórtico oeste, construído na Fase I. Elemento em pedra de talhe de forma retangular, orientada N/S. Este elemento fazia parte do embasamento que suportava a silharia do pórtico oeste da casa (Ribeiro, 2010: 300) (Figuras 75 e 76).

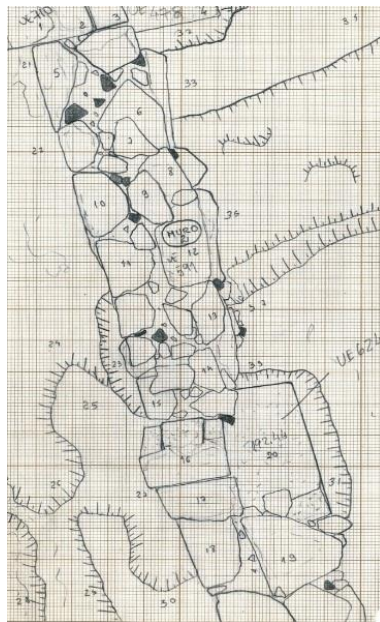


Figura 75 Plano final com a UE 0624 (UAUM)



Figura 76 Foto UE 0624 (*apud* Ribeiro, 2010:apêndice 5)

- UE 0678: pilar do pórtico oeste incorporado no muro UE 0591. Estrutura formada por dois silhares sobrepostos, um retangular e outro quadrangular, com uma extensão máxima de 0,70m de comprimento, 0,62m de largura e 0,97m de espessura. Estes blocos assentam uma preparação constituída por argamassa e cascalho. Posteriormente foram integrados no muro UE 0591 que fechou o pórtico e que deverá estar associado à segunda fase da construção (Ribeiro, 2010:300).
  
- UE 0695: conjunto de blocos em pedra de talhe retangular. Trata-se de dois elementos sobrepostos, um inferior na horizontal que formava a base do segundo elemento, também retangular e colocado na vertical. A função destes elementos é desconhecida, contudo, o modo como se apresentam parece indicar a presença de uma ombreira, de forma a definir uma abertura. Possivelmente terão sido reutilizados (Ribeiro, 2010:300). Tem uma extensão preservada de 0,40m de comprimento, 0,44m de largura e 1,26m de altura
  
- UE 0696: conjuntos de dois blocos sobrepostos, um mais pequeno colocado na horizontal, servindo de embasamento a outro maior, colocado com o lado maior na vertical, com uma extensão de 0,50 m de comprimento, 0,50m de largura e 1,28m de altura. Também estes elementos foram integrados no muro identificado pela UE 0591 que viria a fechar o pórtico oeste da *domus*, muito embora, numa primeira fase possam ter estado associados a uma abertura (Ribeiro, 2010:301) (Figura 77).



Figura 77 Foto UEs 0695 e 0696 (*apud* Ribeiro, 2010:apêndice 51)

- UE 0728: elemento em pedra de talhe retangular orientado S/N. Assenta num alicerce constituído por pedra miúda e fragmento de material de construção. Tem uma extensão de 0,56m de comprimento e uma largura de 0,20m (Figura 78).



Figura 78 Foto UE 0728 (UAUM)

- UE 0777: conjunto de dois silhares de forma retangular, colocados lado a lado e orientados E/O. Estes elementos localizam-se a proximidade do canto NO da *insula* e definiam parte do embasamento do pórtico oeste da casa em funcionamento na primeira fase do edificado (Ribeiro, 2010: 301). Tem uma extensão conservada de 1,02m de comprimento, 0,80m de largura e 1,11m de altura.
- UE 0818: elemento em pedra de talhe de forma retangular, orientado S/N. Tem uma extensão de 0,54m de comprimento e uma largura de 0,42m. Parece estar alinhado com outros silhares idênticos representados pelas UE's 0819 e 0728 (Ribeiro, 2010:301).



- UE 0819: silhar de forma retangular, com um elemento de fuste em tijoleira, orientado S/N. Encontra-se alinhado pelas UE's 0818 e 0728 com os quais poderá estar relacionado e encontra-se implantado na rocha. Tem uma extensão de 0,64m de comprimento, 0,44m de largura e 0,15m de altura (Figura 79).

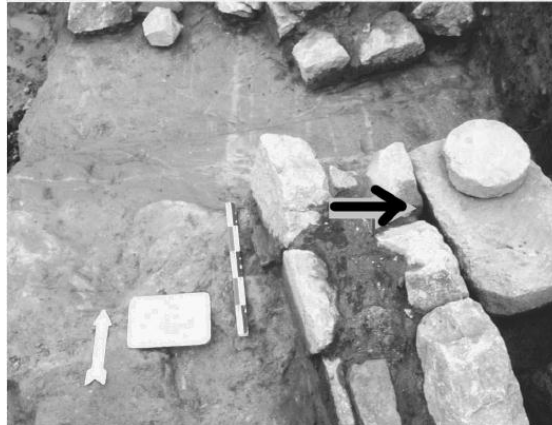


Figura 79 Foto UE 0819 (apud Ribeiro,2010: apêndice 51)

- UE 0822: elemento em pedra de talhe, de forma retangular, orientado N/S, com uma extensão de 0,48m de comprimento e 0,58m de largura. Este elemento poderá estar relacionado com a primeira fase de construção da *domus* (Ribeiro, 2010:302).
- UE 0823: conjunto de dois elementos em pedra de talhe, especificamente um fuste e o seu embasamento. Tem uma extensão de 0,44m de comprimento e 0,44m de largura. A funcionalidade destes elementos não é certa, podendo ter estado associados à colunata do pórtico (Ribeiro, 2010:302).
- UE 0824: conjunto dois elementos em pedra de talhe, designadamente fuste e o seu embasamento em granito de forma retangular. Tem uma extensão de 0,48m de comprimento e 0,44m de largura. É semelhante à estrutura identificada como UE 0823. Estes elementos deviam ter estado associados a uma colunata da casa, do pórtico, *atrium* ou peristilo (Ribeiro, 2010:302).
- UE 1021: pilar do pórtico assente em dois blocos quadrangulares. É constituído por um alicerce empedrado miúdo que suportava os silhares que seriam a base de sustentação dos pilares do pórtico. Apresenta uma extensão de 0,80m de comprimento, uma largura

de 1m e uma espessura de 0,09m. Estes elementos tinham como função a sustentação da silharia do pórtico este da *domus* do Ex Albergue (Ribeiro, 2010: 303) (Figuras 80 e 81).

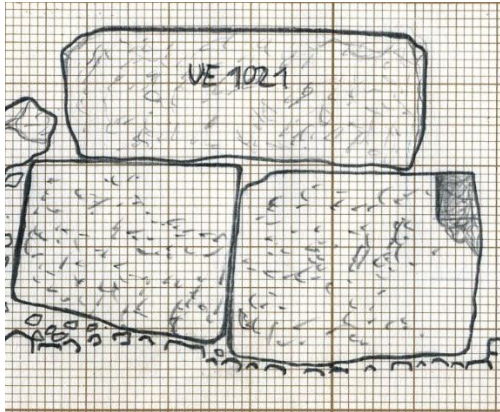


Figura 80 Alçado da UE 1021 (UAUM)



Figura 81 Foto UE 1021 (UAUM)

- UE 1027: pilar do canto do remate do pórtico, que relaciona o pórtico este com o pórtico norte da *domus* assente sobre um alicerce circular de empedrado miúdo. Este faria a esquina do pórtico, logo possuía dois tramos que fechavam o quarteirão romano. Exibe uma dimensão conservada de 1,30m de comprimento, 0,64m de largura e 0,30m de altura (Ribeiro, 2010: 304) (Figura 82).

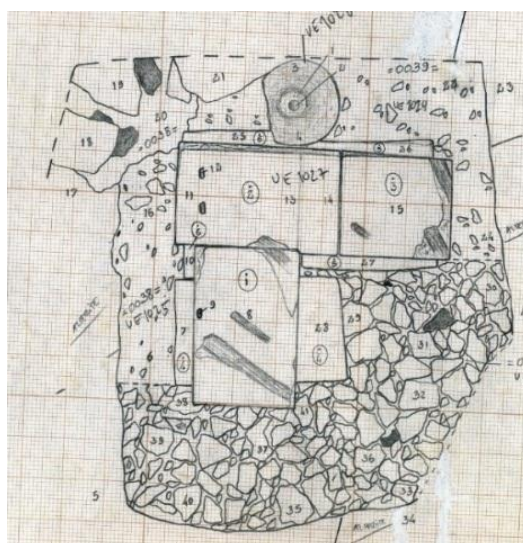


Figura 82 Plano da UE 1027 (UAUM)

- UE 1030: embasamento que suportava um pilar do pórtico, constituído por um silhar quadrangular. Integrava o pórtico norte da *domus*, datado da Fase I do edificado. Este assenta num alicerce circular de empedrado miúdo. Tem uma extensão conservada de 0,78m de comprimento, 0,68m de largura e 0,46m de altura (Ribeiro, 2010:304) (Figuras 83 e 84).



Figura 83 Plano final com a UE 1030 (UAUM)



Figura 84 Foto UE 1030 (*apud* Ribeiro 2010: apêndice 52)

- UE 1052: pilar que pode formar a entrada norte da casa. Tem uma extensão preservada de 0,70m, uma largura de 0,36m e uma altura de 0,33m.
- UE 0949: pilar que pode formar a entrada norte da casa. Tem uma extensão de 0,30m de comprimento e 0,09m de largura.

Através dos elementos conservados dos pórticos conseguimos definir os limites do quarteirão, onde esta *domus* se encontrava inserida. Assim, podemos restituir para a mesma uma dimensão aproximada de cerca de 35,5m (117 pés) de comprimento (N/S), valor que a aproxima da *domus* das Carvalheiras (Magalhães, 2010:74).

### 3.3 Elementos arquitetónicos

Nesta zona arqueológica foram identificados vários elementos arquitetónicos que podem estar relacionados com a estrutura da casa, tais como capitéis, bases e fustes de coluna.



Foram individualizados dois capitéis coríntios, em granito, datados dos séculos I-III, com um diâmetro de 0,39m (MPXII.LIT.114, MPXII.LIT.1) (Figura 85). Foram também encontrados dois capitéis toscanos, igualmente em granito, com diâmetros entre 0,37m e 0,28m, com uma cronologia entre os séculos I-II (MPXII.LIT.1B, 1997.0197) (Figura 86) (Magalhães, 2010:76).



Figura 85 Capitel coríntio (Pio XII)



Figura 86 Capitel coríntio (Pio XII)

Os capitéis coríntios estariam, possivelmente, relacionados com os elementos que formavam a colunata que rodearia o peristilo da *domus*. De acordo com a altura dos capiteis, (0,39m) e segundo as medidas ideais de Vitruvius para esta ordem, onde a altura do capitel seria igual ao diâmetro do fuste, parece viável considerar uma altura de coluna com aproximadamente de 3,80m (12 ½ pés). Porém, a altura da colunata também pode ser calculada de acordo com a largura do pórtico do peristilo, uma vez que Vitruvius sugeria que a altura da coluna fosse igual à largura do pórtico. Assim, a altura da colunata seria de 2,10m (9 pés), estimativa, que pensamos ser mais realista do que o de 3,80m (Magalhães, 2010:76).

Identificaram-se, também, dez bases de coluna em granito, destacando-se um exemplar de uma base monotórica, com um plinto de 0,25 m (1997.0207), assim como uma base em toro com 0,46 m de diâmetro (1997.0195). Ao longo da escavação foram encontradas outras bases que possuem diferentes diâmetros (1997.0055; 1997.0202; 1997.0194; 1997.0204; 1997.0210; 1997.0214; 1997.0242; 1999.0116; 1999.0118), sendo necessário mencionar que a grande maioria se situa entre os 0,27m e os 0,59m de diâmetro e entre 0,17m e os 0,37m de altura (Magalhães, 2010:76-77) (Figuras 87 e 88).



Figura 87 Base de coluna (1997.0207) (UAUM)



Figura 88 Base de coluna (1997.0202) (UAUM)

As colunas da porta da entrada da casa podem ser sugeridas pelo capitel toscano, (MPXII.LIT.1B), pela base monotórica (1997.0207) e por um elemento de fuste (1997.0969), sendo provável que possuíssem cerca de 3m (10 pés). Esta medida pode ser estimada pela base, encontrada *in situ*, com um diâmetro de 0,42m, que deveria ter associado um fuste troncocónico, como é comum nas colunas toscanas, neste caso com cerca e 0,43m de diâmetro, podendo rematar num capitel com 0,37m de diâmetro.

O outro capitel toscano, tal como as demais bases e os fustes apresentam dimensões diversas, o que nos leva a pensar que podem estar relacionados, tanto com outros compartimentos deste núcleo habitacional, como com espaços de domus que estaria localizada a oeste do cardo, devido ao facto da maioria destes elementos terem sido usados no muro do logradouro da antiga Casa Grande de Santo António das Travessas.

De referir ainda a identificação de oito elementos de fuste, em granito, com 0,31m e 0,30m de diâmetro (1995.0972, 1997.0196; 1997.0208; 1997.0209; 1997.0213; 1997.0969; 1999.0112; 1999.0113;) (Magalhães, 2010:77) (Figura 89).



Figura 89 Fuste 1997.0208 (UAUM)

Foram ainda identificados pilares com arranque de coluna (UE's 0822, 0823 e 0824), em granito, bem como um bloco com um elemento de fuste em tijoleira (UE 0818), um tambor de coluna (UE 0956) e vários pilares do pórtico, de talhe retangular que deveriam suportar uma colonata de silhares encimados por arcos (UE's 0502, 0507, 0539, 0545, 0571, 0574, 0584, 0624, 0678, 0696, 0836, 0837, 0949, 1021, 1027 e 1052).



## **Parte III**

---

### **Análise evolutiva e funcional da unidade doméstica da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital**



## 1 Fases de ocupação

Com base nos vestígios exumados nas escavações realizadas foi possível definir oito fases de ocupação na zona arqueológica em análise. O estabelecimento das fases foi definido com base na articulação entre a estratigrafia, os contextos construtivos e a datação dos materiais construtivos (Apêndice 14;15;16;17;18;19;20;37).

As cinco primeiras fases correspondem à ocupação romana, tardo antiga e alto medieval.

A primeira fase (Fase I) corresponde ao período situado entre o momento fundacional da cidade romana e a época flávia. Trata-se do período em que se instalam as primeiras infraestruturas urbanas da cidade, entre as quais cabe destacar o sistema viário, representado no setor escavado pela parte norte do cardo máximo, delimitado por um conjunto de silhares, que virão a ser utilizados na estrutura dos pórticos de duas *domus*, que ocuparam os quarteirões limítrofes da rua. A este período pode igualmente ser atribuída a construção da cloaca que corre sob o cardo máximo.

Na segunda fase (Fase II), que decorre entre a época flávia e o Baixo-Império insere-se a construção e ocupação da *domus* situada a nascente do cardo máximo, que pode ser datada do último quartel do século I.

A terceira fase (Fase III), situada entre finais do século III/início do IV e os finais do século IV/inícios do V, está associada a uma reforma da *domus*, a qual teve incidência no pórtico oeste, que é fechado e compartimentado, correspondendo a uma remodelação das áreas comerciais. Simultaneamente a fachada da casa avança para o anterior alinhamento da colonata-

A quarta fase (Fase IV) corresponde ao período da Antiguidade Tardia, estando representada por uma nova reforma da habitação, com a construção de muros que fragmentam o espaço da *domus*

Finalmente a quinta fase (Fase V) corresponderá ao período da Alta Idade Média, associando-se ao abandono da casa e a grandes saques das estruturas, com destaque para os silhares do pórtico, que podem ter sido usados na construção da primeira muralha medieval que passava nas imediações.

A Fase VI corresponderá à Baixa Idade Média e faz-se assinalar pela continuação de grandes saques das estruturas romanas e pela construção de novas estruturas que se sobrepõem aos espaços da antiga *domus*. O eixo viário romano que definia a parte norte do

cardo máximo persiste neste período transformando-se na Rua Verde, artéria periférica do núcleo urbano medieval que recebe uma pavimentação de lajes (UE 0566). Regista-se igualmente a construção de um muro que delimita o logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, que acompanha a nascente a Rua Verde.

A Fase VII associa-se à ocupação moderna do logradouro e denuncia uma reduzida ação construtiva neste setor da cidade. Para além dos saques que continuam a caracterizar este período, destacamos a construção de um forno.

A Fase VIII corresponde à época contemporânea, associando-se à abertura da rua Frei Caetano Brandão (1880) e à construção de uma nova cerca do logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, a qual funcionará como albergue até aos anos 70 do século XX.

Para cada um das fases referidas foi efetuada uma tentativa de definir uma planta interpretada das estruturas exumadas que permitem compreender a evolução registada neste setor da cidade.

## 2- Espaços e funcionalidades

### 2.1- Fase I

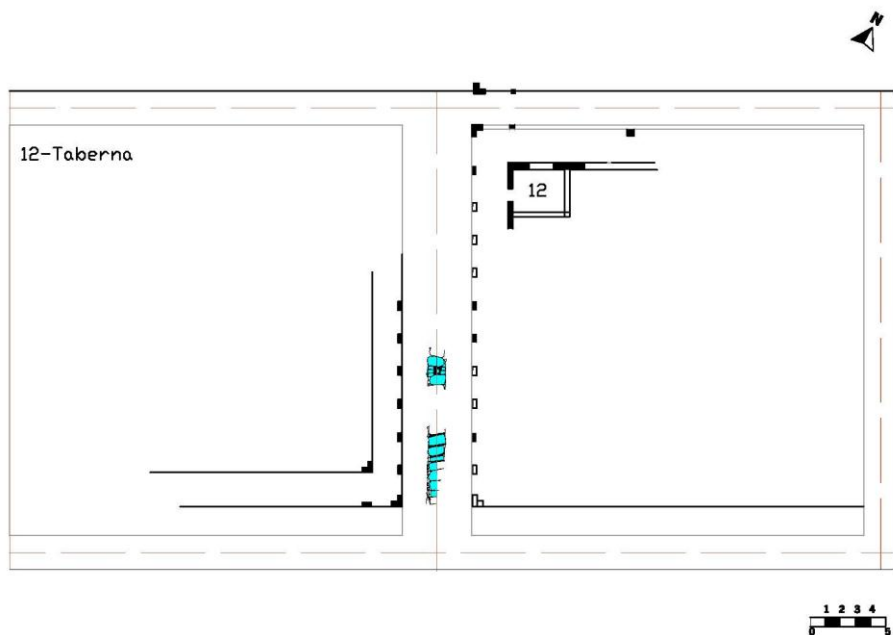


Figura 90 Planta interpretada Fase I

Esta primeira fase de ocupação pode ser datada entre o período de Augusto/Tibério e a época flávia, à qual corresponde o conjunto de estruturas mais antigas identificadas nas escavações, que pode ser datado pelos enchimentos das valas de fundação e pelos enchimentos



de nivelamento sobre a rocha. Falamos naturalmente de valas e sapatas associadas à implantação de silhares, que correspondem aos embasamentos das estruturas que suportavam os pórticos que delimitavam o cardo máximo. Nesta fase assinala-se igualmente a construção da grande cloaca (UE 0563) que corria sob o cardo máximo, destacando-se igualmente a construção de alguns muros, que serão posteriormente integrados na estrutura da domus situada a nascente daquele eixo viário (Figura 90).

Foi possível datar a cloaca da primeira metade do século I, através dos materiais identificados sob as lajes, quando se procedeu ao desmonte de uma parte daquela estrutura. O espólio cerâmico encontrado fornece-nos uma cronologia júlio-claudiana para a estrutura. Assim, na sondagem L1/L2 foram identificados: fragmentos de paredes finas de produção itálica, de forma híbrida Mayet XXXIII/XXXV, originários da área Centro Ocidental do Vale do Pó, datáveis entre finais do século I a.C. e o reinado de Cláudio; fragmentos de *terra sigillata*, nomeadamente um fragmento de tipo itálico Consp. 22.1, datável de 15 a.C. a 14 d.C. e um fragmento da forma Drag. 15/17, gálico, de La Graufesenque, datado dos reinados de Tibério a Nero (Morais, 2005:78).

No que se refere aos embasamentos do pórtico foi possível identificar os correspondentes ao pórtico oeste e ao pórtico este da *domus* que se situaria a poente do cardo máximo. Assim, foi possível identificar elementos dos pórticos inseridos em dois quarteirões diferenciados situados a nascente e poente do referido eixo viário. No caso do quarteirão poente apenas foi possível individualizar os pilares e o canto de estrutura que definia o pórtico este da habitação (UE 0539). A implantação deste limite da casa é visível através da caracterização da vala de fundação à qual foi atribuída a UE 0541 bem como o respetivo enchimento UE 0542. Este encontra-se datado da primeira metade do século I devido à presença de fragmentos de ânfora Haltern 70.

Ainda durante esta fase terá sido implantado o canto sudeste do pórtico UE 0507. Conseguimos identificar o negativo da vala de fundação, que foi designada UE 0514, bem como o seu enchimento (UE 0510), no qual foram identificadas cerâmicas de tradição indígena, cerâmica comum romana e fragmentos de ânfora Haltern 70. A presença destes materiais atesta a antiguidade desta estrutura.

Foram igualmente identificados embasamentos de vários outros silhares, dispostos a poente do cardo máximo. Um deles, representado pela UE 0545, estava associado à vala de fundação identificada pela UE 0544. De um outro pilar (UE 0571), não foi identificada vala de

fundação. Foi ainda assinalado outro pilar (UE 0574), cuja fundação é visível através do negativo identificado pela UE 0578, bem como através do seu enchimento referenciado pela UE 0577. Este pilar foi datado desta fase pela identificação de fragmentos de cerâmica comum romana.

No que diz respeito aos silhares dispostos a nascente do cardo máximo, foi possível identificar dois pilares (UE 0624 e UE 0478), dos quais não se registaram as respetivas valas de fundação. Ao mesmo pórtico foi atribuído o pilar referenciado pela UE 1021, com uma vala de fundação (UE 1017) e o respetivo enchimento (UE 1042), o qual integrava fragmentos cerâmicos de tradição indígena.

Ainda foi possível identificar os silhares do canto do pórtico noroeste, definido pela UE 1027 do qual foi possível exumar a sapata, assinalada pela UE 1026. A construção deste limite da casa é perceptível através da caracterização da respetiva vala de fundação (UE 1023), bem como dos seus enchimentos (UE 1024 e UE 1025).

Por último foram referenciados dois pilares (UE 0949 e UE 1052) que parecem formalizar uma entrada, situada na parte norte do quarteirão.

No que concerne aos muros com datação fundacional, conseguimos identificar o correspondente à UE 0890, que possui cerca de 0,50m de comprimento e uma largura de 0,58m, assentando numa sapata que foi referenciada com a UE 0892.

Também foi possível identificar os silhares do canto noroeste do pórtico, a que corresponde a UE 0958, com um comprimento conservado de 1,22m e uma largura de 1,33m. Este muro possui ainda um alicerce (UE 0968) que revela um comprimento de 2,42m e uma largura de 1,30m, possuindo uma sapata (UE 0903) com uma extensão preservada de 5,32m de comprimento por 1,21m de largura. A sua implantação é visível através da vala de fundação referenciada pela UE 0969.

Por fim atribuímos a esta fase o muro UE 0963, com uma extensão conservada de 3,08m de comprimento e 0,69m de largura. Este muro possui uma sapata (UE 1054) com um comprimento de 7,20m e uma largura de 2,50m. A sua vala de fundação está representada pela UE 1053.

O conjunto de estruturas que podemos atribuir a esta primeira fase de ocupação permite elaborar algumas considerações relativas aquela que foi a primeira grande etapa de construção do espaço urbano de *Bracara Augusta*. Na verdade, não podemos esquecer que a zona arqueológica estudada se situa num local privilegiado da cidade romana, situado no canto nordeste do *forum*.

Assim, cabe desde logo destacar a identificação dos limites de um dos eixos principais e estruturantes da cidade, correspondente à parte norte do cardo máximo, que se encontra delimitado pelos alinhamentos dos pórticos de duas *insulae*, situadas respetivamente a nascente e poente do eixo viário. Trata-se de uma via principal, não sendo estranho, por isso, que possua uma largura de 7,24m, correspondente a 24 pés, ou seja o dobro das vias secundárias conhecidas noutros setores da cidade, designadamente na zona arqueológica das Carvalheiras (Martins *et al.*, 2012).

Datam seguramente de um momento próximo da fundação da cidade alguns dos silhares referenciados, que se integravam nos quarteirões dispostos a poente e nascente da rua. Alguns não possuem materiais nos enchimentos das suas valas de fundação, enquanto outros revelam cerâmicas indígenas e de fabrico comum. Importa referir que tem sido sugerido que alguns destes silhares possam corresponder a estruturas de marcação física dos limites das ruas e quarteirões, posteriormente reaproveitadas para formalizar os pórticos. A sugestão de que estamos perante uma forma de materializar no terreno os limites do cardo máximo resulta do facto dessas estruturas serem as mais antigas que foram implantadas no local, precedendo em algumas décadas a construção das *domus* que se instalaram nos quarteirões limítrofes da rua.

Importa igualmente referir a grande cloaca que corria sob o cardo máximo, cuja construção situamos nesta primeira fase de ocupação, estando claramente associada à estruturação do espaço físico da cidade, através da implantação de infraestruturas. Os vestígios detetados permitiram verificar que a cloaca corria sob o eixo do cardo máximo, sendo a sua construção datada entre os reinados de Cláudio e Nero, tendo em conta a cronologia dos materiais mais tardios presentes na sua vala de fundação (Morais, 2005:78). A datação relativamente avançada desta estrutura valida os dados disponíveis relativamente à generalidade das *domus*, construídas a partir de finais do período júlio-cláudio, cuja implantação pressupôs a existência de um sistema organizado de drenagem de águas sujas.

O conjunto do espólio associado a esta primeira fase de ocupação do quarteirão permite-nos concluir que este quarteirão teve uma primeira ocupação durante a 1ª metade do século I, que se poderá associar à instalação no local de equipamentos artesanais (Apêndice 29). Na verdade, o aparecimento de fragmentos de moldes bivalves para produção de placas de bronze com decoração geométrica (Morais, 2005:Est XXX-XIII), procedentes de níveis que correspondem à fundação da cloaca, sugere a instalação nos quarteirões limítrofes da rua de estabelecimentos artesanais para produção de sítulas de bronze, cuja decoração regista uma clara tradição

indígena, característica da região do NO Peninsular (Martins, 1988:25). A existência de pelo menos uma oficina no local referido, anteriormente a Cláudio e, mais seguramente, à época Flávia, altura em que o quarteirão foi ocupado por uma *domus* de peristilo (Fase II), remete-nos para o carácter precário da instalação dos primeiros equipamentos artesanais, bem como das residências dos respetivos artesãos.

Assim, admitimos que a primitiva ocupação do quarteirão estará representada por uma potencial oficina de metalurgia, estabelecimento que teria sido construído em materiais perecíveis, posteriormente arrasado para a construção da *domus*, datada da época flávia (Martins *et al.*, 2012:44). Sublinhamos, todavia, a construção nesta fase de alguns muros que podem ser associadas a esta primeira fase de ocupação, muito embora seja difícil precisar com rigor a sua funcionalidade inicial.

## 2.2- Fase II

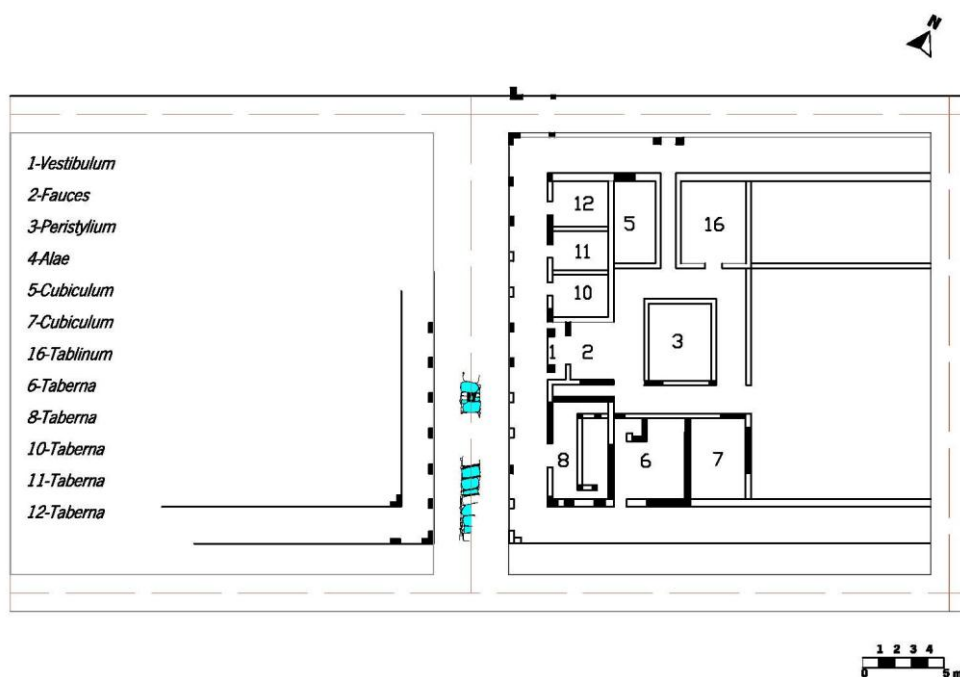


Figura 91 Planta interpretada Fase II

A segunda fase de ocupação identificada nesta zona arqueológica pode ser balizada entre o período Flávio e os finais do século III/inícios do IV. Tendo por base os materiais identificados em algumas valas de fundação, enchimentos sobre a rocha e enchimentos de nivelamento considera-se que data deste período a construção de uma *domus* de peristilo que ocupou aquele que seria o quarteirão situado a nascente do cardo máximo (Apêndice 30).

A esta fase podemos associar várias das estruturas identificadas na escavação, bem como as evidências de outras perceptíveis através de alguns recortes na arena de alteração granítica. Aos inícios desta fase podem igualmente ser atribuídas algumas fossas para extração de saibro que provavelmente foi usado na construção da habitação. A título de exemplo referimos o enchimento de fossa UE 0476, datado da segunda metade do século I devido à identificação de ânforas Dressel 14 e Dressel 20.

Associado a este período construtivo identificamos o enchimento que recobre a cloaca UE 0561, o qual apresenta espólio, onde destacamos asas de ânfora Dressel 2/4 com uma cronologia de finais do século I. Relacionado com a cloaca temos também o enchimento de uma vala de reparação da cloaca, identificado com a UE 1011, o qual forneceu fragmentos de *terra sigillata* hispânica Drag.15/17 que datam do último quartel do século I.

Os muros associados a esta fase sugerem uma unidade habitacional estruturada em torno de um espaço aberto, porticado, que parece desenhar a estrutura de um peristilo central em redor do qual possivelmente se dispunham diversos compartimentos da casa (Figura 91).

Relativamente aos embasamentos do pórtico identificamos os correspondentes ao pórtico que se situava na fachada oeste da *domus* e outros que se dispunham na fachada nascente da *domus* que se situava a poente do cardo máximo. Assim, foi possível individualizar elementos dos dois pórticos de duas *domus*. Entre eles destacamos o pilar do pórtico sul, identificado com a UE 0502. Foi possível detetar a implantação desta estrutura através da sua vala de fundação (UE 0504). Identificamos ainda dois pilares do pórtico oeste (UE's 0836 e 0837), bem como os negativos das respetivas valas de fundação (UE's 1210 e 1208).

Atribuível ao pórtico este da casa situada a poente do cardo máximo seria o pilar identificado com a UE 0777.

Na zona sudoeste da *domus* situada a nascente da rua foi possível identificar os silhares que formalizavam o canto da fachada (UE 0619). Por sua vez, foi possível individualizar o pilar referenciado com a UE 0693 e uma base de coluna (UE 0985), que aparenta estar *in situ*. Estes dois elementos arquitetónicos parecem desenhar uma pequena colunata associada àquela que poderia ser a entrada principal da habitação, que se abria ao pórtico oeste. Relacionado com esta entrada existia um pequeno *vestibulum*, com cerca de 9,80m<sup>2</sup> (área 1), que dava acesso ao interior da habitação. Assim, a fachada interior era delimitada pelo muro identificado pela UE 0681, com uma extensão conservada de 0,50m de comprimento, 0,80m de largura, que limitava o *vestibulum*. O *fauces* (área 2), corredor com cerca de 23,70m<sup>2</sup>, possibilitava a

passagem direta ao *peristylum*. O muro sul do referido corredor (UE 0657), está representado pelo negativo da vala de fundação (UE 0662), a que corresponde o enchimento referenciado com a UE 0665. A sul destes dois compartimentos existiria um vão de escadas (área 4) que faria ligação a um eventual piso superior (Magalhães, 2010:72).

Na área aberta do *peristylum* individualizamos o pilar que suportava a colonata, bem como o muro sul (UE 0802) que o delimitava. A canalização identificada pela UE 0759 também estaria associada ao peristilo, estando muito provavelmente associada à drenagem das águas de um possível tanque que existiria na parte central daquele espaço (Magalhães, 2010:72). Ainda, nesta zona da casa foi identificada uma outra canalização em material laterício (UE 0658), selada por um solo (UE 0670), que assinala a cota de utilização deste espaço.

Na linha da fachada norte conseguimos identificar uma possível entrada, que funcionaria como um acesso secundário ao interior da habitação. As estruturas que formalizam essa entrada são os blocos referenciados com as UE's 0949 e 1052, que deveriam suportar uma pequena colonata, bem como o muro identificado com a UE 0898, com uma sapata (UE 0897) o qual definia a fachada norte da casa. Pensamos que no limite este do referido acesso deveria estar localizado, provavelmente, o *tablinium* (área 16), um compartimento que deveria situar-se perto da rua para impedir que os clientes do dono da casa circulassem pela parte privada da habitação (Fernández Vega, 1999:145).

Na fachada oeste situavam-se quatro *tabernae* (áreas 8, 10, 11 e 12). Como limite do compartimento 10 identificamos o muro correspondente à UE 0687, orientado S/N. Este apresenta uma extensão preservada de 0,94m de comprimento e uma largura de 0,50m.

No compartimento 8 foram identificadas vários elementos que permitem interpretar este espaço como *taberna*, designadamente uma placa de mármore, que poderia corresponder à banca de um *thermopolium* (Magalhães, 2010:73). Como muros limite da divisão identificamos o que foi referenciado com a UE 0605, orientado O/E, conservado numa extensão de 0,70m de comprimento e com uma largura de 0,58m, o qual formalizaria o limite sul da zona comercial. A implantação deste muro é visível através do negativo para implantação da fundação (UE 0607), a que corresponde o enchimento referenciado pela UE 0537. O limite norte do espaço corresponde ao muro identificado com a UE 0637, orientado O/E, com um comprimento de 2,16m e uma largura de 0,44m. O limite oeste da loja é constituído por um muro orientado S/N (UE 1016), sendo o limite este constituído pelo muro assinalado com a UE 0654, com a mesma orientação. Dentro desta divisão foram identificadas várias estruturas, com destaque para as

referenciadas pelas UE's 0601 e 0606, que parecem definir os muros do balcão da loja, orientado S/N, para a assinalada com a UE 0608, com uma extensão de 0,56m de comprimento e uma largura de 0,20m, com orientação O/E, que limitaria o balcão da loja a norte e, por último, para o muro orientado O/E que definia o limite sul do mesmo balcão (UE 0604).

Na fachada sul foi identificada uma outra *taberna* aberta ao pátio (área 6). Os muros que estruturam este compartimento estão representados pela UE 0737, com orientação O/E, que definia a fachada sul, pela UE 0714, orientado S/N, com um comprimento de 0,62m e uma largura de 3,18m, que delimitava a parede este do compartimento. Estes dois muros possuem uma vala de fundação comum (UE 0740), o mesmo acontecendo com o enchimento (UE 0743). O limite norte deste espaço era constituído pelo muro referenciado pela UE 0636, possuindo uma extensão conservada de 0,66m de comprimento e 0,46m de largura. Tal como na divisão anterior, também aqui conseguimos identificar duas estruturas que fariam parte do balcão da loja, designadamente um muro orientado O/E com uma extensão de cerca de 1,52m de comprimento e 0,44m de largura (UE 0712). A construção deste muro é perceptível através da vala de fundação (UE 0775), em cujo enchimento (UE 0817) se detetaram fragmentos de uma base e parede de uma Drag. 15/17 e de *terra sigillata* hispânica. O muro que definia o limite este do balcão (UE 0815), com orientação S/N, possui uma extensão de 1,46m e uma largura de 0,40m. O nível de circulação desta loja foi caracterizado através da identificação de um enchimento de nivelamento (UE 0793), o qual deverá ter funcionado como preparação para assentamento do pavimento. Este nível está datado da 2ª metade do século I devido à identificação de fragmentos de cerâmica cinzenta fina polida e *terra sigillata* hispânica. Um outro nível de preparação do piso da loja foi identificado com a UE 0733, dele procedendo fragmentos de paredes Drag. 15/17 e Drag. 27, de *terra sigillata* hispânica, datáveis do último quartel do século I.

Na ala sul da casa, situava-se possivelmente um *cubiculum* (área 7), que deveria estar aberto para o peristilo, possuindo uma área de 31m<sup>2</sup> (Magalhães, 2010:72). Associado a este espaço estaria um conjunto de estruturas, como o muro divisório da *domus* assinalado pela UE 0798, com orientação S/N, visível numa extensão conservada de 4m e com uma largura de 0,74m, que delimitava o compartimento a nascente. A construção deste limite da casa é perceptível através da caracterização da vala de fundação do referido muro (UE 0785). O limite norte da divisão está representado por um muro orientado O/E (UE 0774), conservado numa

extensão de 1,58m de comprimento, registando 0,42m de largura. Associado a este compartimento encontra-se um pavimento (UE 0792). Trata-se de um piso em material laterício, cujo enchimento de preparação pode ser datado da última metade do século I. Esta datação é atribuída pela presença de tipos de Drag. 27, Drag. 29/37 e Drag.37 e *terra sigillata* hispânica. Associados a estes fragmentos identificamos também peças de cinzenta fina polida datadas da 2ª metade do século I.

No que se refere a estruturas de abastecimento de água presentes no interior da casa destacamos a canalização UE 0611, que provavelmente funcionou como estrutura de abastecimento de água à habitação, sendo a sua utilização datável desta fase de ocupação, tendo por base a cronologia de uma forma de Drag. 15/17 de *terra sigillata* hispânica datada do último quartel do século I, com ela associada, encontrada no seu enchimento UE 0653.

### 2.3-Fase III

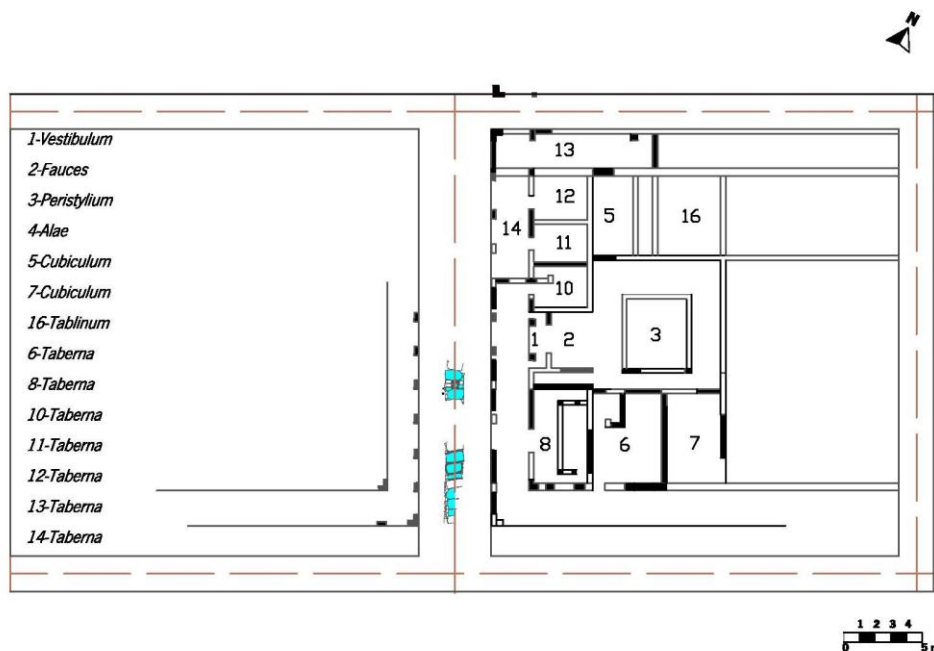


Figura 92 Planta interpretada Fase III

Tendo por base os dados fornecidos pela escavação podemos afirmar que a *domus* situada a nascente do cardo máximo sofreu uma reforma estrutural no Baixo-Império, datável entre os finais do século III e inícios do século IV. Neste sentido, podemos situar esta fase como correspondendo ao século IV (Apêndice 31).



Os muros que podemos individualizar como correspondentes a este período têm características construtivas particulares, semelhantes às que encontramos nos muros das termas do Alto da Cidade (Martins, 2005), onde se encontram muito bem datados. Por outro lado a sua inclusão nesta fase resulta da datação dos materiais identificados, quer nos enchimentos das valas de fundação, quer em níveis de ocupação, como é o caso da ânfora inteira do tipo Beltrán 72, variante B, datável entre o século III e os meados do século IV, ou os fragmentos pertencentes a peças em vidro, como a taça ampla de bordo em aba oblíqua datável de finais do século I d.C., a meados do século III, ou possivelmente século IV, o jarro de bocal afunilado, datado entre finais do século III e o século IV e ainda a taça arqueada funda, com decoração por gravação, com uma cronologia entre as décadas de 40 a 80 do século IV (Magalhães, 2010:70).

Nesta fase assinalam-se remodelações em alguns espaços da casa, muito embora não existam elementos suficientes para saber se a reforma realizada entre finais do século III/inícios do IV terá afetado toda a estrutura da casa (Figura 92). Tanto quanto nos é possível avaliar parece que, pelo menos um dos objetivos da reforma está associado ao aumento da área comercial, associada aos pórticos. De realçar, que o pórtico oeste foi fechado, possivelmente para ampliar o espaço útil das lojas. Assim, conseguimos identificar o muro referenciado com a UE 0591, que fechou a colunata do pórtico, o qual se conservou numa extensão de 2,28m de comprimento. A largura do muro é de 0,79m, facto que sugere que a fachada da casa possa ter avançado para o limite do antigo pórtico. A sua implantação e cronologia é perceptível através de uma vala de fundação (UE 0582) e respetivo enchimento (UE 0615). Incluímos ainda nesta fase um pilar do pórtico oeste (UE 0678), cuja construção implicou a abertura de uma vala de fundação (UE 0680).

Tanto quanto podemos perceber a entrada principal da casa continuou a ser feita pelo mesmo local, porque nessa zona não foram identificados vestígios do muro que fechava o pórtico.

O processo de encerramento do pórtico oeste foi reproduzido no pórtico norte, talvez com o mesmo objetivo de ampliar o espaço dedicado ao comércio. Assim, para o compartimento do pórtico oeste foi-nos possível identificar o muro referenciado pela UE 0902, com uma sapata (UE 0872). A implantação desta estrutura é visível através da sua vala de fundação (UE 0873). No pórtico norte individualizamos um muro (UE 1046) e a UE 0519 que compartimentaram este pórtico. A UE 1046 possui uma extensão conservada de 0,70m e uma largura de 1,10m, já a

UE 0519 apresenta 2,40m de comprimento e 0,56m de largura. Este fechamento do pórtico norte implicou a inutilização do acesso secundário ao interior da casa. Por sua vez, a largura do muro adverte-nos para que o mesmo possa ter passado a corresponder a um muro de fachada.

Uma outra mudança visível nesta fase foi a diminuição do peristilo, perceptível com a implantação de um muro (UE 0870), com 0,50m de comprimento e 0,40m de largura, que aumentou os compartimentos situados a sul.

O compartimento 6, onde foi encontrada uma ânfora intacta, disposta no solo, deve ter correspondido a um espaço comercial (Magalhães, 2010:73). Por sua vez a área 7, associada ao pórtico sul também sofreu algumas mudanças, nomeadamente a sua ampliação para norte. Esta remodelação é visível com a construção dos muros referenciados com as UE's 0635 e 0752.

No compartimento 10 verificamos a implantação de um muro onde anteriormente se localizaria a entrada, definido pela UE 0829, que corresponderia ao balcão desta loja. Identificamos um outro muro que limitava a fachada oeste do compartimento (UE 0820), do qual foi possível identificar a sapata (UE 0831). A construção das estruturas foi perceptível através do negativo da vala de fundação (UE 0832). Individualizamos ainda o muro que delimitava a divisão a norte (UE 0942), com uma extensão preservada de 1,30m de comprimento e uma largura de 1,22m. A sua implantação é visível através da vala de fundação (UE 0941).

A presença de um elevado número de lojas nesta unidade habitacional pode ser explicada pela sua proximidade relativamente à área do *forum*, bem como pelo facto da sua fachada oeste acompanhar um dos eixos mais importantes da cidade: o *cardo máximo*.

#### 2.4- Fase IV

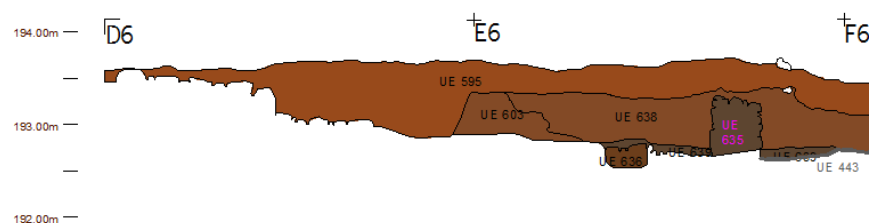


Figura 93 Corte 6. Representação das UE's 0603 e 0638 (Fase IV)

Na quarta de fase de ocupação identificamos algumas remodelações importantes da estrutura da habitação e os primeiros níveis associados à sua destruição. Tendo em conta as

características dos materiais associados a muros e saques julgamos poder situar esta fase entre os séculos V/VII (Apêndice 32).

Destacamos a vala de saque (UE 0650) da canalização referenciada pela UE 0686 cujo enchimento (UE 0638) forneceu fragmentos de peças de engobe vermelho com uma cronologia do século IV (Figura 93).

Por outro lado, o enchimento da vala de saque identificada pela UE 1207, referenciada como UE 1203 data o início da desafetação do pórtico.

Em termos de alterações à estrutura da casa, destacamos a fundação do muro identificado como UE 0622, uma vez que o enchimento da sua vala de fundação (UE 0603) contem materiais datados do século IV, designadamente uma forma Hayes 52 B.

Individualizamos, também, as UE's 0695 e 0696, como ombreiras de uma possível entrada de um novo compartimento que fechou o pórtico oeste.

O século V deverá datar o início do processo de desarticulação da estrutura *domus*, no decorrer do qual vamos assistindo à perda de funcionalidade dos principais espaços da casa, tal como verificamos em outros quarteirões da cidade, como por exemplo na *domus* das Cavalariças (Silva, 2013:49). Aparentemente o espaço foi sendo subdividido em várias habitações à semelhança do que deve ter acontecido noutras cidades da Hispânia, como será o caso de Mérida (Mateos Cruz e Caballero Zoreda, 2011:511). Neste período verificamos que as antigas *domus* foram transformadas em várias unidades habitacionais, conhecidas como casas de vizinhos (Martins e Silva, 2014:13).

Assim, nos finais do século V já não podemos descrever a *domus* porque esta tinha desaparecido, substituídas por novos espaços ocupados, cuja funcionalidade é difícil de precisar.

## 2.5- Fase V

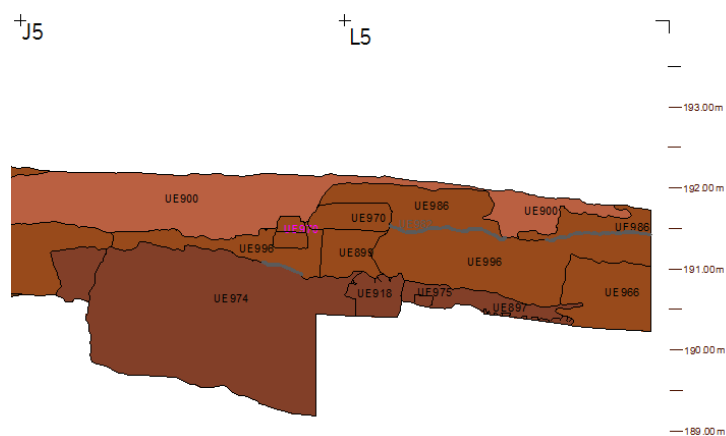


Figura 94 Corte 5. Representação as UE's 0974, 0918 e 0975 (Fase V)

A quinta fase de ocupação, que pode ser datada posteriormente aos séculos V-VII, corresponde ao abandono dos quarteirões situados a nascente e poente do cardo máximo, estando assinalado por grandes saques das estruturas, principalmente os grandes blocos de granito que podem ter sido reutilizados na construção da primeira muralha medieval.

A análise do espólio proveniente desta zona arqueológica permite-nos constatar que o abandono da área do quarteirão deverá ter ocorrido posteriormente ao século VII (Apêndice 33).

Neste sentido, podemos observar a destruição da fachada sul da casa através da identificação da vala de saque correspondente à UE 0711, cujo enchimento, representado pela UE 0736, fornece materiais com uma cronologia do século V, representados por fragmentos tanto de cerâmica de importação (parede de peça de *terra sigillata* africana Clara D), como de fabrico local, como é o caso da cerâmica cinzenta tardia.

Outra área que apresenta níveis de destruição é o compartimento 8, uma das tabernas do pórtico oeste. Identificamos a vala de saque, correspondente à UE 0616 do muro referenciado pela UE 1016, que limitava a fachada da zona comercial. No enchimento da vala de saque (UE 0618) foi possível identificar dois fragmentos de parede de *terra sigillata* africana Clara D e um fragmento de parede de cinzenta tardia.

Conseguimos ainda identificar a demolição de outro compartimento, correspondente à loja virada ao pórtico sul. Neste caso, individualizamos o saque dos muros (EU's 0774 e 0815) que definiam as paredes da área comercial e o próprio balcão. Nesta camada (UE 0760) foi detetado um conjunto variado de cerâmicas de importação, das quais destacamos uma forma Hayes 59B, uma Drag. 37T e uma forma Palol 5, ambas datáveis do século V. Foram ainda referenciados enchimentos associados ao abandono da loja, como o correspondente à UE 0723, onde foi encontrada uma peça quase completa de sigillata da forma Drag. 37T.

Por outro lado, quer o enchimento que define a inutilização dos muros referenciados pelas UE's 0637 e 0657, quer o nível identificado pela UE 0648, foram datados do século V, através de fragmentos de cinzenta tardia.

Também foi possível identificar a inutilização de canalizações através das respetivas valas de saque, de que constitui exemplo o saque referente à UE 0617, em cujo enchimento (UE 0878) detetamos um fragmento de engobe vermelho tardio que imita a forma Hayes 59B.

A *domus* localizada a oeste do cardo máximo também apresenta níveis de destruição que revelaram materiais de cronologia tardo antiga. O saque dos pilares do pórtico deu-se nesse

período, facto comprovado pelos materiais identificados no enchimento da vala de saque de um pilar (UE 0545), referente à UE 0547. Destacamos a presença de fragmentos de cerâmica cinzenta tardia e de *terra sigillata* africana Clara D.

Ao mesmo tempo registam-se os primeiros nivelamentos para a implantação de construções medievais. A título de exemplo individualizamos a UE 0528, correspondente a um enchimento de nivelamento que pode ser datado do século V devido à presença de fragmentos de *terra sigillata* Clara D.

Ainda identificamos a construção de novos muros, como é o caso do referenciado pela UE 0918, cujo enchimento da vala de fundação (UE 0974) fornece espólio com uma cronologia situada entre o século V e os inícios do século VI, devido à presença de fragmentos de paredes de *terra sigillata* africana Clara D2 e de um fundo de *terra sigillata* hispânica tardia (Figura 94). Também o muro que fechou o peristilo (UE 0644) que preenche o espaço de um antigo pilar pode ser datado desta fase. O muro possui uma extensão preservada de 0,70m de comprimento e 0,60m de largura.

## 2.6- Fase VI

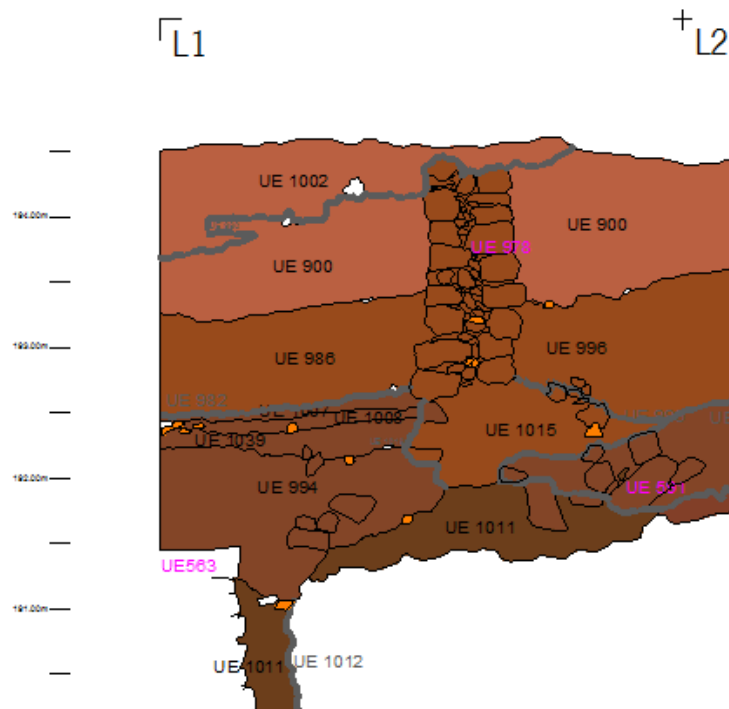


Figura 95 Corte 12. Representação das UE's 0994, 1039, 1008 e 1007 (Fase VI)

A sexta fase de ocupação caracterizada nesta zona arqueológica foi atribuída ao período medieval (séculos XIV/XV). A este momento associa-se a construção de novas estruturas que sobrepõem a antiga unidade habitacional, verificando-se igualmente a continuidade de grandes saques. Além disso, verifica-se a persistência do eixo viário romano que continua em utilização na época medieval passando a constituir a Rua Verde (UE 0566). Atribuímos ainda a esta fase a construção do muro limítrofe do logradouro e a reorganização da Rua Verde, que se alarga para sudoeste. Admitimos que estas ações construtivas estarão associadas ao edifício da Judiaria Nova, referido no I Tombo do Cabido, o qual tinha então a fachada virada para a Rua da Triparia, que se passou a designar por rua da Judiaria Nova, atual rua Santo António das Travessas (Ribeiro, 2008). O seu logradouro foi formalizado com a construção do muro limítrofe (UE 0505), arqueologicamente documentado na zona arqueológica em análise.

Em termos de alteração do espaço, verificamos a construção de novos muros sobre as ruínas da anterior unidade habitacional, facto que determina, em algumas zonas, o arrasamento das antigas estruturas.

Neste sentido, conseguimos individualizar um muro (UE 0523), com uma extensão preservada de 0,46m e uma largura de 0,52m, localizado a oeste da nova rua, perceptível através do negativo da vala de fundação (UE 0522), com o enchimento referenciado pela UE 0521. Identificamos ainda o muro de contenção da rua (UE 0621), que possui um comprimento preservado de 0,60m e uma largura de 0,80m.

Em termos de estruturas identificamos ainda o muro correspondente à UE 0627, com uma extensão preservada de 0,52m e uma largura de 0,20m, e o muro referente à UE 0654, com um comprimento de 2,99m e uma largura de 1,08m. Estas duas novas estruturas correspondem a edificações que se erguem sobre as antigas lojas da fachada oeste da antiga *domus*.

Por outro lado, o muro referenciado com a UE 0689, com um comprimento 3,26m e 0,80m de largura, assenta sobre a entrada oeste da antiga unidade habitacional. Também o muro definido pela UE 0944, com um comprimento conservado de 0,52m e uma largura de 0,96m, foi construído sobre o antigo pórtico oeste.

A esta fase pertence igualmente o muro circular definido pela UE 1035, com um comprimento preservado de 1,40m de comprimento e uma largura de 1,38m, que se implanta sobre uma antiga *taberna* da fachada oeste da habitação.

Dois outros muros identificados inutilizaram os anteriores compartimentos que foram edificados no pórtico norte. Falamos do muro correspondente à UE 1040, com uma extensão conservada de 1m de comprimento e 1,26m de largura e do muro referenciado pela UE 1048, com 0,86 de comprimento e 0,70 de largura. Um outro muro, identificado com a UE 0862, com uma extensão preservada de 2,3 m de comprimento e uma largura de 1,44m de largura, possuía uma vala de fundação (UE 0863). Estamos perante um muro que foi implantado sobre um compartimento da antiga *domus*. Conseguimos, ainda, identificar, como correspondente a esta fase, o muro registado com a UE 0911, que se implantou sobre o antigo cardo.

De acordo com os materiais presentes nas primeiras valas de saque das estruturas do edifício pensamos que este momento de destruição poderá ser datado de um período posterior ao século V/VI.

Para essa cronologia aponta a vala de saque do muro que fechou o pórtico oeste (UE 0591), bem como a da cloaca (UE 0563), em cujo enchimento (UE 0994) se referenciaram materiais datáveis entre os séculos XII/XIV (Figura 95). Referimo-nos, concretamente, à presença de um pote com asa de secção retangular e decoração com punção, peça que se insere no grupo I dos fabricos definidos por Alexandra Gaspar para a Rua Nossa Senhora do Leite (Gaspar, 1985:67).

Com base na conjugação dos conhecimentos disponíveis para outras zonas arqueológicas da cidade, como por exemplo, o quarteirão da Afonso Henriques nº42-56, e considerando a localização deste sítio em relação ao novo núcleo urbano pensamos que estes saques possam estar relacionados com a necessidade de pedra para a construção da cerca medieval (Martins *et al.*, 2014), que se ergue em momento ainda indeterminado da Alta idade Média, seguramente posterior ao século VIII e anterior ao século XIV.

Podemos concluir que esta zona arqueológica se caracteriza por uma escassa atividade construtiva no período que se sucede à Antiguidade Tardia, evidenciando, pelo contrário, o saque sistemático de estruturas. Este dado pode ser um indicador de que a área de estudo se transformou, progressivamente, no miolo de um quarteirão que passou a integrar o novo bairro das Travessas (Martins *et al.*, 2014).

Contudo, importa destacar que os materiais cerâmicos do período medieval estão presentes em diversos enchimentos das valas de saque dos muros anteriores, com destaque para um conjunto de formas, entre as quais se incluem os potes com e sem asa, jarras, pratos,

baldes, jarros, candis e tampas, com paralelo no reportório identificado na rua Nossa Senhora do Leite (Apêndice 34).

## 2.7-Fase VII

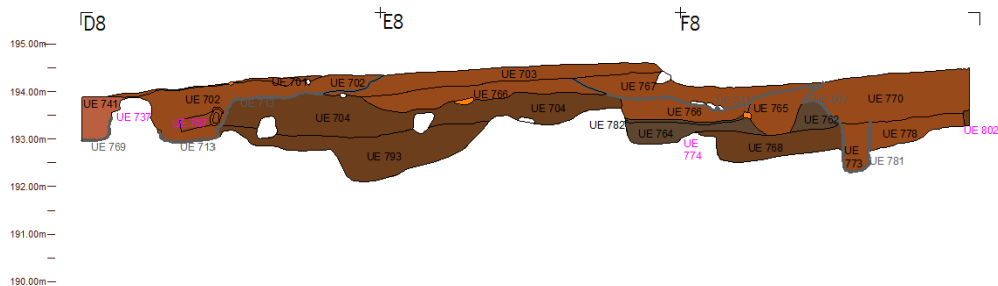


Figura 96 Corte 8. Representação das UE's 0701, 0702, 0703, 0707 e 0770 (Fase VII)

Nesta zona arqueológica foi possível confirmar uma evolução estratigráfica semelhante à já verificada em áreas limítrofes, designadamente na FCB/SAT e na rua Afonso Henriques. Atendendo aos materiais associados às estruturas que atribuímos a esta fase podemos datá-la da Idade Moderna (Figura 96).

A partir do século XIV as evidências arqueológicas para a área de estudo estão fundamentalmente associadas à utilização do espaço como logradouro, delimitado pelo muro identificado com a UE 0505, que corria paralelo à Rua do Couto do Arvoredo, do qual se conservam apenas os alicerces e algumas fiadas correspondentes ao grande eixo sul/noroeste. Por outro lado, também registamos a formação de níveis sedimentares com elevada potência, que têm como funcionalidade regularizar o terreno, como é o caso da camada identificada com a UE 0975. O espólio presente neste enchimento caracteriza-se pela predominância de cerâmica comum moderna (bilhas, potes, jarras e pratos).

Também verificamos a continuidade de grandes saques que provavelmente estão associados à necessidade de pedra para a construção da muralha fernandina, construída nos séculos XIV/XV. No enchimento da vala de saque identificada com a UE 1202 destacamos a presença de um importante número fragmentos de cerâmica comum moderna e vidrada contemporânea.

Por um lado, a calçada medieval foi sendo sucessivamente pavimentada (UE 0801), estando em uso até à abertura da nova rua a Frei Caetano Brandão, em 1880, facto comprovado pelos materiais associados, designadamente por cerâmica vidrada contemporânea.



Neste momento de ocupação identificamos a construção de algumas raras estruturas, tais como os muros referenciados pelas UE's 0840 e 0841 e um forno correspondente à UE 0842.

O forno está implantado sobre o enchimento (UE 0858) de uma fossa detritica, sendo datado da época moderna, devido caracterização de uma grande quantidade de cerâmica comum moderna. Trata-se de uma estrutura de combustão, que conservou apenas a sua base, sendo impossível perceber como se organizava a cobertura e o seu alçado. Do ponto de vista da sua funcionalidade julgamos ser pouco provável que se trate de um forno de cerâmica, uma vez que, ao contrário do verificado noutros sítios, não identificamos quaisquer vestígios relacionados com o desenvolvimento desta atividade (Mesqueda García, 1990; Rui Martín, 2009). Assim, descartamos a hipótese de se tratar de um forno de cerâmica, pois não apresenta soluções construtivas para cumprir essa função.

Na sétima fase de ocupação deste sítio destacamos a presença de produções de cerâmica comum moderna bem como peças vidradas e faianças (UE's 0515, 0568 e 0586) (Apêndice 35).

## 2.8- Fase VIII

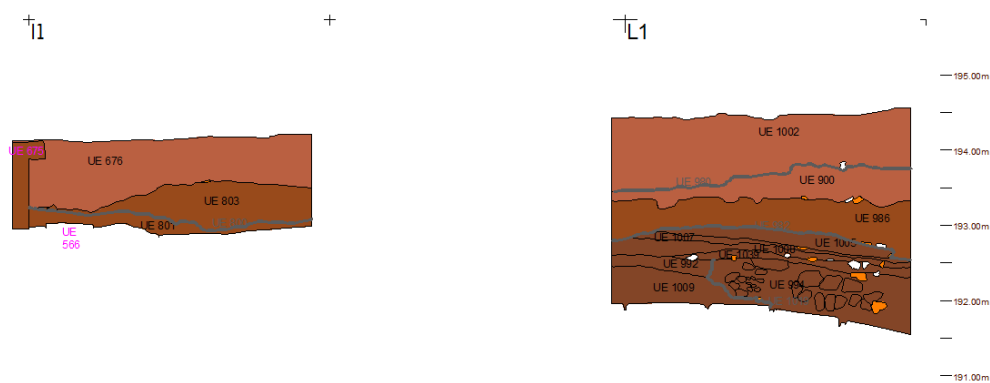


Figura 97 Corte 1. Representação das UE's 0676, 1002 e 0900 (Fase VIII)

A oitava fase de ocupação desta zona arqueológica está datada da Idade Contemporânea (Apêndice 36). Neste período abre-se a nova rua Frei Caetano Brandão, datada de 1880, a qual define um novo eixo viário, que contraria o alinhamento romano (Lemos e Leite, 2000:28) e constrói-se um novo muro delimitador do logradouro. Trata-se do muro referenciado com a UE 0505, que corresponde ao alargamento para ponte do logradouro inicial da Casa Grande de Santo António das Travessas. Aquando do seu desmonte, realizado no âmbito das

escavações, foi possível verificar que incorporava pedra e elementos arquitetónicos da época romana, bem como silhares resultantes do desmonte da muralha fernandina (Lemos e Leite, 2000:20).

Também neste período verificamos a persistência de valas de saque de estruturas anteriores, entre as quais podemos destacar, a título de exemplo, a identificada com a UE 0980, com o enchimento UE 1002 (Figura 97).

A história recente desta zona arqueológica associa-se à do edifício da antiga Judiaria Nova, que funcionou como sinagoga no século XIV e que foi utilizada como Albergue até aos anos 70 do século XX, após ter passado para a posse do Estado em 1941 (Lemos e Leite, 2000:16). Este edifício ocupava uma área de 700 metros quadrados, sendo circundado por um muro limítrofe (UE 0505), que se estendia ao longo das ruas de São Paulo (sul) e Frei Caetano Brandão (poente) (Lemos e Leite, 2000:16).

As últimas atividades construtivas reconhecidas neste local estão associadas à sua transformação e adaptação a uma moderna biblioteca, as quais determinaram a realização das escavações arqueológicas analisadas neste trabalho.

## **Considerações Finais**

---



Ao longo deste relatório apresentamos os resultados alcançados no decorrer do estágio realizado na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no âmbito do Mestrado em Arqueologia, referente ao ano académico 2013-2014.

O nosso estudo centrou-se no tema da arquitetura doméstica de *Bracara Augusta*, tendo-se pretendido analisar a evolução sofrida pela unidade habitacional detetada nas escavações realizadas no Ex Albergue Distrital nos anos 80 e 90 do século XX. Assim, procurámos analisar e sistematizar a evolução da ocupação do sítio, desde o período romano até à Idade Contemporânea, tendo sido analisados os dados procedentes das várias campanhas de escavação realizadas naquela zona arqueológica.

Os dados disponíveis constituem o resultado dos trabalhos de ação preventiva de minimização de impactes, decorrentes do projeto de construção da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, que foram realizados nos anos de 1982, 1992, 1995, 1996 e 1997.

No início do nosso estágio tínhamos como objetivo contribuir com novos dados para o estudo da casa romana, uma vez que a análise preliminar das ruínas sugeria a existência de uma *domus*, localizada a nascente do cardo máximo, também identificado nas escavações. Por outro lado, ao estudar a sequência de ocupação desta zona arqueológica pretendíamos obter novas informações sobre o processo evolutivo da cidade de Braga.

Contudo, no decorrer da nossa análise deparamo-nos com algumas dificuldades que esbateram os resultados que pretendíamos alcançar. Por um lado, foi-nos impossível observar diretamente as ruínas, uma vez que a zona intervencionada foi sobreposta pelo atual edifício da biblioteca já referida. Por outro, tivemos que lidar com as condicionantes que são intrínsecas ao exercício da arqueologia urbana, bem como às sucessivas sobreposições de construções de diferentes épocas e aos extensos saques que na maioria das vezes conduzem ao desaparecimento dos vestígios mais antigos. Assim, a tarefa de recuperar as planimetrias dos edifícios originais e a tentativa de compreensão da sequência evolutiva deste sítio arqueológico pode apenas ser considerada preliminar, exigindo futuros esforços de análise. Na verdade, trata-se de uma tarefa de grande complexidade, dificilmente compatível com os prazos limitados de que dispúnhamos para a realização deste trabalho. No entanto, a sua concretização afigura-se indispensável para se perceber como se organizavam os espaços construídos, neste caso concreto, uma unidade habitacional romana. Assim, as plantas interpretadas das casas são uma ferramenta indispensável para compreender as remodelações sofridas pela *domus* ao longo dos séculos da sua utilização.

Apesar de todas as dificuldades encontradas ao longo da realização do nosso estágio, relacionáveis com o objeto de estudo, conseguimos ultrapassar algumas delas, pelo que julgamos ter contribuído de alguma forma para uma melhor compreensão da evolução urbana e arquitetónica da cidade romana de *Bracara Augusta*, bem como para o entendimento dos processos evolutivos que se sucederam no espaço urbano da Braga tardo antiga e medieval.

Por outro lado, devemos sublinhar a experiência adquirida e a aprendizagem das bases metodológicas de trabalho de gabinete, que nos permitiram obter novas competências no uso de ferramentas informáticas, que pensamos serem indispensáveis para a prática da atividade arqueológica. Consideramos igualmente muito importantes as competências interpretativas que adquirimos, bem como os novos conhecimentos relativos à arquitetura romana e à sua evolução.

Relativamente ao nosso objeto de estudo, a zona arqueológica do Ex Albergue Distrital, queremos destacar a sua importância como sítio arqueológico no contexto mais geral das intervenções realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no âmbito do 'Projeto de Salvamento de Bracara Augusta'. Na verdade, estamos perante um sítio notável, pela natureza dos vestígios exumados, quer de âmbito urbanístico e arquitetónico, quer de âmbito sedimentar, quer ainda ao nível dos materiais exumados. As escavações realizadas entre 1980 e 1997 permitiram a identificação de um vasto conjunto de estruturas que correspondem a diferentes momentos de ocupação desta zona arqueológica da cidade, que podem ser balizados entre o século I e a atualidade. De facto, o logradouro do Ex Albergue é um dos espaços da cidade Braga em que a superfície escavada atingiu maior amplitude (700m<sup>2</sup>), seguindo-se à área ocupada pelo edifício das Termas do Alto da Cidade e pelo quarteirão das Carvalheiras (Lemos e Leite, 2000:18).

A zona arqueológica do Ex Albergue Distrital foi intensamente ocupada ao longo da época romana e no período tardo antigo, transformando-se em logradouro na Idade Média. Assim, verificamos neste local o mesmo processo já registado em outras áreas da cidade, designadamente na zona arqueológica da rua Afonso Henriques 42-56 (Martins, *et al*, 2014). No período medieval assinala-se uma profunda reorganização da morfologia dos quarteirões romanos, devido ao surgimento de outros que irão formalizar a morfologia do já mencionado bairro medieval da Travessas. Este apresenta quarteirões retangulares, que se reconfiguraram a partir da fusão e reparcelamento das anteriores *insulae* romanas (Martins e Ribeiro, 2013).

Por outro lado, também se pode considerar que este sistema de organização do espaço está associado ao aparecimento de um novo tipo de urbanização, a medieval, onde as casas

ocupam as áreas contíguas às ruas, agregando na parte traseira pequenos quintais, que vão formalizar a estrutura dos logradouros do interior dos quarteirões. Atualmente, algumas construções ainda preservam esta morfologia, principalmente na área correspondente ao centro histórico de Braga (Martins e Ribeiro, 2013).

Nesta zona arqueológica, através da interpretação conjunta das estruturas, da estratigrafia e dos materiais, conseguimos definir oito fases de ocupação, sendo a maioria das ruínas atribuíveis a uma *domus* e à sua transformação ao longo do tempo.

Na primeira fase de ocupação, situada entre Augusto/Tibério, incluem-se as estruturas mais antigas deste sítio arqueológico, associadas à fundação da cidade, como a cloaca e os embasamentos de pilares dos pórticos das futuras *domus*. A segunda fase de ocupação foi datada do período Flávio e corresponde à construção da *domus* localizada a nascente do cardo máximo. Na terceira fase de ocupação a referida unidade habitacional sofreu uma primeira remodelação, com uma cronologia atribuível ao Baixo-Império. Na quarta fase de ocupação identificamos algumas remodelações que podem ser datadas da Antiguidade Tardia. Na fase seguinte, datável da Alta Idade Média, dá-se o abandono da casa e assinalam-se os primeiros grandes saques das estruturas, principalmente dos grandes blocos de pedra granítica que foram utilizados na construção da primeira muralha medieval. A fase seguinte datará dos séculos finais da Idade Média, associada à construção do edifício que serviu como Judiaria Nova, cujo logradouro, foi delimitado por uma cerca. Estas ações construtivas acabaram por desafetar completamente as estruturas anteriores, muitas das quais continuaram a ser objeto de grandes saques, talvez destinados a obter pedra para a construção da nova cerca fernandina. A fase seguinte (VII), está relacionada com a ocupação moderna deste setor periférico da cidade, sendo de sublinhar a construção de um forno de funcionalidade desconhecida. Por fim, à última fase, datada da Idade Contemporânea, associamos a abertura da nova rua Frei Caetano Brandão e a construção de um novo muro delimitador do logradouro da Casa Grande de santo António das Travessas que funcionou como Albergue até aos anos 70 do século XX.

As ruínas atribuíveis ao período romano correspondem a uma *domus* de peristilo, localizada nas proximidades do *forum*, ladeada na fachada oeste pelo cardo máximo (Magalhães, 2013:22). Esta unidade habitacional ocupou um quarteirão da cidade romana, exibindo sensivelmente 35,50 m (117 pés) de comprimento, valor identificado noutras *domus* da cidade, como por exemplo na casa das Carvalheiras (Magalhães, 2013:22).

Assim, a *domus* do Ex Albergue Distrital integra-se no conjunto de casas de peristilo identificadas em *Bracara Augusta*. Nesta habitação destaca-se a presença de um espaço central aberto, caracterizado como peristilo, em redor do qual foram identificados diversos compartimentos, designadamente um *triclinium*, a nascente, um *tablinum* a norte e um *cubicula* a sul. O acesso ao interior da habitação podia-se realizar a partir do pórtico oeste, através de uma porta, que seria antecedida por uma pequena colunata, que possibilitava o acesso a um pequeno vestibulo, que fazia a ligação com o interior da casa através de um *fauces* (Magalhães, 2013:22). Esta era a entrada principal da casa, muito embora se perceba a existência de um acesso secundário, através do pórtico norte, ligando também com a área do peristilo.

Os vestígios identificados para a parte privada da unidade habitacional são reduzidos, uma vez que a maioria das evidências corresponde à parte pública da casa. Neste sentido, foram caracterizadas diversas *tabernae*, tanto rasgadas na fachada oeste, como na sul. No total foram individualizadas quatro lojas, com acesso a partir do pórtico oeste e uma no pórtico sul, sendo que no limite sudoeste da *domus* as *tabernae* têm a particularidade de conservar a presença de vestígios de balcão. (Magalhães, 2013:22). A predominância de espaços comerciais nesta unidade habitacional deverá estar relacionada com a sua proximidade em relação ao *forum*, bem como com a circunstância da fachada oeste acompanhar o eixo viário mais importante da cidade.

No Baixo-Império regista-se uma remodelação na estrutura da habitação, observando-se reformas em alguns espaços da casa e subdivisões de outras áreas. No entanto, o principal objetivo dessa reforma parece associar-se ao aumento da área comercial, registando-se o encerramento dos pórticos oeste e norte, com o intuito de aumentar a área útil das lojas.

No decorrer do nosso estudo conseguimos definir diferentes espaços pertencentes à *domus*, tais como áreas comerciais abertas aos pórticos, as *tabernae*, uma área de circulação, o peristilo, áreas de representação, como o *tablinum* e o *triclinium* e, por fim, áreas reservadas como o *cubiculum*.

Pensamos que o estudo desta *domus* pode contribuir para compreender melhor a sociedade romana de *Bracara Augusta*, pois através dela conseguimos compreender o nível social, económico e cultural das elites que construíram e viveram neste tipo de casas. Neste sentido, o nosso trabalho constitui um modesto contributo para se conhecer melhor a estrutura e funcionamento das *domus*, tendo permitido recolher novas informações sobre a sociedade de *Bracara Augusta*, uma vez que conseguimos analisar a construção, funcionamento e abandono desta unidade habitacional.



Ao longo das fases de ocupação medievais, verificamos a existência de grandes saques para suprir as necessidades de pedra para as novas construções, designadamente das duas cercas medievais. Assim, o subsolo do logradouro do Ex Albergue Distrital constituiu uma fonte permanente de fornecimento de pedra já talhada, a que sempre se recorreu, posteriormente ao abandono das construções romanas e tardo antigas (Lemos e Leite, 2000: 19).

Apesar de todas as mudanças, verificamos que os alinhamentos estabelecidos no Alto-Império perduraram ao longo de cerca de mil e duzentos anos. De facto, as estruturas construídas no Baixo-império e na Idade Média mostram a persistência de um dos principais eixos de circulação romana, na circunstância o *cardo* máximo que persistiu na rua do Couto do Arvoreda, em funcionamento até finais do século XIX (Martins e Ribeiro, 2012).

Em suma, com este estudo conseguimos analisar a sequência estratigráfica, o espólio cerâmico, o tipo de construção e a funcionalidade das ruínas identificadas numa zona arqueológica de importância estratégica para a compreensão da cidade romana, atendendo à sua proximidade do *forum*. Desta forma, foi possível distinguir nesta zona da cidade evidências relacionadas com a fase fundacional, como os embasamentos de pilares e a construção da cloaca, infraestrutura indispensável da cidade romana e com a construção e sucessiva ocupação de uma *domus*. Foi igualmente possível estudar os processos de sedimentação subsequentes ao seu abandono e à lenta transformação do local num logradouro, situação que se manteve até à construção da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva que viria a ocupar a totalidade da área escavada. Enfim, uma longa história, com dois mil anos, que tivemos o privilégio de vislumbrar.



## **Referências Bibliográficas**

---



- Alba Calzado, M. (2005). La vivienda en Emerita durante la Antigüedad Tardía: Propuesta de un modelo para Hispania', in *VI Reunion de Arqueologia Cristiana Hispanica. Las ciudades tardoantiguas de Hispania: cristinizacion y topografia*, Barcelona, pp.121-150
- Alarcão, J. (1985) *Introdução ao estudo da casa romana*, *Cadernos de Arqueologia e Arte*, 4, Coimbra
- Alarcão, J. e Etienne, R. (1977) *Fouilles de Conimbriga - I - L'architecture*, *Mission Archéologique Française au Portugal e Musée Monographique de Conimbriga*, De Boccard, Paris
- Balil, A. (1991) *Domus Parva Sed Mea. El sentido de la casa y el hogar a través de la distribución de sus elementos y partes. In La Casa Urbana Hispanorromana Ponencias y comunicaciones*, Institución Fernando El Católico, Zaragoza, pp.11–13
- Beard, M. (2010) *Pompeia O dia-a-dia da mítica cidade romana*, Ed. Esfera dos livros 1ª edição, pp.111-158
- Beltrán Lloris, M. (1991a) La Casa Urbana Hispanorromana, in *La Casa Urbana Hispanorromana Ponencias y comunicaciones*, Institución Fernando El Católico, Zaragoza
- Beltrán Lloris, M. (1991b). La Colonia Celsa. *In La Casa Urbana Hispanorromana Ponencias y comunicaciones*, Institución Fernando El Católico, Zaragoza, pp.131–164
- Bermejo Tirado, J. (2014). *Arqueología biopolítica. La sintaxis espacial de la arquitectura doméstica romana en la Meseta oriental*, Colección Arqueología y Patrimonio, Ediciones LAERGASTULA, Madrid
- Carpiceci, A. C. (2004). *Pompeia, Hoje e como era 2000 anos atrás*, Bonechi Edizioni "IL Turismo", Florença
- Córdoba de La Llave, R. (1995) *Innovación técnica y desarrollo industrial en la Península Ibérica durante la Edad Media*, in *Actas de las I Jornadas sobre minería y tecnología en la Edad Media peninsular*, pp.217-246
- Córdoba de La Llave, R. (2002), *Las técnicas preindustriales*, "Historia de la Ciencia y de la Técnica en la Corona de Castilla", t. II, pp.334-382
- Correia, V. (2010) *A arquitetura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*, tese doutoramento Faculdade Letras Universidade Coimbra
- Cortés Vicente, A. (2009). *L'Arquitectura doméstica de les ciutats romanes de Catalunya, en época tardorepublicana i alto imperial*, Tesi doctoral, Facultat de Filosofia i Letras, Universidade Autònoma de Barcelona, Barcelona  
<https://sites.google.com/site/ad79eruption/pompeii/regio-vi/reg-vi-ins-11/house-of-the-labyrinth>
- Delgado, M. Morais, R. e Ribeiro, J. (2009). *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*, CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar – Cultura, Espaço e Memória), Braga

- Dias, L.A.T. (1995) *Tongobriga*, Dissertação de Doutoramento em Pré-história e Arqueologia, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras
- Etiénne, R. (1992) *La vida cotidiana en Pompeya*, Madrid, Ediciones Temas de Hoy, pp.279-320
- Fernandez Vega, P.A. (1999) *La casa romana*, Ediciones Akal, Madrid, pp.55-437
- Fontes, L. Lemos, F. S. e Cruz, M. (1997-98). “Mais Velho” que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: noticia preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, 14/15, Série II, Braga, pp.137–164
- GASPAR, A. (1985): “Escavações Arqueológicas na Rua de N.ª. S.ª. do Leite, em Braga”, *Cadernos de Arqueologia*, Serie II, 2, Braga, pp.51-126
- Gros, P. (2001). L’habitat dans les provinces occidentales, Nicolini, G. (dir.), *L’Architecture Romaine, du début du IIIe siècle avant J-C à la fin du Haut-Empire, Maisons, palais, villas et tombeaux*, Vol.2, Chapitre 3, Les Manueles D’art et D’Archéologie Antique, Éditiones A. Et J. Picard, Paris, pp.136–213
- Guillén, J. (1977). *URBS ROMA. Vida y costumbres de los romanos - La vida privada*, Vol. I, 4ª edição, Ediciones Sígueme, Salamanca, pp.57–92
- Le Roux, P. (1994). *Bracara Augusta, ville Latine*, *Atas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), SPAE, Porto, pp.229–241
- Lemos, F.S. e Leite, J. F. (2000) *Trabalhos Arqueológicos no Logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (ex-Albergue Distrital)*, Fórum, 27, Jan. – Jun., Braga, pp.15-38
- Magalhães, F. (2010) *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta*, tese de mestrado Universidade Minho, Braga
- Magalhães, F. (2013) *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta. Interconexões*. Revista de Ciências Sociais. N.º1, pp.13-30  
<http://www.interconexoes.com/artigos.html>
- Magalhães, F. (2013a). As áreas residenciais de circulação e de representação das *domus* de *Bracara Augusta*, *Estudios Humanísticos. Historia*, N.º 12, León, pp.39–63  
<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4609828>.
- Magalhães, F. (2014). The domestic architectures of *Bracara Augusta* and its evolution, in *XVIII CIAC: Centre and periphery in the ancient world. The domestic habitat in the classic world. Types*, Mérida, pp.129-131
- Mar, R. (1995) *Las casas de átrio en Pompeya. Cuestiones de tipología. Archeologia classica: rivista del Dipartimento di Scienze storiche archeologiche e antropologiche*, n.º 47, pp. 103-137

- Martínez Peñín, R. (2011) La actividad alfarera en la ciudad de León durante los siglos medievales, *Anuario de Estudios Medievales*, 41/2, pp.147-176
- Martínez Peñín, R, Magalhães, F. e Martins, M. (2014) Contribución de las producciones de cerámica tardoantiguas para el estudio de la ciudad de Braga, *Oppidum*, N° 7, Câmara Municipal de Lousada, pp.37-54
- Martins, M. (1997/98) *A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto*, Cadernos de Arqueologia, Série II, 14 -15, Braga, pp.23–45
- Martins M. (2000) *Bracara Augusta, Roteiros Arqueológicos 2, Casa das Carvalheiras*, Unidade Arqueologia Braga
- Martins, M. (2004). Urbanismo e Arquitectura de Bracara Augusta. Balanço dos contributos da Arqueologia Urbana. In *Simulacrae Romae. Roma y las capitales provinciales del occidente europeu*, Estudos Arqueológicos, pp.149–173
- Martins, M. (2005). As termas romanas do Alto da Cividade. Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta, In Martins, M. (coord.) *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 1*, UAUM /NARQ, Braga
- Martins, M. (2009). Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo, In Dopico Cainzos, D., Rodríguez Alvarez, P. e Villanueva Acuña, M. (eds), *Do Castro á Cidade. A Romanización na Gallaecia e na Hispania indoeuropeia, Actas do Curso de Actualización sobre a romanización de Galiza*, Lugo, pp.167–198
- Martins, M. Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A Arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30
- Martins, M. e Fontes, L. (2010). Bracara Augusta. Balanço de 30 anos de investigação arqueológica capital da Galécia Romana. In *Simulacra Romae II. Rome, les capitales de province (capita prouinciarum) et la création d'un espace commum européen. Une approche archéologique. Bulletin de la Societé archéologique champenoise*. Mémoire n° 19, pp.111–124
- Martins, M., Meireles, J., Fontes, L., Ribeiro, M. C., Magalhães, F. e Braga, C., (2012a). *Água. Um Património de Braga*, UAUM (Unidade de Arqueologia Universidade do Minho) e CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória), Braga
- Martins, M., Meireles, J., Ribeiro, M. C., Magalhães, F. e Braga, C. (2012b). The Water in the city of Braga from Roman Times to the Modern Age, In Porfyriou, H. e Genovese, L. (coord.), *Water shapes. Strategie di valorizzazione del patrimonio culturale legato all'acqua*, PALOMBI EDITORI, Roma, pp.65–82
- Martins M., Ribeiro, J., Magalhães, F. e Braga, C. (2012). Urbanismo e Arquitetura de Bracara Augusta. Sociedade, economia e lazer, In Ribeiro, M. C. e Melo, A. (coord.), *Evolução da paisagem urbana. Sociedade e economia*, CITCEM, Braga, pp.29–69

- Martins, M. e Ribeiro, M. C. (2012). Gestão e uso da água em Bracara Augusta. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Vaz de Freitas, I. e Val Valdivieso, M.I. (coord.), *Caminhos da Água – Paisagens e Usos na Longa Duração*, CITCEM, Braga, pp.9–52
- Martins, M., Mar, R., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2013). A construção do teatro romano de Bracara Augusta, In Melo, A. e Ribeiro, M. C. (coord.), *III Colóquio Internacional História da Construção. Arquiteturas e técnicas Construtivas*, CITCEM, Braga, pp.41-74
- Martins, M. e Ribeiro, M. C. (2013). Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração, Ribeiro, M.C. e Melo, A. (coord.), *II Colóquio Internacional Evolução da Paisagem Urbana. Transformação morfológica dos espaços urbanos*, CITCEM, Braga, pp.11-44
- Martins, M, Ribeiro, J, Magalhães, F. e Martínez Peñin, R. (2014) Metamorfoses de um espaço urbano. A sequência de ocupação da Zona Arqueológica da R. Afonso Henriques N° 42 a 56, em Braga, *Oppidum*, N° 7, Câmara Municipal de Lousada, pp.42-53
- Mateos Cruz, P. e Caballero Zoreda, L. (2011) El paisaje urbano de Augusta Emerita en época tardoantigua (siglos IV-VII), Alvarez Martínez, J.M. e Mateos Cruz, P. (coord.) *Actas del Congreso Internacional 1910 – 2010: El Yacimiento Emeritense*, Mérida, pp.505-520
- Mesqueda Garcia, M. (1990) *La cocción de cerámica en un horno medieval*, in *Actas del Seminario sobre la tecnología de la cocción cerámica*, pp.121-138
- Mckay, A. G. (1975) *Houses, Villas and Palaces in the Roman World*, Ithaca, NY Cornell University Press 1975
- Mau, A. (1899) *Pompei its life and art*. Washington
- (1908) *Pompei in Leben und Kunst*. Leipzig
- Morais, R. (1988) Moldes de situlas com decoração geométrica em Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, Braga, pp.23-33
- Morais, R. (1997-98) Importações de cerâmicas finas em Bracara Augusta: da fundação até à época flávia, *Cadernos de Arqueologia*, 14/15. Série II, Braga, pp.47–136
- Morais, R. (1998). As ânforas da zona das Carvalheiras. Contributo para o estudo das ânforas romanas de Bracara Augusta, *Cadernos de Arqueologia*, Monografia 8, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga
- Morais, R. (2005) Autarcia e comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade, In Martins M. (coord.) *Bracara Augusta*. Escavações Arqueológicas 1, UAUM/NARQ, Braga
- Nissen, H. (1877) *Pompejanische Studien zur Stadtekunde des Aertums*. Leipzig



- Overbeck, J. e Mau, A. (1884) *Pompei in seinen Gebäuden, Alterthümern und Kunstwerken*, Leipzig
- Paoli, U.E. (2000) *Urbs. La vida en la Roma Antiga*, Editorial Ibéria, Barcelona
- Patroni, G. (1941) *Architettura preistorica ed itálica. Architettura etrusca*, Milano
- Ribeiro, J. (2010) *Arquitetura romana de Bracara Augusta, uma análise as teses edilícias*, Tese doutoramento, Universidade do Minho, Braga  
<http://hdl.handle.net/1822/12232>
- Ribeiro, M. C. (2008). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*, Tese doutoramento, Universidade Minho, Braga  
[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8113/4/MCRibeiro\\_PhD\\_Anexo\\_e\\_Apendices.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8113/4/MCRibeiro_PhD_Anexo_e_Apendices.pdf)
- Rui Martin, M.C. (2009) *Algunos aspectos de la producción y comercio de la cerámica barcelonesa de los siglos XV-XVI*, in *VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*, t. I, pp.135-140
- Silva, Juliana (2013) *A domus da Zona Arqueológica das Antigas Cavalariças de Braga. Contributo para o estudo da arquitetura doméstica em Bracara Augusta*, tese de mestrado Universidade do Minho, Braga
- Silva, J. e Martins, M. (No Prelo) *Evolução e análise funcional de uma domus romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das antigas Cavalariças de Braga*. in R. Martinez Peñin; J. Ribeiro; F. Magalhães e C. Braga (coord.) *Evolución de Los Espacios Urbanos Y Sus Territorios en El Noroeste de La Península Ibérica*. Instituto de Estudios Medievales e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, León. [ISBN978-84-942791-8-8]
- Teixeira, H. (2012). *Sistemas de abastecimento e drenagem de água a Bracara Augusta: aquedutos, canalizações e cloacas*, Tese mestrado, Universidade Minho, Braga  
<http://hdl.handle.net/1822/23342>
- Thébert, Y. (1989). *Vida privada e arquitectura doméstica na África Romana*, In Ariés, P. Duby, G. (dir.), *História da vida privada. Do império romano ao ano mil*, Vol. I, Edições Afrontamento, Porto, pp.301–397
- Uribe Agudo, P. (2008). *La edificación doméstica urbana romana en el Nordeste de la Península Ibérica (séc. I a.C – III d. C)*, Tese de doutoramento, Universidad de Zaragoza, Zaragoza  
[http://biblioteca.unizar.es/tdr/tdr\\_acerca.php](http://biblioteca.unizar.es/tdr/tdr_acerca.php)
- Zabaleta Estévez, M. (2000). *Hallazgos Numismáticos de los comienzos de Bracara Augusta*. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, VI. Porto, Adicap, pp.395-399

